

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**



**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

***“No mar estava escrita uma cidade”:* Registros fotográficos do veraneio em  
Tramandaí (1900-1960)**

**Lilian Oliveira Trevisan Lima**

**Pelotas, 2025**

**Lilian Oliveira Trevisan Lima**

***“No mar estava escrita uma cidade”:* Registros fotográficos do veraneio em  
Tramandaí (1900-1960)**

Dissertação apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em História, da  
Universidade Federal de Pelotas, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Mestra em História.

Orientador: Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

**Pelotas, 2025**

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação da Publicação

L732m Lima, Lilian Oliveira Trevisan

*"No mar estava escrita uma cidade"* [recurso eletrônico] : registros fotográficos do veraneio em Tramandaí (1900-1960) / Lilian Oliveira Trevisan Lima ; Aristeu Elisandro Machado Lopes, orientador. — Pelotas, 2025.

130 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2025.

1. Veraneio. 2. Tramandaí. 3. Cultura Visual. 4. Fotografia. 5. Sociabilidade. I. Lopes, Aristeu Elisandro Machado, orient. II. Título.

CDD 770.981

Elaborada por Fabiano Domingues Malheiro CRB: 10/1955

Lilian Oliveira Trevisan Lima

**“No mar estava escrita uma cidade”: Registros fotográficos do veraneio em  
Tramandaí (1900-1960)**

Dissertação Aprovada como requisito parcial, para obtenção do Título de Mestra em História, Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 05 de junho de 2025.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes (Orientador)

Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eliane Cristina Deckmann Fleck (UFPel)

Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Cláudio de Sá Machado Junior

Doutor em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Prof. Dr. Charles Monteiro

Doutor em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

*Dedico este trabalho à minha mãe, que, assim como milhares de outras pessoas, trabalha incansavelmente a cada temporada para que o veraneio gaúcho aconteça.*

## AGRADECIMENTOS

*"Life is like a poem written on a bathroom wall  
A decorated list of all the things you've felt before  
It's not a perfect narrative, there's beauty in mistakes  
It's time to love somebody who won't try to change your way"<sup>1</sup>*  
*(Best Friends, 5 Seconds of Summer)*

Escolher ser historiadora e professora em um país no qual essas profissões são extremamente desvalorizadas, e cujos profissionais são constantemente atacados e descredibilizados, não é uma tarefa fácil. Por isso, eu não poderia deixar de começar agradecendo à Lilian de 17 anos, que enfrentou muitas críticas e teve a coragem necessária para seguir esse sonho. Eu mentiria se dissesse que foi fácil, mas também mentiria se dissesse que não valeu a pena.

Aos meus pais, Eliane e Silvino, e à minha irmã, Yasmin, agradeço por todo o apoio que tive em todos os meus sonhos, mesmo naqueles que eles nunca entenderam. Eu não seria ninguém hoje se não fosse por eles. Infelizmente, como em tantas famílias brasileiras, meus pais não tiveram o privilégio de se dedicarem aos estudos quando tinham a minha idade, mas isso nunca os impediu de moverem montanhas, se fosse preciso, para que esse cenário fosse diferente comigo. Mesmo eu tendo que morar longe, perdendo aniversários, feriados e tantos outros dias especiais para conseguir seguir esse sonho, eles nunca reclamaram e jamais deixaram de me incentivar. Tudo que eu sou hoje é graças ao esforço deles.

Também não posso deixar de expressar minha gratidão ao melhor orientador que alguém poderia ter, Aristeu Lopes, por ter abraçado esta pesquisa desde o nosso primeiro contato e por ter me ajudado de uma forma inexplicável ao longo dela. Sua paciência, dedicação, compreensão e apoio foram fundamentais para que este trabalho existisse hoje e para que eu pudesse evoluir não apenas como pesquisadora, mas como ser humano.

---

<sup>1</sup> Tradução: "A vida é como um poema escrito na parede de um banheiro,  
Uma lista decorada de todas as coisas que você já sentiu antes  
Não é uma narrativa perfeita; há beleza nos erros  
É hora de amar alguém que não tentará mudar quem você é."

Agradeço imensamente a todos os professores e servidores do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas (PPGH/UFPel), especialmente aos professores Daniele Gallindo Gonçalves e Darlan Marchi, pessoas fundamentais para o início da escrita desta dissertação. Ainda, agradeço à professora Eliane Fleck por todas as conversas, discussões de textos, livros de presente, indicações, conselhos e, acima de tudo, pelo carinho e apoio emocional tanto nas disciplinas quanto nas reuniões do Grupo de Estudos de História Cultural — um espaço que começou com a intenção de nos dedicarmos aos estudos culturais e que acabou se tornando um lugar de acolhimento. Junto à professora Eliane, agradeço também ao professor Charles Monteiro. Essa dupla foi a melhor escolha possível para a minha banca de qualificação, e sou imensamente grata por cada contribuição dada naquele momento. Estendo meus agradecimentos ao professor Cláudio de Sá Machado Junior, que foi um acréscimo imensurável à banca para a defesa. A leitura atenta e as contribuições tão calorosas e acertadas desse trio foram um presente nesse momento tão especial.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), agradeço pela bolsa que tornou possível minha mudança para Pelotas e minha permanência na cidade durante todos os meses do mestrado.

Um agradecimento mais que especial aos profissionais que trabalham arduamente na gestão e preservação do acervo do Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister (MHMPAH), do Núcleo de Pesquisa em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NPH/UFRGS) e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRS). Em todos esses lugares, fui recebida com imenso carinho e cuidado, e esta pesquisa só foi possível graças ao trabalho dedicado desses profissionais.

Também gostaria de agradecer aos meus colegas do PPGH por todas as conversas trocadas, pelas indicações de leitura e pelo companheirismo nesses dois anos. Um agradecimento especial à Marina — minha *gêmea*, como gostamos de nos chamar —, à Lilian, à Tamara, à Luísa, à Geza e à Larissa — amigas maravilhosas que o PPGH colocou na minha vida. Com certeza, esta pesquisa se tornou muito mais leve por tê-las ao meu lado. Agradeço também à Amanda, uma irmã que a graduação me deu e que, mesmo morando longe, nunca deixou de me incentivar. Quero ainda agradecer à Larissa e à Nathalia, minhas companheiras de apartamento em Pelotas,

que acompanharam todos os meus surtos com essa pesquisa, sempre com muito bom humor e companheirismo. À Vivian, agradeço por ser um apoio imensurável na reta final da escrita dessa dissertação, espero que possamos viver muita pesquisa e títulos do *Corinthians* juntas no futuro.

Agradeço ainda às minhas amigas virtuais por todo o apoio e carinho nesse período. O *Twitter* é uma espécie de refúgio para mim desde os 11 anos, mas nem nos meus melhores sonhos eu esperava encontrar pessoas tão especiais por lá. Mesmo cada uma estando em um canto do Brasil — algumas nunca nem mesmo tendo me visto pessoalmente —, sempre me ouviram falar sobre as dificuldades da minha trajetória e me apoiaram em cada passo que dei. Nenhuma palavra no mundo seria capaz de expressar a minha gratidão.

Por fim, mas de forma alguma menos importante, agradeço aos meus parceirinhos de quatro patas por serem a minha maior fonte de alegria na vida, por cada dia que estudei com um deles nos meus pés, no meu colo ou deitados na cama me encarando. Que felicidade é poder compartilhar a minha vida com eles. A saudade de casa aperta todos os dias, mas saber que serei recebida com a maior festa do mundo por eles, todas as vezes que volto, é uma motivação imensurável.

## **RESUMO**

Esta dissertação analisa o desenvolvimento do veraneio no município de Tramandaí, localizado no litoral norte do Rio Grande do Sul, a partir da análise de registros fotográficos produzidos entre 1900 e 1960. Conhecida como “a capital das praias” do estado, para muitos veranistas, principalmente de Porto Alegre e da sua região metropolitana, “Tramandaí” e “praia” são praticamente sinônimos, sendo a temporada balneária um dos pilares da cultura local. Diante desse contexto, esta pesquisa partiu do pressuposto de que, embora essa relação esteja consolidada atualmente, ela passou por um processo de invenção — o qual foi o eixo central deste estudo. As fotografias eram a forma encontrada pelos veranistas para eternizar os meses vividos junto ao mar, funcionando como prova visual de que esses momentos realmente aconteceram. Neste trabalho, os registros fotográficos foram utilizados como fontes para a análise dos códigos culturais da temporada, permitindo compreender as transformações pelas quais essa prática passou ao longo de seis décadas — desde as viagens até Tramandaí, passando pelo encontro dos veranistas com o mar, até as relações estabelecidas entre os veranistas, os hotéis e demais espaços de sociabilidade da cidade.

**Palavras-chave:** Veraneio; Tramandaí; Cultura Visual; Fotografia; Sociabilidade.

## ABSTRACT

This dissertation analyzes the development of summer vacation in Tramandaí, located on the northern coast of Rio Grande do Sul, through the examination of photographic records produced between 1900 and 1960. Known as “the capital of the beaches” in the state, Tramandaí has long been associated with the seaside experience for many vacationers, particularly those from Porto Alegre and its metropolitan area, to the point where “Tramandaí” and “beach” have become almost synonymous. The beach season is one of the cornerstones of local culture. Given this context, the research is based on the premise that, although this association is well established today, it underwent a process of invention — which constitutes the central focus of this study. Photographs served as a means for vacationers to eternalize the months spent by the sea, functioning as visual evidence that these moments truly took place. In this study, photographic records are employed as sources for analyzing the cultural codes of the beach season, enabling an understanding of the transformations this practice underwent over six decades — from the journeys to Tramandaí, through the vacationers’ encounters with the sea, to the relationships established among vacationers, hotels, and other spaces of sociability in the town.

**Keywords:** Summer vacation; Tramandaí; Photography; Visual Culture; Sociability.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1: Visão da distância entre Porto Alegre e Tramandaí .....</b>	37
<b>Figura 2: Carro de boi do início do século XX .....</b>	41
<b>Figura 3: Carros de boi utilizados pelos veranistas.....</b>	42
<b>Figura 4: Veículos utilizados pelos vilegiaturistas .....</b>	44
<b>Figura 5: Veículos em frente ao Hotel Sperb .....</b>	46
<b>Figura 6: Bondinho de Tramandaí.....</b>	47
<b>Figura 7: Posto Standard.....</b>	49
<b>Figura 8: Veículo do Expresso Nordeste em frente ao empreendimento de Ego Hoffmeister .....</b>	50
<b>Figura 9: Ônibus da Transportes Jaeger.....</b>	52
<b>Figura 10: Ônibus que levavam os veranistas a Tramandaí.....</b>	54
<b>Figura 11: Posto de fiscalização do DAER .....</b>	55
<b>Figura 12: Dindinho.....</b>	56
<b>Figura 13: Grupos de vilegiaturistas na praia de Tramandaí durante a década de 1920 .....</b>	60
<b>Figura 14: Homens na praia de Tramandaí na década de 1920 .....</b>	62
<b>Figura 15: Mulheres na praia de Tramandaí na década de 1920 .....</b>	63
<b>Figura 16: Crianças e famílias na praia de Tramandaí durante a década de 1920 .....</b>	65
<b>Figura 17: Famílias na praia de Tramandaí na década de 1920.....</b>	66
<b>Figura 18: Banhos de mar em Tramandaí na década de 1920 .....</b>	68
<b>Figura 19: Banhistas em Tramandaí no início da década de 1930 .....</b>	72
<b>Figura 20: Colagens de fotografias de Tramandaí publicadas na revista <i>A Gaivota</i> (1934, 1939, 1941 e 1944) .....</b>	74
<b>Figura 21: Homens na praia de Tramandaí na década de 1940 .....</b>	77
<b>Figura 22: Guarda-vidas em Tramandaí em 1948 .....</b>	78
<b>Figura 23: Mulheres em Tramandaí em 1948 .....</b>	80
<b>Figura 24: Cartões-postais de Tramandaí (1953 e 1955) .....</b>	83
<b>Figura 25: Cartão-postal de Tramandaí (1955) .....</b>	84
<b>Figura 26: Cartão-postal de Tramandaí (1955) .....</b>	85
<b>Figura 27: Cartões-postais de Tramandaí (1953 e 1958) .....</b>	86
<b>Figura 28: Hóspedes em frente ao Hotel Sperb (Década de 1920).....</b>	91
<b>Figura 29: Exterior do Hotel Sperb (Década de 1920) .....</b>	93
<b>Figura 30: Interior do Hotel Sperb (1903) .....</b>	94
<b>Figura 31: Hóspedes do Hotel Corrêa (1929 e 1930) .....</b>	98
<b>Figura 32: Interior do Hotel Corrêa (1935) .....</b>	100
<b>Figura 33: Chalés do Hotel Corrêa (1930) .....</b>	101
<b>Figura 34: Interior do Hotel Corrêa (1935) .....</b>	103
<b>Figura 35:Hóspedes do Hotel Strassburger (Década de 1930) .....</b>	104
<b>Figura 36: Chalé de veraneio.....</b>	106
<b>Figura 37: Chalé da família Lang .....</b>	107
<b>Figura 38: Festa de Nossa Senhora dos Navegantes em Tramandaí (Década de 1920) .....</b>	109
<b>Figura 39: Carnaval em Tramandaí (1931).....</b>	111

<b>Figura 40: Avenida Capitão Mariante .....</b>	113
<b>Figura 41: Avenida da Igreja .....</b>	114
<b>Figura 42: Casino Bataclan em Tramandaí .....</b>	115
<b>Figura 43: Cinemas de Tramandaí .....</b>	118

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

DAER – Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem

FURG – Universidade Federal do Rio Grande

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IHGRGS – Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

MHMPAH – Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister

NPH/UFRGS – Núcleo de Pesquisa em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

PPGH/UFPel – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>CAPÍTULO 1: “As viagens às nossas praias”: Transporte dos veranistas a Tramandaí .....</b>	<b>31</b>
1.1 A invenção da praia no ocidente: a vilegiatura terapêutica na Inglaterra do século XVIII .....	31
1.2 “ <i>A capital das praias do Rio Grande do Sul</i> ”: origens da vilegiatura marítima em Tramandaí .....	35
1.3 As viagens dos primeiros veranistas a Tramandaí .....	39
1.4 A modernização das viagens a Tramandaí.....	48
<b>CAPÍTULO 2: “Gozando as delícias de Tramandaí”: O encontro dos veranistas com o mar .....</b>	<b>58</b>
2.1 Os banhos de cura e a origem do veraneio em Tramandaí .....	58
2.2 Da terapia ao lazer: transformações no veraneio tramandaiense .....	69
2.2.1 “Lembrança de Tramandaí”: os cartões-postais como registro do veraneio..	80
<b>CAPÍTULO 3: “Onde há conforto — distinção — comodidade!”: Hotelaria e sociabilidade em Tramandaí.....</b>	<b>88</b>
3.1 Os primeiros hotéis de Tramandaí .....	88
3.1.1 Crescimento do ramo hoteleiro em Tramandaí .....	95
3.1.2 Chalés familiares de veraneio em Tramandaí.....	105
3.2 Principais avenidas e espaços de sociabilidade em Tramandaí .....	108
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>120</b>
<b>FONTES .....</b>	<b>125</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>126</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>132</b>

*Já que é preciso aceitar a vida, que seja  
então corajosamente.*

***Lygia Fagundes Telles***

## INTRODUÇÃO

*[...] o resultado mais extraordinário da atividade fotográfica é nos dar a sensação de que podemos reter o mundo inteiro em nossa cabeça — como uma antologia de imagens. Colecionar fotos é colecionar o mundo<sup>2</sup>.*

(Susan Sontag)

Na famosa estátua de bronze de Carlos Drummond de Andrade, localizada na beira-mar de Copacabana, é possível ler a frase “No mar estava escrita uma cidade” entalhada no banco no qual o poeta está sentado e que é cenário para fotografias de praticamente qualquer turista que visite o Rio de Janeiro. Esse verso foi extraído do poema “Mas viveremos”<sup>3</sup> escrito pelo poeta ali homenageado. Tendo em vista a vasta produção de Drummond, a escolha desse trecho específico com certeza não se deu ao acaso. Sempre que eu — e provavelmente inúmeras outras pessoas — penso na cidade do Rio de Janeiro, o mar é uma das primeiras características que vêm à minha mente. Diante disso, resolvi me apropriar desse verso para o contexto da minha pesquisa, pois Tramandaí, localizada no litoral norte do Rio Grande do Sul e objeto desse estudo, também é uma dessas cidades praticamente indissociáveis do mar.

Isto posto, como moradora dessa região e uma observadora privilegiada das práticas culturais relacionadas ao mar, me deparei com o meu objeto de pesquisa em um ato extremamente cotidiano. Sendo historiadora, meu interesse por museus provavelmente não causa espanto em ninguém. Assim, um dia, enquanto estava em Tramandaí, cidade vizinha de Cidreira, na qual eu resido, resolvi visitar o Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister (MHMPAH), localizado na Câmara de Vereadores do município. Dentre os inúmeros itens ali expostos, foram as paredes que logo chamaram a minha atenção, visto que nelas estavam penduradas algumas fotografias da praia de Tramandaí em diversos momentos do século passado. Frente a isso, conversando com as funcionárias do museu, logo descobri que havia um acervo fotográfico disponível, o qual totaliza cerca de quatro mil fotografias entre os anos de 1903 e 2023.

---

<sup>2</sup> SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 8.

<sup>3</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. **A rosa do povo**. 29. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 167- 170.

Esse meu primeiro encontro com o acervo do MHMPAH aconteceu em um momento muito específico da minha vida, o que sem dúvidas foi crucial para que meu interesse fosse captado dessa maneira tão intensa e para que eu resolvesse me debruçar sobre essa pesquisa. Eu havia finalizado a graduação em História, na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), há cerca de um mês e da forma mais conturbada e inimaginável possível para aquela menina que ingressara na universidade quatro anos antes. Enfrentar a pandemia de COVID-19, não ter contato físico com colegas e professores, não ter as disciplinas da maneira como tanto idealizei, mal sair de casa e finalizar até mesmo o estágio obrigatório e o trabalho de conclusão de curso através da tela de um computador, me abalaram de um modo que me fez pensar que eu jamais me recuperaria. Provavelmente, ainda não me recuperei. Todavia, ter meus olhos brilhando perante um acervo e todas as suas possibilidades, me deu forças para acreditar em mim mesma e no meu trabalho, tornando essa pesquisa possível.

Assim sendo, ao explorar as fotografias, muitos questionamentos surgiram. Ver fotos de lugares tão familiares para mim antes deles serem da forma como eu os conheço, de pessoas fazendo atividades tão culturais de Tramandaí, mas de uma maneira diferente, me fez pensar em como o veraneio no município teve início e quais passos o levaram a ser como é realizado na atualidade. Tendo isto em vista, iniciei um levantamento de pesquisas que abordassem temas e/ou fontes similares aos quais eu pretendia trabalhar, a fim de analisar o que já foi produzido e as possíveis lacunas ainda existentes nessa produção.

Em sua dissertação de mestrado, Joana Schossler teve como objetivo central entender a mudança que ocorreu no imaginário social dos riograndenses em relação ao litoral<sup>4</sup>. Por mais que sua pesquisa possuísse um recorte espacial mais amplo, ela apresentou um importante aporte teórico para a questão da vilegiatura<sup>5</sup> em Tramandaí e no litoral norte do Rio Grande do Sul. Dentre as contribuições que seu trabalho trouxe para a minha pesquisa, destaca-se a questão dos primeiros hotéis dessa região e da importância dos imigrantes europeus para o surgimento desses empreendimentos. Schossler também publicou um artigo no qual analisou fotografias

---

<sup>4</sup> SCHOSSLER, Joana Carolina. “As nossas praias”: os primórdios da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul (1900 – 1950). 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

<sup>5</sup> Temporada que se passa fora das grandes cidades, geralmente no campo ou na praia.

da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul<sup>6</sup>, uma leitura imprescindível para essa dissertação.

Além disso, a contribuição do trabalho da professora Leda Saraiva Soares também me auxiliou nesse momento, principalmente para entender um pouco mais sobre a história do município. Lecionando na rede municipal de Tramandaí, ela percebeu a dificuldade que era trabalhar a história da cidade com seus alunos, visto a escassez de produção bibliográfica. Assim, ela iniciou uma pesquisa que abrangeu a história da região desde o século XVIII até a atualidade. Como produto de sua pesquisa, Soares lançou duas importantes obras: “Tramandaí: terra e gente”<sup>7</sup> e “Tramandaí-Imbé: 100 anos de história”<sup>8</sup>. Nesta última, a professora traz um destaque importante sobre as relações de trabalho nas temporadas de veraneio em Tramandaí nas últimas décadas da primeira metade do século XX<sup>9</sup>.

Já Camila Eberhardt, em sua tese de doutorado, analisou imagens da cidade de Torres a fim de conhecer a história desse município entre os anos de 1930 e 1960<sup>10</sup>. Sendo Torres também localizada no litoral norte do Rio Grande do Sul, assim como Tramandaí, e muitas das fotografias analisadas pela autora registraram veraneio no município, o trabalho de Eberhardt, sem dúvidas, foi fundamental para o meu aprofundamento teórico e metodológico nessa temática, com foco no litoral norte rio grandense.

As temáticas relacionadas à praia, à vilegiatura e ao veraneio também foram estudadas em outras praias do litoral riograndense, com destaque para a Praia do Cassino, no município do Rio Grande, e que foi objeto de pesquisa da dissertação de Felipe Nóbrega Ferreira<sup>11</sup> e da dissertação<sup>12</sup> e da tese<sup>13</sup> de Rebecca Guimarães Enke.

<sup>6</sup> SCHLOSSER, Joana Carolina. Lembranças fotográficas da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul. In: **Encontro Estadual de História**, 10., 2010, Santa Maria. Anais [...]. Santa Maria: ANPUH, 2010.

<sup>7</sup> SOARES, Leda Saraiva; PURPER, Sonia. **Tramandaí: terra e gente**. Tramandaí: AGE, 1985.

<sup>8</sup> SOARES, Leda Saraiva. **Tramandaí – Imbé: 100 anos de história**. Porto Alegre: EST edições, 2008.

<sup>9</sup> Ibidem, p. 29-33.

<sup>10</sup> EBERHARDT, Camila. **Um mar de imagens: Representações imagéticas do município de Torres (1930-1960)**. Tese. (Doutorado em História) - Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2010.

<sup>11</sup> FERREIRA, Felipe Nóbrega. **Ao sul do sul o mar também é pampa: sensibilidades de verão na Villa Sequeira, Rio Grande/RS (1884-1892)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

<sup>12</sup> ENKE, Rebecca Guimarães. **Balneário Villa Sequeira - A invenção de um novo lazer (1890-1905)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2005.

<sup>13</sup> ENKE, Rebecca Guimarães. **O espetáculo do mar em uma estação balneária no Rio Grande do Sul: A vilegiatura marítima na Villa Sequeira/Praia do Cassino (1885-1960)**. 2013. Tese. (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Por fim, transportando essa discussão para a costa doce, Mateus da Silva Costa analisou em sua dissertação o lazer e a sociabilidade nos Balneários do Laranjal, na cidade de Pelotas<sup>14</sup>.

Além do mais, essas temáticas também foram abordadas por pesquisadores das mais diferentes regiões do Brasil, destacando-se os trabalhos de Daniele Medeiros e Carmen Lúcia Soares<sup>15</sup>, sobre o curismo e o turismo nas estâncias hidrominerais paulistas; de Jussara Marrichi<sup>16</sup>, sobre vilegiaturas de prazer em Poços de Caldas; de Bianca dos Anjos<sup>17</sup>, sobre os banhos de mar na construção do “novo” Recife e de Sergio Luiz Ferreira<sup>18</sup>, sobre os banhos de mar e o lazer na orla marítima em Santa Catarina.

Logo, os trabalhos citados apresentam contribuições extremamente importantes. Todavia, a pesquisa historiográfica centrada especificamente no veraneio de Tramandaí e/ou utilizando fotografias desse município como fontes é, ainda, incipiente, havendo assim, várias lacunas importantes a serem debatidas, o que justifica a necessidade da produção de uma pesquisa que se aprofunde nessa questão. Dessa forma, o objetivo dessa dissertação é analisar, através de fotografias, o desenvolvimento da cultura de veraneio em Tramandaí de 1900 a 1960<sup>19</sup>. Por conseguinte, os objetivos específicos são 1) entender o surgimento da prática de vilegiatura marítima terapêutica; 2) analisar como eram as viagens e os meios de transportes utilizados pelos primeiros veranistas de Tramandaí; 3) compreender como ocorreu a transição da vilegiatura terapêutica para a vilegiatura de lazer em

<sup>14</sup> COSTA, Mateus da Silva. **Balneários do Laranjal: História, Sociabilidade e Lazer na Costa Doce Pelotense (1970-2014)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2024.

<sup>15</sup> MEDEIROS, Daniele Cristina Carqueijeiro de; SOARES, Carmen Lúcia. Entre o curismo e o turismo: a constituição de um pensamento médico-científico sobre as águas termais nas Estâncias Hidrominerais Paulistas (1930–1940). **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História (PUC-SP)**, São Paulo, v. 75, p. 195–220, set.–dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2022v75p195-220>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/58696>. Acesso em: 8 jul. 2025.

<sup>16</sup> Marrichi, Jussara Marques Oliveira. **Vilegiaturas de prazer e a formação de uma cultura burguesa na cidade balneária de Poços de Caldas entre os anos de 1930 e 1940**. Tese (Doutorado em História), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

<sup>17</sup> ANJOS, Beatriz Cruz. É do mar que se avista a cidade: as implicações sociais do uso dos banhos de mar na construção do “novo” Recife. **Hydra**, v. 4, n. 8, p. 339–367, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/hydra/article/view/10718>. Acesso em: 8 jul. 2025.

<sup>18</sup> FERREIRA, Sérgio Luiz. **O Banho de mar na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Editora das Águas, 1998.

<sup>19</sup> O recorte temporal estabelecido para esta pesquisa fundamenta-se em mais de um critério. O ano de 1900 foi escolhido como um marco inicial por corresponder às fotografias mais antigas do acervo do MHMPAH, enquanto o ano de 1960 foi definido por ser o ano de encerramento da década de 1950, um período que marcou a modernização do veraneio em Tramandaí.

Tramandaí; 4) perceber qual papel o ramo hoteleiro exerceu em Tramandaí no período estudado.

Posto isto, é relevante destacar que a temporada de veraneio é extremamente importante para muitos riograndenses, pois simboliza um elo temporal entre o fim de um ano e o início de outro<sup>20</sup>. Durante os meses de dezembro a março, milhares de pessoas rumam em direção ao litoral do estado, sendo Tramandaí um dos destinos mais procurados, principalmente dos moradores da capital do estado, Porto Alegre, e a sua região metropolitana.

Muitos veranistas possuem uma relação afetiva com a cidade que atravessa gerações e que vai muito além da relação de turistas com um local. Inúmeras famílias se deslocam para Tramandaí todos os anos na época do verão e ficam hospedadas no mesmo local, convivendo com a mesma vizinhança que se reencontra sempre nesse período, como se fosse uma comunidade secundária. Ademais, muitos praticantes do veraneio em Tramandaí são adeptos da segunda residência, o que os diferencia de um turista, pois enquanto este não cria vínculos com o lugar que visita, o usuário da residência secundária estabelece vínculos incontestáveis com o local<sup>21</sup>.

A temporada também exerce um papel extremamente importante na economia do município, que possui como uma das principais atividades o comércio sazonal nos meses de verão, atividade que atrai moradores da cidade e de toda a região que buscam um emprego temporário nesse período como complementação de sua renda. Ainda, as atividades ligadas ao mar demonstram uma forte presença da herança da prática da vilegiatura do início do século passado, sendo muito comum para diversos veranistas se dirigirem à praia ainda pela manhã e retornarem para suas casas apenas ao anoitecer, aproveitando durante o dia todo os banhos de sol e mar e os esportes praianos e as brincadeiras que entretêm adultos e crianças.

Conforme o exposto, a importância do veraneio para Tramandaí é inegável, sendo essa mais uma justificativa para a realização desta pesquisa. Ao compreender o papel da cultura de veraneio atualmente, é imprescindível levar em conta que toda cultura é resultado de um processo de invenção. Desta forma, a contribuição teórica de Alain Corbin para esse trabalho é fundamental, principalmente no que diz respeito

<sup>20</sup> SCHOSSLER, Joana Carolina. Op. cit., p. 14.

<sup>21</sup> SILVA, Kelson de Oliveira. **A residência secundária no Brasil: dinâmica espacial e contribuições conceituais**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2012. p. 25.

ao que ele definiu como “invenção da praia”, conforme explicado no último capítulo de seu livro *“Território do Vazio: a praia e o imaginário ocidental”*<sup>22</sup>.

A pesquisa do autor se concentra no desenvolvimento da vilegiatura terapêutica na Europa no século XVIII e como ela foi fundamental para o processo de invenção da praia no imaginário ocidental. A partir do século XVIII, médicos da Inglaterra começaram a acreditar que passar um tempo afastado de seus lares e tomando banhos em águas termais e marítimas poderia ser um método de cura para conter o avanço de várias enfermidades que assolaram a população inglesa após a Revolução Industrial<sup>23</sup>. Além do mais, focando na mudança de mentalidade das pessoas em relação ao território da praia, Corbin destaca como nos séculos que antecederam o nascimento da prática da vilegiatura, a relação com o mar estava muito mais ligada ao medo e a repulsa, enquanto passagens bíblicas, como o dilúvio, influenciaram muito para o estabelecimento desse medo do oceano<sup>24</sup>. Sobre essa questão, Barbosa salienta que:

Durante boa parte da Idade Média o Oceano ocupou posição marginal nas representações cartográficas e literárias. Tal tendência foi fruto da interiorização do mundo cristão europeu, uma vez que a Cristandade, erigida ao longo do período medieval, era, eminentemente rural e continental. O mar era um dos espaços do maravilhoso do Ocidente Medieval, um espaço desconhecido sobre o qual uma série de especulações era feita, variando desde a existência de ilhas fantásticas a monstros marinhos e sereias. Muitas vezes representado como uma forma de existência invertida em relação à terra<sup>25</sup>.

Assim como ocorrido na Europa, a vilegiatura terapêutica também pode ser considerada como o primórdio do veraneio no Brasil e em diversos lugares do mundo ocidental<sup>26</sup>. Tal constatação se explica pelo fato de que os primeiros vilegiaturistas ingleses pertenciam a uma elite culta e viajada, o que foi essencial para que essa

<sup>22</sup> CORBIN, Alain. **Território do Vazio: a praia e o imaginário ocidental**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 266.

<sup>23</sup> FREITAS, Joana Gaspar de. O litoral português, percepções e transformações na época contemporânea: de espaço natural a território humanizado. **Revista da Gestão Costeira Integrada** 7 (2): 105- 115 (2007), p.109-110. p. 109. Disponível em: <http://www.aprh.pt/rgci/>. Acesso em: 04 de fev. de 2024.

<sup>24</sup> CORBIN, Alain. Op. cit., p 11.

<sup>25</sup> BARBOSA, Katiúscia Quirino. Entre o real e o imaginário: as representações do Atlântico e da África nas fontes portuguesas quatrocentistas. In: Fortes, Carolina Coelho (org). **Expressões do Estado no Medieval**. Niterói: Translatio Studii, 2021. p. 17.

<sup>26</sup> A vilegiatura e a invenção da praia serão melhor averiguadas no Capítulo 1.

prática rompesse as fronteiras e logo se espalhasse<sup>27</sup>. Frente a isso, no litoral do Rio Grande do Sul essa prática desenvolveu-se a partir do século XIX, quando médicos europeus que imigraram para o Brasil e médicos brasileiros que se formaram na Europa passaram a recomendar os banhos de cura em águas marítimas, assim como já ocorria no outro continente desde o século anterior<sup>28</sup>

Dessa forma, devido a sua localização, a cidade de Tramandaí foi um dos primeiros destinos daqueles que buscavam os banhos de cura. Inicialmente, os vilegiaturistas partiam principalmente de Porto Alegre, realizando viagens de carroça que duravam cerca de oito dias<sup>29</sup>. Nesse momento, a região do litoral norte riograndense não estava preparada para receber os praticantes da vilegiatura, sendo necessário que eles levassem consigo tudo o que fosse essencial para passar o verão todo na região — inclusive artigos alimentícios — e que até mesmo construíssem choupanas de palha para ficarem hospedados durante esse período<sup>30</sup>.

Foi somente no final do século XIX que essa prática começou a passar por um processo de modernização. Em 1888 foi fundado em Tramandaí o Hotel da Saúde e no ano seguinte o Hotel Sperb, ambos com o objetivo de atender às necessidades dos vilegiaturistas. Assim, toda a atividade ligada à vilegiatura passou a ser realizada majoritariamente em torno dos hotéis. Ademais, esses também passaram a trabalhar em conjunto com empresas de diligência, facilitando a viagem até o litoral<sup>31</sup>.

Na transição do século XIX para o século XX, foram surgindo cada vez mais hotéis na cidade de Tramandaí e a publicidade que eles faziam em publicações como o jornal *Correio do Povo* e a revista *A Gaivota*<sup>32</sup>, somada aos próprios relatos,

<sup>27</sup> BRIZ, Maria da Graça. Vilegiatura balnear – Imagem ideal / Imagem real. **Revista do IHA**, v. 3, p. 254–267, 2007. p. 255. Disponível em: <<https://run.unl.pt/handle/10362/12546>>. Acesso em: 01 de fev. de 2024.

<sup>28</sup> SCHOSSLER, Joana Carolina. Op. cit., p. 14.

<sup>29</sup> Ibidem, p. 142.

<sup>30</sup> Ibidem, p. 127.

<sup>31</sup> SCHOSSLER, Joana Carolina. Op. cit., p. 144.

<sup>32</sup> É importante ressaltar que as publicações são apenas fontes auxiliares, utilizadas para melhor entendimento do contexto histórico, político, social e cultural no qual as fotografias — principais fontes dessa pesquisa — foram produzidas. Tania de Luca defende que não existe uma receita pronta para analisar todos os jornais, sendo necessário contextualizar cada periódico, além de identificar suas características materiais, os seus produtores e a sua circulação, analisando cada periódico conforme a problemática escolhida. Dessa maneira, a escolha de trabalhar com periódicos que circulavam em Porto Alegre e na sua região metropolitana, se deu em razão de esses serem os locais de onde partiam a maioria dos veranistas que se dirigiam a Tramandaí, ou seja, o público-alvo dessas publicações era, em grande parte, também o público-alvo da temporada de veraneio tramandaiense. LUCA, Tânia Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKI, Carla (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 111-153.

fotografias e cartões-postais dos vilegiaturistas, foi desenvolvendo cada vez mais o desejo de ir ao mar naqueles que ainda não tinham tido essa oportunidade.

Com cada vez mais adeptos, a prática da vilegiatura passa por uma transformação nas primeiras décadas do século XX. O que antes tinha apenas fins terapêuticos, agora passa a ser uma forma de entretenimento, nascendo uma espécie de vilegiatura de lazer, esta que pode ser considerada como um protótipo do veraneio como é realizado na atualidade.

No que diz respeito às fontes da pesquisa, trabalhei com uma seleção de fotografias que retratam o veraneio em Tramandaí nos anos de 1900 a 1960, pertencente ao acervo do Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister (MHMPAH), que possui cerca de 800 fotografias correspondentes ao período estudado nessa pesquisa, tendo sido selecionadas 70 registros para compor essa dissertação, levando em consideração critérios como o objeto representado, o estado de conservação e o fato de que há muitas fotografias extremamente semelhantes. Além do mais, outras fontes importantes para a pesquisa são algumas edições da revista *A Gaivota*, disponíveis no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS), em Porto Alegre, e do jornal *Correio do Povo*, pertencentes ao Núcleo de Pesquisa em História (NPH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), também em Porto Alegre. Por fim, foi utilizado como fonte o diário de viagem do antropólogo Edgard Roquette-Pinto, no qual descreve uma excursão que realizou ao litoral riograndense na primeira década do século XX publicado pela Gráfica da UFRGS em 1962.

No tocante aos procedimentos metodológicos, para fins de análise das fotografias, utilizarei a metodologia histórico-semiótica proposta por Ana Maria Mauad:

Nessa perspectiva, a fotografia é interpretada como resultado de um trabalho social de produção de sentido, pautado sobre códigos convencionados culturalmente. É uma mensagem que se processa através do tempo, cujas unidades constituintes são culturais, mas assumem funções sínrgicas diferenciadas, de acordo tanto com o contexto no qual a mensagem é veiculada, quanto com o local que ocupam no interior da própria mensagem<sup>33</sup>.

Um dos principais passos dessa metodologia é acomodar as fotografias utilizadas como fontes em séries fotográficas separadas por suas características e

---

<sup>33</sup> MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: Fotografia e história interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol.1, nº2, p.73-98, 1996. Disponível em: [https://codemcamp.com.br/artigos\\_cientificos/ATRAVESDAIMAGEMFOTOGRAFIA.pdf](https://codemcamp.com.br/artigos_cientificos/ATRAVESDAIMAGEMFOTOGRAFIA.pdf). Acesso em: 27 de abr. de 2025. p. 7.

obedecendo uma cronologia<sup>34</sup>. Assim, ao aplicar esse método à presente pesquisa, as fotografias utilizadas como fontes serão organizadas nas seguintes séries: fotografias de famílias, fotografias de mulheres, fotografias de homens, fotografias de hotéis e fotografias de meios de transporte utilizados para ir à praia durante o período analisado. Ao refletir sobre séries iconográficas enquanto fontes históricas, Ulpiano Meneses salienta que:

As séries iconográficas (porque é com séries que se deve procurar trabalhar, ainda que se possam ter imagens singulares que funcionem como pontos de condensação de séries ideais) não devem constituir objetos de investigação em si, mas vetores para a investigação de aspectos relevantes na organização, funcionamento e transformação de uma sociedade. Dito com outras palavras, estudar exclusiva ou preponderantemente fontes visuais corre sempre o risco de alimentar uma “História Iconográfica”, de fôlego curto e de interesse antes de mais nada documental. Não são pois documentos os objetos da pesquisa, mas instrumentos dela: o objeto é sempre a sociedade.<sup>35</sup>

Além disso, conforme define Mauad, a abordagem histórico-semiótica propõe que cada fotografia seja decomposta em unidades culturais — utilizando duas fichas desenvolvidas pela autora, as quais adaptei, criando uma ficha personalizada para analisar as fotografias examinadas nessa pesquisa<sup>36</sup> — e, posteriormente, essas unidades sejam realocadas nas seguintes categorias espaciais: espaço fotográfico, que engloba o recorte espacial da fotografia; o espaço geográfico, que abrange o espaço físico; o espaço da figuração, que compreende as pessoas e os animais; o espaço do objeto, que abarca os objetos tomados como atributos da imagem e o espaço da vivência, no qual se enquadram as atividades, eventos etc<sup>37</sup>. É importante ressaltar que uma unidade cultural não se restringe exclusivamente a uma categoria espacial; assim, pode-se enquadrar em mais de uma, havendo interseções entre elas. Essas categorias possibilitam o restabelecimento de códigos e representações sociais de comportamento<sup>38</sup>.

Referente às questões teóricas, essa dissertação se enquadra nos estudos de História Cultural. Assim sendo, a virada cultural ocorrida no início da década de 1980 foi determinante para que a cultura se tornasse um objeto central nos estudos das ciências humanas. Sobre essa questão, Sandra Pesavento sustenta que:

---

<sup>34</sup> MAUAD, Ana Maria. **Poses e flagrantes. Ensaios sobre história e fotografia.** Niterói: EDUFF, 2008. p. 42.

<sup>35</sup> MENESSES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, v.23, n.45, p.11-36, 2003. p. 27-28.

<sup>36</sup> Ver Anexo 1.

<sup>37</sup> MAUAD, Ana Maria. Op. cit., p. 12-14.

<sup>38</sup> Ibidem, p. 46.

Tal virada da história, acreditamos, se deve às novas indagações da História Cultural, manifestas em estudar as representações que se constroem sobre o mundo, em todas as décadas; em entender o imaginário como um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que atribuem significado às coisas<sup>39</sup>.

Logo, sendo a fotografia tanto um produto cultural quanto uma forma de expressão e circulação da cultura, a aproximação das pesquisas historiográficas sobre fotografia com a História Cultural é indubitável<sup>40</sup>. Nesse sentido, Ivo Canabarro afirma que:

A fotografia, como produto cultural, representa todo um conjunto de elementos em seu processo de constituição, instituindo-se como uma mediação entre a tecnologia e as dimensões do olhar. Por outro lado, como expressão e circulação da cultura, contribui nos processos e se constitui como um meio que produz e expressa um conjunto de imagens que nos dão várias visões do mundo, sendo, portanto, uma janela aberta para o mundo<sup>41</sup>.

Acerca da relação do estudo da fotografia com a História cultural, o autor também destaca que:

As imagens são todas representações, uma forma de se expor no mundo e também uma possibilidade de expressão de diferentes segmentos sociais. Sendo, todas, objetos da História Cultural, pois são expressões de uma cultura vivida em diferentes formas<sup>42</sup>.

Conforme Cláudio de Sá Machado Júnior, as fotografias são fontes valiosas para a pesquisa historiográfica, na medida em que permitem refletir sobre as transformações no ambiente físico e sobre as novas maneiras de auto-representação dos indivíduos, revelando aspectos como a forma como se expõem em público, se deslocam nesses espaços e interagem com seu grupo<sup>43</sup>. O autor também destaca que:

Nas fotografias imprimem-se indícios de costumes, de formas de comportamento e de traços culturais em geral, que determinaram as

<sup>39</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). **História cultural: experiências de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 7.

<sup>40</sup> CANABARRO, Ivo. Fotografia & História Cultural: Uma janela aberta para o mundo. In: **Revista UniSalle**, Canoas, n. 21, 2015. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/view/1981-7207.15.1>. Acesso em: 01 de fev. de 2024.

<sup>41</sup> Ibidem, p. 18.

<sup>42</sup> CANABARRO, Ivo. Op. cit., p. 24.

<sup>43</sup> MACHADO JR., Cláudio de Sá. **Fotografias e códigos culturais**: representações da sociabilidade carioca pelas imagens da revista Careta (1919-1922). 2006. 145 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. p. 27.

maneiras pelas quais grupos sociais buscaram representar visualmente pessoas e ambientes diversos<sup>44</sup>.

É importante ressaltar que apesar da fotografia ser uma fonte muito rica para a pesquisa histórica, é fundamental tomar alguns cuidados ao trabalhar com esse tipo de documento. Miriam Moreira Leite ressalta que uma das maiores dificuldades na leitura de uma fotografia é “chegar à compreensão do todo através de um fenômeno individual observável”<sup>45</sup> e que após identificar o conteúdo de uma fotografia, é preciso também deduzir o que não pode ser visto, em torno do que está sendo visto<sup>46</sup>.

De acordo com Eduardo França Paiva, é irreal e pretencioso considerar a imagem como um retrato fiel da verdade, do evento e/ou objeto fotografado, sendo que a “história e os diversos registros históricos são sempre resultados de escolhas, seleções e olhares de seus produtores e dos demais agentes que influenciaram essa produção”<sup>47</sup>. Acerca dessa temática, Paiva ainda assegura que:

A imagem, bela, simulacro da realidade, não é a realidade em si, mas traz porções dela, traços, aspectos, símbolos, representações, dimensões ocultas, perspectivas, induções, códigos, cores e formas nela cultivadas. Cabe a nós decodificar os ícones, torná-los inteligíveis o mais que pudermos identificar seus filtros e, enfim, tomá-los como testemunhos que subsidiam a nossa versão do passado e do presente, ela também, plena de filtros contemporâneos<sup>48</sup>.

Neste mesmo sentido, François Soulages afirma que:

Todo mundo se engana ou pode ser enganado em fotografia – o fotografado, o fotógrafo e aquele que olha a fotografia. Este pode achar que a fotografia é a prova do real, enquanto ela é apenas índice de um jogo. Diante de qualquer foto, somos enganados. Isto foi encenado, porque isto ocorreu e porque isto ocorre em um lugar diferente daquele que se acredita. Como no teatro, o referente não está onde se pensa, nem está onde se está, nem onde se acredita que esteja. Talvez a fotografia não se refira senão a ela mesma; é, aliás, a única condição de possibilidade de sua autonomia<sup>49</sup>.

A fotografia é sempre resultado da escolha de seu produtor, sendo uma “representação a partir do real intermediada pelo fotógrafo que a produz segundo sua

<sup>44</sup> Ibidem, p. 12.

<sup>45</sup> LEITE, Miriam. **Retratos de família: Leitura da fotografia histórica.** São Paulo: EDUSP, 1993. p. 97.

<sup>46</sup> Ibidem.

<sup>47</sup> PAIVA, Eduardo França. **História & imagens.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 19-20.

<sup>48</sup> PAIVA, Eduardo França. Op. cit., p. 19-20.

<sup>49</sup> SOULAGES, François. **Estética da fotografia: perda e permanência.** São Paulo: SENAC, 2010. p. 75-76.

forma particular de compreensão daquele real, seu repertório, sua ideologia”<sup>50</sup>. Boris Kossoy observa que para a realização de uma fotografia são necessários três elementos: o assunto, o fotógrafo e a tecnologia, sendo esses elementos que dão origem à fotografia por meio de um processo de criação, um ciclo que se tornou completo quando o momento teve a imagem cristalizada num espaço e tempo preciso<sup>51</sup>.

Ainda sobre a fundamentação teórica, alguns conceitos são balizadores para essa pesquisa. O primeiro, como já expliquei anteriormente, é o de “invenção da praia” proposto por Alain Corbin<sup>52</sup>. Aliado a este, outro conceito indispensável nessa dissertação é o de “cultura visual”. Segundo Paulo Knauss, há duas perspectivas gerais que devem ser levadas em conta na definição de cultura visual, sendo a primeira uma mais restrita que se concentra na cultura ocidental na atualidade, com a predominância da tecnologia e de imagens virtuais e digitais. A segunda perspectiva, é mais abrangente e comprehende que através dos estudos de cultura visual é possível refletir acerca de diversas experiências visuais no decorrer da história em inúmeras épocas e sociedades<sup>53</sup>. Finalmente, o autor ainda salienta a importância da virada cultural para a consolidação dos estudos sobre cultura visual:

Foi no início dos anos 80 que o estudo da cultura se tornou central para as ciências humanas e conduziu a uma revisão do estatuto do social. Nesse contexto, o lado subjetivo das relações sociais ganhou espaço e consolidou uma tendência que passou a sublinhar como a cultura — o sistema de representações — instigava as forças sociais de um modo geral, não sendo mero reflexo de movimentos da política ou da economia. A virada cultural destacou os vínculos entre conhecimento e poder, o que serve, igualmente, para demarcar o estudo das imagens. A cultura visual seria, portanto, um desdobramento de um movimento geral de interrogação também sobre a cultura em termos abrangentes<sup>54</sup>.

Outrossim, Charles Monteiro apresenta importantes reflexões sobre os estudos no campo da visualidade, destacando que pesquisas nessa área “apresentavam uma clara perspectiva multidisciplinar e procuravam problematizar a centralidade das

<sup>50</sup> KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. p. 52.

<sup>51</sup> KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012. p. 37.

<sup>52</sup> CORBIN, Alain. Op. cit., p. 266.

<sup>53</sup> KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual. **ArtCultura**, 2006, Vol. 8, n. 12, p. 97-115. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1406>. Acesso em: 27 de abr. de 2025. p. 108-110.

<sup>54</sup> Ibidem, p. 107.

imagens e a importância do olhar na sociedade ocidental contemporânea”<sup>55</sup>. Ainda, de acordo com o autor:

Os estudos sobre cultura visual problematizam a forma como os diversos tipos de imagens perpassam a vida social cotidiana (a visualidade de uma época), relacionando as técnicas de produção e circulação das imagens à forma como são vistos os diferentes grupos e espaços sociais (os padrões de visualidade), propondo um olhar sobre o mundo (a visão), mediando a nossa compreensão da realidade e inspirando modelos de ação social (os regimes de visualidade)<sup>56</sup>.

Finalmente, Ulpiano Meneses defende que ao se trabalhar com a cultura visual, é benéfico que os historiadores mudem sua atenção das fontes visuais para o campo da visualidade, compreendendo-o como um objeto detentor de historicidade<sup>57</sup>. Ainda, o autor argumenta acerca do problema que a flexibilização indefinida do campo apresenta, colocando como solução “definir a unidade, a plataforma de articulação, o eixo de desenvolvimento numa problemática histórica proposta pela pesquisa e não na tipologia documental de que ela se alimentará”<sup>58</sup>.

Outro referencial teórico importante é a noção de “sociabilidade”. Quando falamos desse conceito, Georg Simmel é um dos primeiros nomes a serem lembrados. Para o autor, a sociabilidade pode ser entendida como uma “forma autônoma ou forma lúdica da sociação”<sup>59</sup>. Ainda sobre esse conceito, o autor afirma que:

O que é autenticamente “social” nessa existência é aquele ser com, para e contra os quais os conteúdos ou interesses materiais experimentam uma forma ou um fomento por meio de impulsos ou finalidades. Essas formas adquirem então, puramente por si mesmas e por esse estímulo que delas irradia a partir dessa liberação, uma vida própria, um exercício livre de todos os conteúdos materiais; esse é justamente o fenômeno da sociabilidade<sup>60</sup>.

Ainda, conforme o autor, no fenômeno da sociabilidade, as “formas de sociação são acompanhadas por um sentimento e por uma satisfação de estar justamente socializado, pelo valor da formação da sociedade enquanto tal”<sup>61</sup>.

<sup>55</sup> MONTEIRO, Charles (org.). **Fotografia, história e cultura visual: pesquisas recentes**. Porto Alegre: EDIPUC, 2012. p. 10.

<sup>56</sup> Ibidem, p. 10.

<sup>57</sup> MENESSES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, v.23, n.45, p.11-36, 2003. p. 11.

<sup>58</sup> Ibidem, p. 27.

<sup>59</sup> SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**; tradução Pedro Caldas. - Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 63.

<sup>60</sup> Ibidem, p. 63-64.

<sup>61</sup> Ibidem, p. 64.

Jean Baechler define a sociabilidade como “a capacidade humana de estabelecer redes, através das quais as unidades de atividades, individuais ou coletivas, fazem circular as informações que exprimem seus interesses, gostos”<sup>62</sup>. Ademais, para ele, existe uma grande variedade de objetos sociológicos sujeitos à análise da sociabilidade, tornando-se necessário trabalhar com algumas distinções. A primeira diz respeito às maneiras de sociabilidade que se desenvolvem de forma espontânea entre os indivíduos. A segunda, por outro lado, pode ser entendida pelas redes e espaços sociais nos quais os atores sociais optam por se encontrarem por prazer e interesse em socializar com os outros.

Contextualizando para o campo da História, Maurice Agulhon foi pioneiro no trabalho com o conceito de sociabilidade. Para o historiador, a sociabilidade é compreendida como “a capacidade especial para viver em grupos e consolidar os grupos pela constituição de associações voluntárias”<sup>63</sup>. Ainda, Agulhon entende que as pessoas se relacionam primeiramente pelo prazer da vida em grupo e posteriormente para a realização de atividades<sup>64</sup>.

Associado a sociabilidade, o conceito de lazer também é pertinente para essa pesquisa. Joffre Dumazedier o define como “um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, [...] sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais”<sup>65</sup>. Além do mais, o autor também destaca que duas condições foram essenciais para que o lazer se tornasse possível para os trabalhadores: as atividades sociais não serem mais totalmente regradas por ritos impostos pela comunidade e o trabalho se destacar de outras atividades, fazendo com que o tempo livre seja nitidamente separável dele<sup>66</sup>.

No que diz respeito a divisão e organização dos capítulos, é importante ressaltar que a teoria e metodologia não serão trabalhadas apenas em um capítulo específico, mas, ao longo de toda a dissertação. Assim, os capítulos foram divididos

<sup>62</sup> BAECHLER, Jean. “Grupos e sociabilidade”. In: BOUDON, Raymond. **Tratado de Sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995. p. 65-66. p. 66.

<sup>63</sup> Ibidem, p. 77.

<sup>64</sup> AGULHON, Maurice. **Histoire Vagabonde**. Paris: Gallimard, 1988. Tomo I, Ethnología et Politique dans La France Contemporánea. p. 61. Grifos do autor. No original: “L’aptitude spéciale à vivre en groupes et à consolider les groupes par la constitution d’associations volontaires” (Agulhon, 1988, p. 61).

<sup>65</sup> AGULHON, Maurice, Op. cit., p. 61.

<sup>66</sup> DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e Cultura Popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973. p. 34.

<sup>66</sup> Idem. **Sociologia Empírica do Lazer**. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Perspectiva, 2008. p. 28.

de acordo com três eixos temáticos: meios de transporte e viagens, encontro dos veranistas com o mar e hotelaria e sociabilidade.

No primeiro capítulo, foi abordado, brevemente, o contexto histórico do surgimento da vilegiatura marítima no Ocidente — destacando principalmente a realização dessa prática com fins terapêuticos —, recorrendo à noção de invenção da praia e da mudança no imaginário das sociedades ocidentais em relação a esse território, bem como o processo de expansão dessa prática, até chegar em Tramandaí, analisando também o contexto histórico desse município no momento da chegada dos primeiros vilegiaturistas. Ainda no primeiro capítulo, apresentei as primeiras fotografias utilizadas como fonte, concentrando-me nas viagens dos veranistas até Tramandaí, os meios de transporte utilizados tanto nessas viagens quanto para a locomoção durante a temporada de veraneio, além de como ocorreu a modernização nessas viagens e veículos.

Já o segundo capítulo, me centrei no encontro dos veranistas com o mar, iniciando com a análise de fotografias dos primeiros veranistas de Tramandaí, quando o principal objetivo dessa prática ainda era centrado nos banhos como tratamento para enfermidades. Em um segundo momento, foi analisado, através dos registros fotográficos, o processo de transição da terapia para o lazer durante essa prática. Finalmente, o segundo capítulo foi finalizado com uma análise de cartões-postais que os veranistas levavam como lembranças da temporada, sendo avaliados o seu conteúdo, bem como a importância desse modelo de fotografia para a difusão da cultura do veraneio.

Por fim, no terceiro capítulo, me detive ao papel que o ramo hoteleiro desempenhou no desenvolvimento do veraneio em Tramandaí, analisando registros fotográficos e anúncios publicitários dos principais hotéis que se estabeleceram em Tramandaí no período estudado. Esse capítulo foi finalizado com uma análise de fotografias que registram as principais avenidas de Tramandaí, bem como as festividades e principais espaços de sociabilidade ali instalados.

## CAPÍTULO 1: “As viagens às nossas praias”: Transporte dos veranistas a Tramandaí

*“Quem vem pra beira do mar, ai  
Nunca mais quer voltar  
Andei por andar, andei  
E todo caminho deu no mar”*

*(Quem Vem Pra Beira do Mar, Dorival Caymmi)*

Em dia de viagem, até mesmo as crianças acordam cedo com toda a animação do mundo. Finalmente a espera acabou e chegou o momento mais esperado do ano: a viagem para a praia. Com as malas prontas há dias e cada detalhe planejado, a viagem de Porto Alegre a Tramandaí foi aguardada com muito desejo e entusiasmo. O que essas pessoas procuram no litoral? Como começaram a frequentar esse espaço? Onde esse costume teve origem e como chegou até esse local? Por que escolheram a cidade de Tramandaí? Quais meios de transporte as levavam até essa cidade? Quais eram as condições das estradas e da viagem? Esse capítulo responderá essas perguntas.

### 1.1 A invenção da praia no ocidente: a vilegiatura terapêutica na Inglaterra do século XVIII

A forma como as sociedades estabelecem relações hoje em dia é frequentemente manifestada por práticas comuns de lazer, incluindo a demanda por escapar da cidade em busca de contato com a natureza. Essa dinâmica revela uma interação de poder entre esses espaços, permeados por construções culturais. Contudo, todo território carrega pertencimento de ideias e construção do olhar de uma sociedade. Antes do século XVIII, o pavor dominava o entendimento que as sociedades ocidentais tinham do mar, a imensidão das águas remetia à punição divina aos pecadores, como já referenciado na Bíblia com o fenômeno do Dilúvio<sup>67</sup>. Contudo, a partir do período oitocentista, a relação com a praia passa por uma nova construção de olhar voltada para uso terapêutico e a gênese das práticas de veraneio.

---

<sup>67</sup> CORBIN, Alain. Op. cit., p. 11.

A Inglaterra desse período é considerada o berço da prática da vilegiatura marítima, esta que primordialmente tinha como objetivo as práticas terapêuticas. Os médicos ingleses exerceram um papel fundamental para o desenvolvimento dessa atividade, sendo pioneiros na prescrição de banhos de cura, inicialmente nas águas termais de Bath e, posteriormente, nas águas marítimas em Brighton. No que diz respeito às práticas terapêuticas dos banhos de mar, Corbin destaca que “O modelo de vilegiatura balnear das spas do interior pesou fortemente sobre a invenção da praia. Brighton, sob muitos aspectos, parece um avatar de Bath. Em ambos os casos impõem-se o primado do objetivo terapêutico.<sup>68</sup>”

O privilégio de passar uma temporada afastados de suas residências aproveitando o lazer da vilegiatura sem a necessidade de trabalhar para seu sustento era algo que apenas classes sociais elevadas possuíam o prazer de desfrutar. Nesse sentido, como Brighton era entendida como um lugar destinado às pessoas consideradas “civilizadas”<sup>69</sup>, a prática do banho de mar passa a ser valorizada e entendida como uma atividade reservada à elite e o litoral torna-se o local ideal para essas pessoas entrarem em contato com a natureza e se sentirem “livres”<sup>70</sup>. Para que o mar se tornasse um local visto e visitado, o pioneirismo dos médicos ingleses foi crucial. Assim, vários profissionais passaram a prescrever banhos de cura em águas salgadas, alimentando as conexões entre a cidade e a natureza, construindo a sociabilidade no mar.

A Inglaterra pós Revolução Industrial foi palco para o avanço de determinadas enfermidades que passaram a preocupar a sociedade quando começaram a atingir as elites, despertando nos profissionais da medicina a necessidade de investigar e

<sup>68</sup> CORBIN, Alain. Op. cit., p. 270.

<sup>69</sup> Para Norbert Elias, em seu livro “O Processo Civilizador – Vol. 1: uma história dos costumes”, o conceito de “civilização” está diretamente relacionado com a maneira como o Ocidente comprehende a si mesmo, ou seja, ele se apresenta em oposição a outras sociedades que para os ocidentais são consideradas “incivilizadas”. Ainda, Jean Starobinski destaca em “As máscaras da civilização: ensaios” (2001) que na Idade Moderna esse conceito passa a ser empregado para definir a ação de civilizar ou de corrigir costumes numa sociedade. Por fim, Bruno Nery do Nascimento salienta em sua dissertação de mestrado que ser considerado “civilizado” no entendimento moderno era relativo a alguns hábitos como o cuidado com a higiene, a saúde e a beleza e a prática de atividades ao ar livre, como o banho de mar. ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador** – Vol. 1: uma história dos costumes. Rio de Janeiro, Zahar, 2011. NASCIMENTO, Bruno Nery do. **Entre a “Mendigópolis” e o “Recife Novo”: reforma urbana, higiene e políticas de saúde para as mulheres no governo de Sérgio Loreto (Pernambuco, 1922 - 1926)**. 2016. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2016. STAROBINSKI, Jean. As máscaras da civilização: ensaios. Tradução de Samuel Titan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

<sup>70</sup> ENKE, Rebecca Guimarães. Op. cit., p. 112.

realizar novos tratamentos. A maior preocupação era com questões psíquicas como a histeria, a ansiedade e a melancolia que atingiam principalmente mulheres e crianças. Para tentar combater essas patologias, os médicos passaram a prescrever os banhos terapêuticos<sup>71</sup>. Esse discurso científico impulsionado pela aristocracia e burguesia ascendente, fez com que ir ao litoral passasse a ser uma necessidade para quem buscasse reafirmar seus valores sociais<sup>72</sup>.

Dessa forma, tendo um objetivo e um público-alvo definido, as primeiras estações destinadas aos banhos de cura precisaram se adaptar aos padrões de vida exigidos pela elite. Para receber os primeiros vilegiaturistas, a cidade de Brighton foi equipada com locais indispensáveis para as pessoas “civilizadas”, como capelas, bibliotecas, teatros e cassinos<sup>73</sup>. Ademais, os hotéis também tiveram um papel fundamental nesse período, sendo os espaços que protagonizavam a maioria dos encontros sociais que ocorriam fora das águas. Os dois principais estabelecimentos de Brighton eram o *Castle Hotel*, instalado em 1776, e o *Oldship*, fundado no ano seguinte. Esses locais possuíam salões de baile, galerias e salas de jogos de cartas que entretinham os hóspedes durante as noites<sup>74</sup>, fazendo com que os hotéis se transformassem em ambientes destinados ao prolongamento do lazer proporcionado pelo banho de mar<sup>75</sup>. Assim, em paralelo aos banhos de mar, ocorria a construção da sociabilidade nos hotéis, como espaços mediadores dessa interação.

Destaca-se ainda que os banhos de mar deveriam ser meticulosamente seguidos segundo as prescrições médicas. Os eixos de cuidados se assentavam em três bases: salinidade, frieza e turbulência<sup>76</sup>. Sobre a temperatura da água, segundo o historiador francês Georges Vigarello, acreditava-se que “o frio faz nascer imagens de circulação de humores, de evacuação de vísceras, de redução de tumores também. Ele age sobre os ‘sólidos’ e sobre os fluxos”<sup>77</sup>. Acreditando-se que quanto mais gelada a água, mais eficaz seria o tratamento, os banhos eram sempre realizados pela madrugada e para evitar um choque térmico, o banhista deveria ficar

<sup>71</sup> FREITAS, Joana Gaspar de. Op. cit., p. 109.

<sup>72</sup> FERREIRA, Felipe Nóbrega. Op. cit., p. 147.

<sup>73</sup> BRIZ, Maria da Graça. Op. cit., p. 259.

<sup>74</sup> CORBIN, Alain. Op. cit., p. 271.

<sup>75</sup> ENKE, Rebecca Guimarães. Op. cit., p. 128.

<sup>76</sup> CORBIN, Alain. Op. cit., p. 85.

<sup>77</sup> VIGARELLO, Georges. **O limpo e o Sujo: Uma história da higiene corporal**. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 129.

por um período na areia para que o ar marítimo resfriasse um pouco sua pele antes de adentrar nas águas frias. Posteriormente, entrava no mar até que a água atingisse os joelhos e, então, mergulhava rapidamente cerca de três vezes<sup>78</sup>.

As práticas terapêuticas não eram indicadas de forma generalizada, havia variações de acordo com a faixa etária, como o caso de algumas crianças que eram proibidas pelos médicos de entrar na água do mar, enquanto para outras eram indicados banhos rápidos e totalmente submersos na água gelada<sup>79</sup>. Os papéis de gênero também eram muito bem separados durante a realização dessa prática, para as mulheres, entendidas como seres mais frágeis e sensíveis, os banhos eram realizados utilizando pesados trajes de lã, sempre nas águas mais rasas e tendo a menor duração possível. Já para os homens, essa era uma atividade quase que heroica, então eles nadavam por um maior tempo em águas mais geladas e profundas, quase sempre em um estado de seminudez, sendo os banhos indo além de uma terapia, mas servindo também como demonstração de masculinidade e virilidade<sup>80</sup>.

Toda essa codificação da prática da vilegiatura fazia com que os vilegiaturistas tivessem pouca autonomia. Entretanto, havia um outro tipo de liberdade que era conquistada durante essa temporada. Sobre essa questão, Weber afirma que “o turista ou o curista ficava livre — se não para fazer exatamente o que desejava, pelo menos para agir de modo diferente. Para representar um certo ideal urbano, onde a ordem social era menos rígida, as relações mais fáceis, a mobilidade maior.<sup>81</sup>” Portanto, mesmo seguindo normas estritamente rígidas, a vilegiatura ainda demonstra uma liberdade e distração perante o movimento das cidades grandes que cresceram e se modernizaram de maneira exacerbada nesse contexto pós Revolução Industrial.

Por fim, embora a vilegiatura marítima tenha nascido como uma prática extremamente elitista e restrita apenas a uma pequena parcela da sociedade, com o passar das décadas ela se expande e atinge as camadas populares, impulsionada pelo discurso médico e o crescente desejo de imitar os nobres<sup>82</sup>. Contudo, o fato dessa

<sup>78</sup> PEREIRA, Belarmino da Costa. **Povoa de Varzim como estação Balnear Marítima (Apontamentos subsidiários)**. Livraria Povoense Editora, 1906. p. 49.

<sup>79</sup> CORBIN, Alain. Op. cit., p. 87.

<sup>80</sup> Ibidem, p. 88-89.

<sup>81</sup> WEBER, Eugen. **Fraça fin-de- siècle**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 218.

<sup>82</sup> CORBIN, Alain. Op. cit., p. 268.

prática se disseminar por mais classes sociais, não significa que houve uma interação entre a elite e o compartilhamento dos espaços de vilegiatura dentre elas, pois os membros das classes altas desejavam preservar a sua distinção social<sup>83</sup>.

## **1.2 “A capital das praias do Rio Grande do Sul”: origens da vilegiatura marítima em Tramandaí**

É comum cidades serem associadas a particularidades que as identifiquem, frequentemente tornando-as reconhecidas por tais características. Neste contexto, o município de Tramandaí, situado no litoral norte do Rio Grande do Sul, não foge à regra: designada como "a capital das praias do Rio Grande do Sul", torna-se praticamente impossível abordar a cidade sem fazer menção à sua extensa orla marítima. O município, que abriga uma população residente de 54 mil pessoas, conforme os dados do Censo de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>84</sup>, recebe aproximadamente um milhão de visitantes durante a temporada de verão<sup>85</sup>.

Todavia, apesar dessa relação indubitável entre o município e a praia, segundo Soares, “Tramandaí nasceu à beira do rio e não à beira do mar [...]”<sup>86</sup>. Antes de o mar ganhar um protagonismo no município, o rio Tramandaí já atraía a atenção de pescadores de Laguna, em Santa Catarina, que encontraram ali um novo espaço para sua profissão e se estabeleceram em ranchos à margem do rio ainda no século XIX<sup>87</sup>. Em 1906, o antropólogo Edgard Roquette-Pinto visitou Tramandaí durante uma excursão pelo litoral e região das lagoas do Rio Grande do Sul, patrocinada pelo Museu Nacional. Como era costume entre cientistas em excursão, e mesmo outros viajantes, Roquette-Pinto registrou aspectos importantes das localidades por onde passou em um diário de viagem, no qual destacou alguns pontos que chamaram sua atenção no município: “A pequena aldeola tem umas 100 casas, todas<sup>88</sup> de madeira,

---

<sup>83</sup> FREITAS, Joana Gaspar de. Op. cit., p. 110.

<sup>84</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Tramandaí (RS)**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/tramandai.html>. Acesso em: 5 de abr. de 2025.

<sup>85</sup> MOURA, Liliane. Tramandaí espera um milhão de visitantes na temporada 2024. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 14 dez. 2023. Disponível em: <https://www.jornaldocomercio.com/jornal-cidades/2023/12/1135301-tramandai-espera-um-milhao-de-visitantes-na-temporada-2024.html>. Acesso em: 5 de abr. de 2025.

<sup>86</sup> SOARES, Leda Saraiva. Op. cit., p. 27.

<sup>87</sup> Ibidem, p. 28.

<sup>88</sup> A grafia das citações da obra de Roquette-Pinto foi atualizada.

cobertas de tiririca-do-brejo (*Cysperacea*), baixas e originais, onde se aloja uma pequena população de pescadores"<sup>89</sup>. O autor ainda reforça que Tramandaí, apesar de ser um pitoresco povoado, também pode ser considerado um grande centro de pesca e que "a pesca do bagre e seu preparo para a exportação, constituem a ocupação única de massa dos habitantes, que têm, nos lagos da vizinhança, um farto viveiro".<sup>90</sup>

Embora Roquette-Pinto tenha direcionado sua atenção mais para a pesca, uma outra atividade que vinha se estabelecendo nessa região também integrou suas anotações: a vilegiatura marítima. Sobre seu transporte de Porto Alegre até Tramandaí, o autor salientou que encontrou dificuldades para contratar uma viagem ao litoral por não estar no período da temporada de veraneio:

Para ir da Capital do Estado às costas do Atlântico achei, em começo, grandes dificuldades. Durante o verão a condução para Tramandaí, ponto inicial de minha verdadeira excursão, não é difícil. Tramandaí é mesmo uma das praias de banho da população de Porto Alegre. Na ocasião a estação balneária não havia ainda começado nem um trânsito era, então, feito seguidamente entre esses dois pontos. Não havia, na Capital, quem me quisesse alugar os cavalos necessários; e o preço que me pediam por alguns, de que precisava, era quantia que eu não dispunha.<sup>91</sup>

O autor também escreveu sobre o ramo hoteleiro que vinha adentrando o município, evidenciando que durante sua passagem por Tramandaí ele se deparou com dois hotéis, ambos construídos por paredes de tábuas e tetos de palha<sup>92</sup>. Apesar de não citar o nome desses estabelecimentos, ele destaca que ficou hospedado naquele de propriedade de Leonel Pereira de Sousa, que além de hoteleiro também era proprietário do principal estabelecimento de preparo do peixe para a exportação<sup>93</sup>. De acordo com Schossler, esse hotel era denominado como Hotel da Saúde, enquanto o outro empreendimento era o Hotel Sperb, de propriedade de Jorge Eneas Sperb, um imigrante alemão que residia na cidade de São Leopoldo<sup>94</sup>. As fontes demonstram que nas últimas décadas do século XIX e primeiras do XX, o serviço de

---

<sup>89</sup> ROQUETTE-PINTO, Edgard. Relatório da excursão ao litoral e à região das lagoas do Rio Grande do Sul. In: WITT, Marcos. **Fontes litorâneas: escritos sobre o Litoral Norte do Rio Grande do Sul**. 1. ed. São Leopoldo: Oikos e UNISINOS, 2012. v. 1. p. 99-132. p. 107.

<sup>90</sup> Ibidem, p. 107.

<sup>91</sup> Ibidem, p. 103.

<sup>92</sup> Ibidem, p. 107.

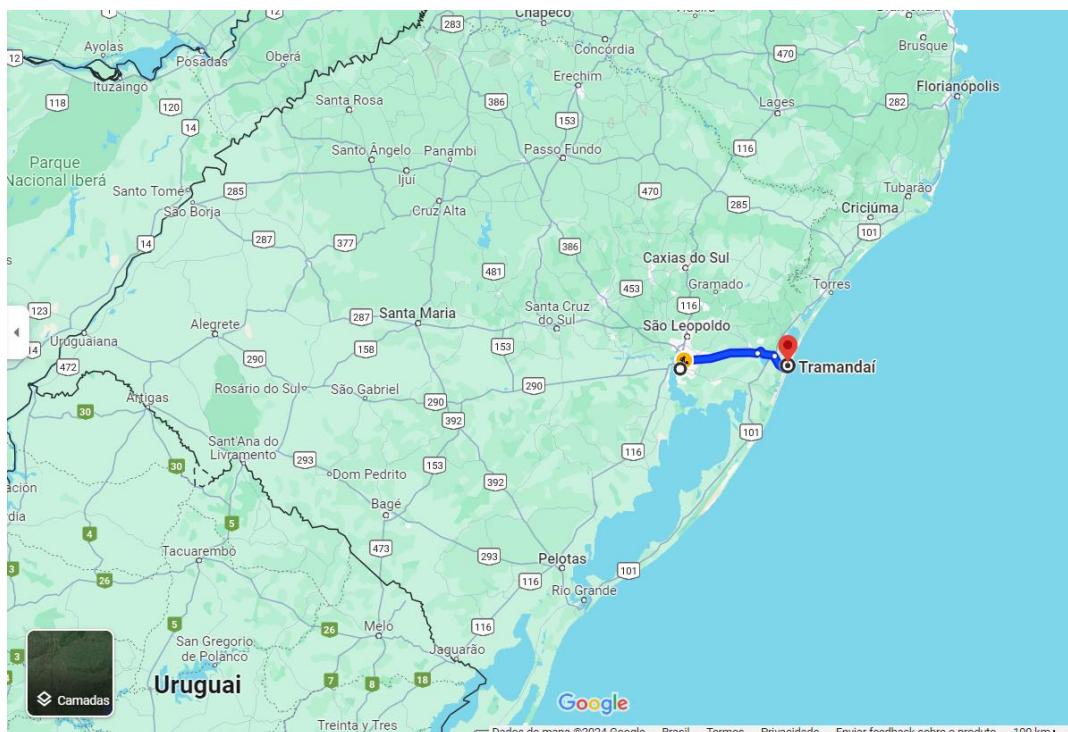
<sup>93</sup> Ibidem, p. 108.

<sup>94</sup> SCHOSSLER, Joana Carolina. Op. cit., p. 100.

transporte de Porto Alegre e região para o litoral norte estava diretamente relacionado com os hotéis — sendo na grande maioria das vezes de responsabilidade dos próprios hoteleiros.<sup>95</sup> Somando essa informação ao fato de que esses empreendimentos geralmente funcionavam apenas de dezembro a março<sup>96</sup>, explica-se não apenas o motivo de Roquette-Pinto não ter conseguido com facilidade se locomover para Tramandaí fora da temporada de veraneio, além de evidenciar a importância dos hotéis para a manutenção dessa atividade.

Compreendendo um pouco mais sobre o início da vilegiatura marítima e da relação dela com os hotéis nessa época, ainda resta um importante questionamento: por que Tramandaí? Quais foram as razões para o pioneirismo desse município nessa prática? A mais óbvia é sem dúvida a sua localização privilegiada. Assim, a Figura 1 apresenta um mapa do estado do Rio Grande do Sul, no qual é possível visualizar essa localização.

**Figura 1: Visão da distância entre Porto Alegre e Tramandaí**



**Fonte: Google Maps**

<sup>95</sup> SCHLOSSER, Joana Carolina. Op. cit., p. 127.

<sup>96</sup> *Correio do Povo*, 5 de janeiro de 1922, p. 9.

Conforme o mapa, a distância entre Porto Alegre e Tramandaí é de apenas 123 km, sendo essa uma das praias de mais fácil acesso para os veranistas daquela região. Portanto, a distância era fundamental na escolha do destino, ainda mais em um momento que até mesmo uma curta distância como essa levava dias para ser percorrida.

Assim como ocorreu na Europa, o discurso médico também foi fundamental para o desenvolvimento da vilegiatura marítima em Tramandaí. Schossler destaca que famílias de imigrantes italianos e alemães tiveram um papel fundamental no “ramo de agenciamento de viagens e empreendimentos de cura e lazer tanto nos sanatórios, como nos lugares de veraneio, os quais não excluíram os preceitos da terapia”<sup>97</sup>. Era muito comum que essas famílias de imigrantes enviassem seus filhos para estudar no outro continente, fazendo com que eles voltassem, trazendo ideais que circulavam nos principais centros urbanos, e assim ocorreu com a prática dos banhos de cura, que ganhou destaque no Brasil a partir de médicos europeus que imigraram para o país, mas também de brasileiros que estudaram na Europa. Esse discurso médico intensificou-se tanto nos primeiros anos do século XX que, em 1921, uma coluna defendendo a popularização dos banhos de mar foi escrita pelo médico, jornalista e político riograndense Raul Pilla e publicada no *Correio do Povo*, na qual advogava que o acesso às praias de veraneio era uma necessidade tão grande quanto o fornecimento de ar, água, luz e esgoto<sup>98</sup>, além de argumentar que:

É uma verdadeira necessidade social popularizar as praias de mar. Não se trata, apenas, de oferecer lugares onde passar férias regulamentares. Para isso, qualquer recanto serve. Os banhos, as pulverizações salinas do ar, a limpidez e a forte luminosidade da sua atmosfera fazem das praias marítimas grandes e insubstituíveis fatores higiênicos e terapêuticos. Relegá-las, equivaleria a abandonar as fontes minerais, cujas virtudes não há quem desconheça. Desenvolvê-las, é concorrer para o fortalecimento da raça, pois não existe melhor tônico para o organismo infantil<sup>99</sup>.

Para reforçar sua defesa desse discurso científico, Raul Pilla também destacou nesse artigo a necessidade de um investimento estatal nas estradas que ligavam

<sup>97</sup> SCHOSSLER, Joana Carolina. Op. cit., p. 67.

<sup>98</sup> *Correio do Povo*, 29 de novembro de 1921. p. 9.

<sup>99</sup> Ibidem, p. 9.

Porto Alegre ao litoral, salientando que o acesso às praias era uma questão de saúde pública e que, em razão das dificuldades para a realização dessa viagem, ela acabava sendo mais fácil para as famílias abastadas<sup>100</sup>.

Anteriormente à popularização dos hotéis, os veranistas que se dirigiam a Tramandaí não encontravam um local preparado para recebê-los, fazendo-se necessário que levassem consigo tudo o que fosse preciso para passar sua estadia e até mesmo que construíssem lá as suas moradias temporárias. Além do mais, não havia ainda uma estrada que ligasse a capital ao litoral norte, fazendo com que a viagem fosse realizada por caminhos e trilhas e conduzida por guias que conheciam a região. O trajeto era realizado em caravanas que seguiam em carretas de boi e mais tarde em carroções puxados por cavalos, algumas levando as pessoas e outras levando os mantimentos. Como a viagem de Porto Alegre até Tramandaí nessa época levava cerca de oito dias, os viajantes precisavam pernoitar em estabelecimentos localizados no percurso<sup>101</sup>. Foi a partir dessa demanda que começaram a surgir nessa região os primeiros estabelecimentos hoteleiros, estes que também estavam ligados ao primado terapêutico, como o próprio nome do Hotel da Saúde — primeiro empreendimento do município — sugere.

### **1.3 As viagens dos primeiros veranistas a Tramandaí**

Viajar de Porto Alegre ao litoral no início do século XX, como apontado acima, não era uma tarefa fácil. Contudo, o desejo de encontrar o mar e usufruir de seus benefícios terapêuticos fez com que diversas famílias enfrentassem essa longa e árdua viagem. Sobre o perfil dessas famílias, é importante lembrar quem eram as pessoas que tinham a oportunidade de aproveitar a temporada de veraneio. Segundo Calanca “para a classe operária, a possibilidade de tirar férias está ligada ao direito de férias remuneradas [...]”<sup>102</sup>. No Brasil, esse direito trabalhista foi conquistado apenas na década de 1940, fazendo com que se locomover para uma cidade afastada e passar ali alguns meses não fosse uma realidade possível para a grande maioria da

---

<sup>100</sup> *Correio do Povo*, 29 de novembro de 1921. p. 9.

<sup>101</sup> SOARES, Leda Saraiva. Op. cit., p. 28.

<sup>102</sup> CALANCA, Daniela. **História social da Moda**. Tradução Renato Ambrosio. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2008. p. 174.

classe trabalhadora, tanto por não poder se afastar de seu trabalho, como também por falta de condições financeiras. Entretanto, para que a temporada decorresse da forma como os vilegiaturistas esperavam, sem dúvidas havia muitos trabalhadores nos bastidores, os quais não aparecem de forma significativa nas fotografias do acervo do MHMPAH que correspondem a esse período. Ademais, chegando à outra temática guia da pesquisa, as fotografias são fontes extremamente relevantes para o estudo do passado, mas para isso é necessário não se deter apenas no que elas mostram, mas também naquilo que não está ali. No início do século XX, as câmeras fotográficas não eram equipamentos acessíveis, fazendo com que na maioria das vezes, fossem pessoas de classes mais altas que estivessem tanto na frente quanto por trás das lentes.

Ainda, durante a pesquisa no acervo do MHMPAH, muitos dados importantes sobre as fontes se destacaram. Um deles diz respeito à disparidade de fontes de uma década para outra, sendo as duas primeiras aquelas que possuem menos registros fotográficos — a maioria oriunda dos acervos das famílias dos proprietários dos hotéis.

Isto posto, a Figura 2 apresenta um registro de um dos primeiros meios de transporte utilizados para que os vilegiaturistas chegassem a Tramandaí, muito comuns nas últimas décadas do século XIX e primeira do XX: os carros de boi. O veículo exibido nessa fotografia apresenta uma carroceria de madeira com rodas de metal, sendo a traseira maior que a dianteira, ademais, o carro é puxado por um animal que não está posicionado dentro do enquadramento, sendo possível visualizar apenas uma parte de seu corpo. Quatro pessoas posam para a foto, algumas em cima e outras em frente ao carro, todas elas utilizam chapéus, para a proteção do sol. Ainda, há um tecido cobrindo a carroceria provavelmente pelo mesmo motivo da utilização dos chapéus. Apesar de as fontes evidenciarem que nesse período a prática da vilegiatura estava reservada para a elite, as vestimentas das pessoas presentes nesse registro certamente não eram trajes de pessoas pertencentes a essa classe social, o que levanta as hipóteses de que ou essas pessoas eram uma exceção e, mesmo pertencendo a classes mais baixas tiveram o acesso ao veraneio ou de que estavam indo ao litoral para trabalharem durante o veraneio.

**Figura 2: Carro de boi do início do século XX<sup>103</sup>**



**Fonte:** Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister.

A primeira fotografia da Figura 3, por sua vez, foca no veículo, deixando a paisagem de fora do enquadramento. Os animais foram colocados no centro da imagem, sendo possível ver o compartimento no qual as pessoas viajavam logo atrás deles. Dentro desse espaço, encontra-se um grupo de pessoas — provavelmente uma família —, que são protegidas do sol, chuva e de outros episódios climáticos por uma construção de madeira e de palha que forma uma espécie de cabine, o que era extremamente importante nesse período, já que as viagens da capital até o litoral norte, como já apontado anteriormente, poderiam levar mais de uma semana<sup>104</sup>.

<sup>103</sup> Segundo o blog “Santo Antônio da Patrulha em fotos e fatos”, este registro foi feito por Severo Horgnies. Ver mais na nota 140. FERNANDES, Marcelo. Homenagem a Severo Horgnies. **Santo Antônio da Patrulha em fotos e fatos** (blog). Santo Antônio da Patrulha, 25 mar. 2011. Disponível em: <https://fotossap.blogspot.com/2011/03/homenagem-severo-horgnies.html>. Acesso em: 3 jul. 2025.

<sup>104</sup> SCHLOSSER, Joana Carolina. Op. cit., p. 141.

**Figura 3: Carros de boi utilizados pelos veranistas**



**Fonte:** Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister.

Já a segunda fotografia desse conjunto, apesar de registrar o mesmo meio de transporte da anterior, foi tirada de maneira completamente diferente. Provavelmente, depois de dias de viagem, finalmente haviam chegado à praia, estacionado o veículo na areia e todos os passageiros saído da cabine para contemplar o tão esperado mar que aparece no plano de fundo da imagem. Nesse registro, o lado contrário da

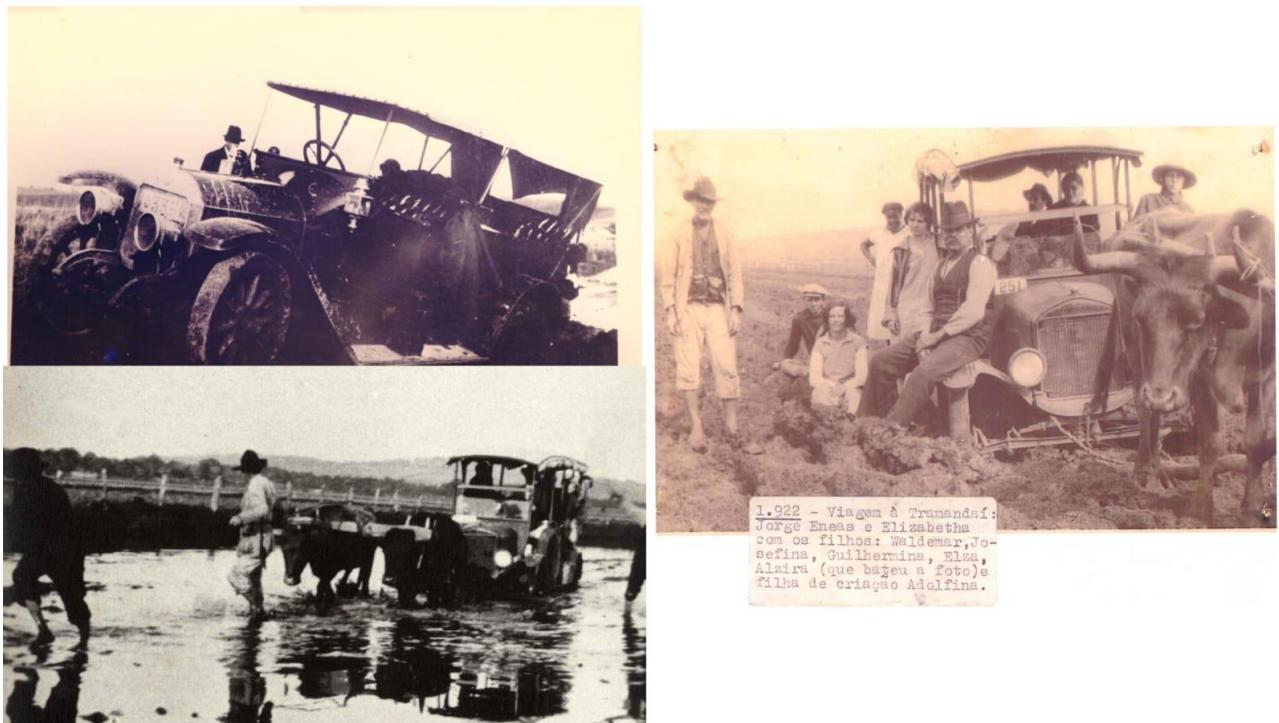
locomoção é o que está mais próximo da câmera, com os animais ao fundo. Por esse ângulo, é possível visualizar melhor a grande roda de madeira que permitia o deslocamento, além de uma escada, feita do mesmo material, que foi colocada na traseira da cabine para facilitar que as pessoas entrassem e saíssem dela. Os passageiros encontram-se em pé na areia e, apesar de estarem na praia, não trajam roupas de banho, mas sim longos vestidos para as mulheres e calças, camisas e casacos para os homens, além de ambos os gêneros estarem usando chapéus — mais um fato que corrobora a hipótese de que haviam recém chegado à praia, uma vez que o modelo não era adequado para passeios a beira-mar. Ademais, o homem que se encontra mais próximo ao veículo segura em sua mão um objeto que possivelmente é uma espécie de vara ou um chicote, o que indica que ele deve ser o condutor. Por fim, ao fundo da imagem e de maneira desfocada estão posicionadas três crianças — fato que se revela tanto pela estatura delas quanto por seus trajes de calças curtas — que, provavelmente movidos pelo entusiasmo de chegar ao destino, já molham seus pés descalços nas águas do mar.

Ao contrário das fotografias anteriores, que datam da primeira década do século XX, a Figura 4 apresenta três fotografias que registram outros meios de transporte, utilizados a partir da segunda década do século XX. Conforme a vilegiatura marítima foi se popularizando em Tramandaí, o que atraiu cada vez mais veranistas, aumentou também a busca por tornar a viagem mais cômoda e confortável. Todavia, apesar de nesse momento ter havido uma melhoria nos veículos, as estradas ainda eram muito precárias, tornando comuns imagens como a da primeira fotografia. Nesse registro, o centro da imagem é um automóvel — aparentemente um modelo Ford T —, símbolo da modernidade do século XX, e que se encontra atolado na areia. Não há passageiros em seu interior, uma vez que esses devem ter saído para esperar o momento no qual a viagem poderia ter continuidade, embora um homem tenha sido capturado pelo fotógrafo, estando posicionado atrás do veículo, talvez procurando uma maneira de resolver esse problema. Ademais, apesar desse veículo possuir as laterais abertas, é possível visualizar nesse registro que há nelas a presença de cortinas abertas, as quais certamente eram fechadas em determinados momentos para fornecer proteção climática e intimidade dos passageiros.

Ainda, outra questão relevante que essa fotografia levanta é de que não eram fotografados apenas momentos felizes e de divertimento, mas também eram

eternizados momentos de insatisfação e percalços, como um carro atolado durante uma viagem à praia.

**Figura 4: Veículos utilizados pelos vilegiaturistas**



**Fonte:** Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister.

Nesse mesmo sentido, a segunda e a terceira fotografias também registram intercorrências das viagens. Diante da inexistência de estradas com destino ao litoral norte do Rio Grande do Sul, as viagens eram realizadas por caminhos extremamente precários<sup>105</sup>, inclusive com passagens por dentro da água, conforme a terceira fotografia, tornando necessário que os carros fossem puxados por animais, como mostra o registro. O último registro também demonstra um desses momentos em que os veículos precisavam da ajuda dos animais, uma vez que o veículo exibido nessa fotografia passava por um caminho com muito barro. Outrossim, esse registro possui uma informação extremamente relevante e que não é encontrada na grande maioria das fotografias do acervo do MHMPAH: a identidade não apenas das pessoas fotografadas, mas também do fotógrafo. Conforme a legenda presente na fotografia, as pessoas registradas são Jorge Eneas, proprietário do Hotel Sperb e que

<sup>105</sup> SCHLOSSER, Joana Carolina. Op. cit., p. 18.

provavelmente é o homem sentado no veículo, Elizabetha, sua esposa e seus filhos Waldemar, Josefina Guilhermina, Elza, Adolfina e Alzira que, apesar de ter seu nome na legenda, não aparece no registro porque era a fotógrafo. Além disso, apenas sete pessoas na imagem têm seus nomes identificados na inscrição, sendo duas não identificadas, provavelmente por serem funcionários dessa família.

Já a Figura 5 é composta por duas fotografias que retratam o destino final da viagem, o momento em que o transporte chega com os veranistas ao local no qual eles ficariam hospedados. No primeiro registro, datado de 1918, um grande número de pessoas — incluindo os seis filhos do proprietário do hotel — posa junto a um ônibus, no qual tanto o nome do Hotel Sperb quanto o do município de Tramandaí estão gravados na lataria e, assim como o veículo anterior, esse também possui teto e laterais abertas. Homens, mulheres e crianças aparecem muito bem arrumados, trajando desde vestidos longos até ternos completos com gravata e chapéu — roupas que devem ter sido escolhidasmeticulosamente para esse momento.

O plano de fundo dessa fotografia é preenchido com duas árvores plantadas em frente à uma construção em madeira, provavelmente o salão principal do hotel, permitindo ver dois homens e uma mulher posados em pé em uma das portas. A mulher veste uma camisa branca com o que parece ser um avental escuro por cima, ao passo que os dois rapazes estão vestidos de maneira idêntica: camisas brancas sem casaco e gravata borboleta escura. Levando em conta a indumentária e a posição na qual essas pessoas se colocam na imagem: ao fundo dos hóspedes, quase mesclados na construção, como se fossem um elemento da paisagem, elas possivelmente eram funcionárias do hotel.

O segundo registro, por sua vez, é do ano de 1919 e exibe seis veículos estacionados em frente ao Hotel Sperb. Os carros estão cuidadosamente posicionados um ao lado do outro, como em um desfile, reforçando que o objetivo do fotógrafo era o de retratar os veículos, símbolos da modernidade e objeto de ostentação. Ainda, um grande número de pessoas, provavelmente hóspedes do hotel, posam junto aos carros, todos também devidamente posicionados para serem capturados pelas lentes da câmera.

**Figura 5: Veículos em frente ao Hotel Sperb**



**Fonte:** Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister.

Na legenda da fotografia, uma informação importante se sobressai: as viagens de Porto Alegre a Tramandaí levavam cerca de 10 a 12 horas. Todavia, em 1922, apenas três anos depois, anúncios do Hotel Sperb no jornal *Correio do Povo* frisavam o serviço de diligência de Porto Alegre até Tramandaí que era oferecido pelo proprietário do hotel, destacando que o transporte era realizado em um automóvel da

marca N. A. G., que comportava nove passageiros. Além de também realçar que a viagem custava um pouco mais caro do que para outras praias, mas que ela era realizada em apenas seis horas, ao invés de dois ou três dias como ofereciam outras empresas<sup>106</sup>.

Finalmente, a Figura 6 é composta por duas fotografias do bondinho, implementado no ano de 1928 e que fazia o transporte dos hóspedes desde os seus hotéis até a beira-mar, e vice versa, não sendo mais necessário que os banhistas fizessem esse trajeto a pé, como era anteriormente.

**Figura 6: Bondinho de Tramandaí**



**Fonte:** Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister.

<sup>106</sup> Correio do Povo, 5 de janeiro de 1922, p. 9.

Assim sendo, a primeira fotografia exibe o terminal do bonde, o qual era construído com paredes de madeira e telhados de palha, assim como eram os chalés desse período.

Ainda, é possível visualizar que tanto essa estrutura, quanto os trilhos, não eram posicionados diretamente no chão, mas sim suspensos por estacas de madeira, o que possivelmente foi feito com o objetivo de evitar que o bonde pudesse ficar atolado na areia e prejudicar o deslocamento dos veranistas, o que fica ainda mais claro no segundo registro, que mostra o bonde em pleno funcionamento, andando por cima de trilhos dispostos em estacas acima da areia.

#### **1.4 A modernização das viagens a Tramandaí**

Na transição da década de 1920 para 1930, cenário de grande modernização em todo o Brasil, as viagens dos veranistas rio-grandenses também passaram por um processo de modernização. Assim, em 1930, a revista *A Gaivota* publicou uma matéria denominada “As viagens às nossas praias outrora e hoje”<sup>107</sup>, na qual comparava as viagens em carros de boi do início do século com as viagens em carros modernos que eram realizadas nesse ano<sup>108</sup>.

Tramandaí, localidade que há apenas algumas décadas não possuía nenhum tipo de espaço adequado para receber esses veranistas, nesse momento já estava se equipando com recursos para maior comodidade daqueles que buscavam a cidade durante a temporada de veraneio.

Com os carros começando a se popularizar dentre os veranistas, empresários que desejavam investir em Tramandaí começaram a pensar em novas oportunidades de empreendimentos para essa região. Como ir de carro a uma cidade que não possui um posto de gasolina? Possivelmente, dentre todo o planejamento que uma estadia de meses requeria, os veranistas ainda precisavam pensar em uma maneira de transportar combustível para a ida, a permanência e a volta. Dessa forma, Ego Hoffmeister, empresário de São Leopoldo, viu nessa demanda uma oportunidade de

---

<sup>107</sup> O título desta matéria foi utilizado como título desse capítulo.

<sup>108</sup> *A Gaivota*, 1930, p. 5.

negócio e construiu, no início da década de 1930, o primeiro posto de gasolina de Tramandaí. Dessa maneira, a Figura 7 retrata o Posto Standard, localizado na principal avenida de Tramandaí.

**Figura 7: Posto Standard**



**Fonte:** Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister.

Nesta fotografia é possível identificar que a construção era em madeira, assim como eram construídos os hotéis e chalés da cidade, além de haver ornamentos ligando os pilares com o teto, e o nome do posto estampado em mais de um lugar. Ainda, pelo ângulo que a fotografia foi retirada, é possível visualizar duas bombas de gasolina para atender os clientes.

Nesse mesmo período, com a popularização das viagens a Tramandaí, alguns comércios foram construídos na cidade. Dentre eles, A Economia, de Ego Hoffmeister<sup>109</sup>, mercearia localizada na principal avenida de Tramandaí. A Figura 8 foi

---

<sup>109</sup> Pai de Abrilina Hoffmeister, professora que nomeia o museu no qual o acervo analisado nessa dissertação está localizado.

tirada em frente a esse comércio, o qual também era construído em madeira e possuía adereços decorativos no teto e uma placa com o nome do empreendimento. Ainda, esse registro mostra um grupo de homens, todos com roupas sociais e a maioria de chapéu, todos perto de um veículo do Expresso Nordeste, empresa que realizava o transporte de passageiros e de cargas de Porto Alegre para o litoral. Ao lado do veículo, um homem de paletó e gravata com um quepe de motorista posa com o braço apoiado no automóvel, o que indica que muito provavelmente ele era o condutor desse veículo. Por fim, essa fotografia ter sido tirada em frente a esse estabelecimento aponta que provavelmente ele era uma parada dos veículos que se dirigiam a Tramandaí.

**Figura 8: Veículo do Expresso Nordeste em frente ao empreendimento de Ego Hoffmeister**



**Fonte:** Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister.

Todavia, apesar de diversas melhorias já serem vistas nesse período, no início da década de 1940 ainda havia uma reclamação geral entre os veranistas: a situação precária das estradas que ligavam a capital ao litoral norte. Assim, em 1942, um grupo de mais de 40 fazendeiros, granjeiros, pequenos proprietários e veranistas realizaram um memorial endereçado ao interventor federal General Cordeiro de Farias, solicitando melhorias na estrada que ligava Viamão ao litoral. Esse memorial foi

publicado na revista *A Gaivota* e expressava como essas melhorias favoreceriam tanto os agricultores quanto as pessoas que buscavam o litoral durante a temporada de veraneio<sup>110</sup>.

Apesar desse memorial datar da década de 1940, o desagrado com a precariedade das estradas já era notado anos antes. No ano de 1929, no primeiro número da revista *A Gaivota*, foi publicada uma coluna escrita por D. João Becker<sup>111</sup> e denominada “Uma viagem a Tramandaí”<sup>112</sup>, na qual ele retratava como foi se locomover de Porto Alegre até a cidade litorânea no dia 5 de fevereiro de 1929, auge da temporada de veraneio. Dentre diversas informações importantes acerca dessa viagem, Becker destacou algumas intercorrências ocorridas na estrada:

Pois, havia esperança de chegarmos, pelas 11 horas, a Tramandaí. Puro engano! Começaram, então, os embaraços e as dificuldades! Em consequência de chuvas torrenciais em dias anteriores, estavam grandes trechos da estrada transformados em lamaçais e atoladouros. Amplos lençóis d'água como “mares nunca antes navegados”, ameaçavam a nossa passagem. Um automóvel após o outro atolava. Não sei se meu *Buik* bateu o recorde de desporto ou se a outro coube a gloria. O certo é que meu auto ficou duas vezes enterrado.<sup>113</sup>

Apesar da insatisfação com as condições das estradas e com a negligência estatal com esse tema, empresários continuaram enxergando na temporada de veraneio uma oportunidade de empreendimento. Além dos carros já mostrados anteriormente, com o passar dos anos, os ônibus também passam a protagonizar as fotografias do acervo do MHMPAH.

Desse modo, a Figura 9 é composta por duas fotografias de ônibus da *Transportes Jaeger*, de propriedade de Jaeger e Irmão, empresa que começou seus negócios com o transporte de cargas e, posteriormente, investiu no transporte de passageiros. O primeiro registro, datado de 1942, mostra um dos ônibus dessa empresa sendo fotografado por um ângulo que possibilita que seja mostrada a frente e a lateral do veículo, na qual é possível ler o nome do empreendimento. Na parte da

---

<sup>110</sup> *A Gaivota*, 1942, p. 5.

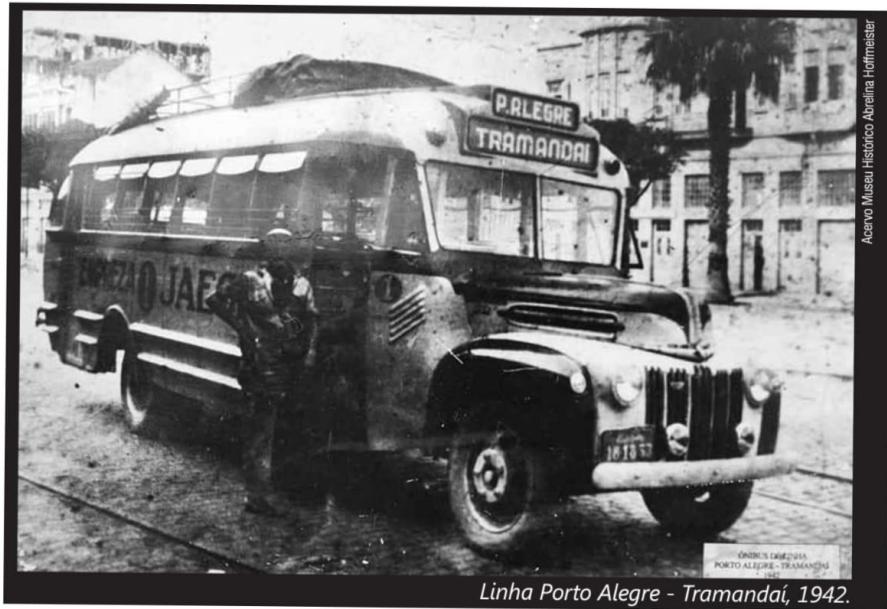
<sup>111</sup> Na ocasião era Arcebispo Metropolitano de Porto Alegre.

<sup>112</sup> A grafia das citações retiradas da revista *A Gaivota* foi atualizada.

<sup>113</sup> *A Gaivota*, 1929, p. 7.

frente do ônibus é possível identificar uma placa que mostra a linha que ele fazia: Porto Alegre a Tramandaí.

**Figura 9: Ônibus da Transportes Jaeger**



**Fonte:** Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister.

Posando ao lado da porta do automóvel há um homem, a única pessoa retratada, o que atesta que muito provavelmente era o motorista. Ademais, também no ano de 1942, era possível encontrar anúncios dessa empresa na revista *A Gaivota*, os quais apresentavam diversas informações sobre as viagens: durante o verão as linhas eram diárias e em diversos horários de ida e volta, começando às 6 horas da manhã e se encerrando às 17 horas e trinta minutos. Ainda, a partida dos ônibus era

de Porto Alegre e a linha final Torres, passando por diversas localidades durante esse percurso, cada uma com um preço diferente de passagem, com a viagem de Porto Alegre a Tramandaí custando Cr\$ 18.000.

Na segunda fotografia também é possível identificar o nome da empresa na lateral do ônibus, todavia, nesse registro o veículo foi captado por outro ângulo, no qual é possível ver a sua parte traseira. Além do mais, essa fotografia foi tirada na faixa de areia da praia, ao contrário da primeira, que foi tirada em um cenário urbano, comprovando que nesse caso o ônibus já havia chegado ao seu destino. Assim como no registro anterior, esse também apresenta apenas uma pessoa: um homem usando apenas um calção de banho. Por fim, um dado importante sobre essa fotografia é a inscrição feita em sua parte inferior, que permite ler a frase “Lembrança de Tramandaí 1954”, uma vez que se trata de um cartão-postal registrado na orla da praia de Tramandaí, na qual, possivelmente, fotógrafos ofereciam seus serviços aos banhistas.

O papel que os cartões-postais<sup>114</sup> exerceram na popularização do veraneio tramandaiense é extremamente importante, uma vez que eles contribuíam com o desejo de estar junto ao mar. Sobre essa questão, Schossler destaca que:

A circulação de cartas, cartões-postais e fotografias com impressões das praias aumentou o desejo da beira-mar dos destinatários que sonhavam em ser remetentes no próximo verão. As imagens do mar, os banhos, o espetáculo da natureza e os relatos dos prazeres de sair da rotina, certamente foram para muitos um primeiro contato com a paisagem marítima, que se constituiu para outros em uma única experiência da beira mar<sup>115</sup>.

Nesse contexto, a primeira fotografia da Figura 10, datada de 1955, também é um cartão-postal que retrata um ônibus na faixa de areia da praia de Tramandaí, com dois homens que não usam roupa de banho, posando ao lado do veículo enquanto alguns passageiros podem ser vistos pelas janelas laterais. Por mais que não seja

<sup>114</sup> Sobre o papel dos cartões-postais, Fernandes Júnior salienta que o cartão-postal pode ser compreendido como o primórdio da globalização por meio da imagem, promovendo a democratização fotográfica e garantindo a preservação de memórias que poderiam ter sido descartadas. Já Patrício, defende que os cartões-postais podem ser entendidos como um tipo de “promessa da felicidade”, já que geralmente são compostos por imagens clichês que buscam alcançar novos visitantes para o lugar ali retratado. FERNANDES JÚNIOR, Rubens. **Postaes do Brasil**. São Paulo: Metalivros, 2002.; Patrício, A. S., "Arranha-céu, visão e imagem: Nova York, séc. XX", apud Franco, FRANCO, Patrícia dos Santos. Cartões-postais: fragmentos de lugares, pessoas e de percepções. **Métis: História & Cultura**. V. 5, n. 9, 2006, p. 25-62, jan. /jun.

<sup>115</sup> SCHOSSLER, Joana Carolina. Op. cit., p. 120.

possível identificar a qual empresa pertencia esse ônibus, em sua lateral está escrito a palavra “praia”, talvez um chamativo ainda maior para os veranistas que buscavam um meio de transporte para o litoral.

**Figura 10: Ônibus que levavam os veranistas a Tramandaí**



**Fonte:** Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister.

Já a segunda fotografia da Figura 10 apresenta um ônibus da empresa Expresso Azul, fundada em 1950 pela família Glufke e, apesar de não terem sido encontradas mais informações acerca desse empreendimento, é possível que o

número “seis”, presente na lateral do veículo, indique que a empresa possuía, no mínimo, seis ônibus.

O registro mostra apenas o veículo, sem nenhuma pessoa em seu interior ou posando ao lado. No entanto, um detalhe chama atenção: a placa que identifica a linha do ônibus indica que ele partia de Osório — município vizinho a Tramandaí, destino final do trajeto. Essa linha de aproximadamente 22 km evidencia que, já nos anos 1950, Tramandaí era um destino bastante procurado. Esse dado aponta uma mudança significativa no veraneio: enquanto no início do século XX os banhistas costumavam permanecer cerca de três meses na praia, a partir da metade do século passaram a optar por estadias mais curtas, como feriados, finais de semana ou até mesmo apenas um dia de passeio, como a curta viagem realizada por essa linha de ônibus permitia.

Já Figura 11 retrata um posto de fiscalização do Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem (DAER) colocado na estrada que levava Porto Alegre ao litoral norte, no ano de 1957.

**Figura 11: Posto de fiscalização do DAER**



**Fonte:** Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister.

Nos anos 1950, com um grande aumento das viagens ao litoral, foi necessário também um aumento na fiscalização estatal nas estradas. Assim, nessa fotografia é possível visualizar uma grande fila de veículos se formando na pista, constatando o significativo número de veranistas que traçavam esse trajeto para chegar ao litoral.

Por fim, no ano de 1960 um novo tipo de transporte foi implementado em Tramandaí, todavia, apesar da novidade, ele era inspirado em um velho conhecido dos veranistas dessa localidade: os bondinhos retratados no tópico anterior e que haviam funcionado entre os anos de 1928 e 1938. Dessa maneira, em 1960 surge a empresa Dindinho, a qual trazia um novo modelo de bondinhos para transportar os veranistas por toda a cidade. A primeira imagem da Figura 12 retrata a lateral do Dindinho, sendo possível identificar seus vagões e diversos anúncios de comércios de Tramandaí que eram ali colocados, além de visualizar os seus passageiros, a grande maioria em roupas de banho. A segunda imagem, por sua vez, mostra um fragmento da traseira desse veículo estacionado junto à calçada, com uma placa redonda com a frase “Parada Dindinho”, sendo que os passageiros faziam filas para esperar por esse transporte.

**Figura 12: Dindinho**



**Fonte:** Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister.

Os meios de transporte podem ser entendidos como um elo entre o desejo pelo mar e sua realização. Tendo em vista que, em sua maioria, os veranistas que se dirigiam a Tramandaí provenham de Porto Alegre e da sua região metropolitana, compreender seus deslocamentos entre as cidades de origem e o litoral é fundamental para também se compreender como ocorreu o desenvolvimento do veraneio tramandaiense. Além disso, a modernização dos veículos anda de mãos dadas com a modernização do veraneio, desde os carros-de-boi que transportavam os vilegiaturistas que passavam meses isolados no litoral até os carros e ônibus que permitiram viagens mais rápidas tanto para os veranistas que ficavam a temporada toda no litoral, quanto para os que agora podiam ficar apenas por um feriado e/ou final de semana.

## CAPÍTULO 2: “Gozando as delícias de Tramandaí”: O encontro dos veranistas com o mar

“Ó imensidão azul

Ó vasto mar sem fim

Vim pra mergulhar em ti

Para encontrar a mim”

(*Eu sou do mar, Armandinho*)

Início do século XX, cidade de Tramandaí, litoral norte do estado do Rio Grande do Sul. Provavelmente é dezembro, janeiro ou fevereiro, meses do auge do verão nessa região. Os pés descalços tocam a areia e a imensidão d’água balança para frente e para trás como se convidasse os corpos curiosos a ali adentrarem. Desde a partida de Porto Alegre até a chegada a esse destino, esse era o momento mais aguardado por todos: o encontro com o mar. Como eram os banhos de mar nessa região? Qual era o perfil dos veranistas que procuravam Tramandaí? Quais trajes de banho eram utilizados nessa região? Como a imprensa ilustrada influenciava nos padrões de comportamentos dos veranistas? Como ocorreu a transição da terapia ao lazer no veraneio? Como eram os registros fotográficos dos veranistas? Quem capturava esses registros? Por que os veranistas se interessavam em fotografar esse momento? São esses questionamentos que serão respondidos ao longo desse capítulo.

### 2.1 Os banhos de cura e a origem do veraneio em Tramandaí

A maioria das fotografias do acervo do MHMPAH que retratam a vilegiatura marítima em Tramandaí foram doadas a partir de acervos pessoais de familiares dos vilegiaturistas. Ainda, é possível notar como muitas delas são parecidas — algumas pessoas até mesmo aparecem em várias delas, utilizando a mesma indumentária, uma constatação que sugere que essas fotos possam ter sido tiradas em um mesmo dia, ainda mais levando em conta que câmeras fotográficas não eram tão acessíveis nesse período, principalmente em cidades pequenas, onde, possivelmente, não

existiam estúdios fotográficos<sup>116</sup>. Assim, é possível levantar a hipótese de que os banhistas aproveitaram a oportunidade de um dia em que havia acesso a esse aparelho para registrarem vários momentos.

Além do mais, muitas das fotografias pertenciam ao acervo pessoal das famílias dos hoteleiros, uma vez que contratavam fotógrafos para registrar tanto os hotéis quanto as atividades realizadas pelos seus hóspedes. Apesar dos anúncios publicitários dos hotéis nos periódicos não possuírem imagens, apenas um pequeno texto informativo, as fotografias eram utilizadas para a confecção de cartões-postais, os quais circulavam por Porto Alegre e sua região metropolitana, despertando o desejo de ir ao mar naqueles que ainda não tinham tido essa oportunidade.

No final do século XIX e início do XX, o Brasil não importava da Europa apenas objetos, mas também os modos de se comportar, tendo em vista que esse continente era considerado uma referência sobre o que era ser “civilizado” para os brasileiros<sup>117</sup>. Assim, com a importação do discurso médico que prezava pelas águas frias para os banhos de cura, o litoral do Rio Grande do Sul foi muito apreciado para a realização desse tratamento em razão da baixa temperatura de suas águas<sup>118</sup>.

Da mesma forma como ocorria no contexto europeu, os banhos de cura nessa região seguiam procedimentos extremamente rigorosos, geralmente sendo realizados na primeira hora da manhã para aproveitar as baixas temperaturas das águas, que era tão recomendada pelos médicos dessa época<sup>119</sup>, sendo essa rigidez dos banhos um dos elementos que mais influenciavam nas indumentárias utilizadas pelos vilegiaturistas. A Figura 13 é composta por duas fotografias de banhistas em Tramandaí na década de 1920, as quais permitem a realização de uma análise desses trajes de banho.

<sup>116</sup> LOPES, Aristeu Elisandro Machado. **Trabalhadores da carne e do couro em 3X4:** histórias de trabalho e fotografias nas solicitações de carteira profissional em frigoríficos e curtumes no Rio Grande do Sul, anos 1930/1940. Porto Alegre: Casaletras, 2023. Disponível em: <https://quaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/13688>. Acesso em: 10 abr. 2025. p. 38.

<sup>117</sup> MARIEN, Silvia Trindade. **Trajes de banho no Brasil: modos de olhar e de educar o corpo (1920-1930).** Campinas, SP: 2008. p. 19.

<sup>118</sup> CORREA, Sílvio Marcus de Souza. Germanidade e banhos medicinais nos primórdios dos balneários no Rio Grande do Sul. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.17, n.1, jan.-mar. 2010, p.165-184. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3861/386138048011.pdf1>. Acesso em: 27 de abr. de 2025. p. 175.

<sup>119</sup> SCHLOSSER, Joana Carolina. Op. cit., p. 181.

Apesar do acervo do MHMPAH não possuir a informação do ano exato em que cada uma dessas fotografias foi tirada, os trajes sugerem que a primeira, muito provavelmente, é datada do início dos anos 1920. O primeiro registro da Figura 13 apresenta um grande número de veranistas posando em frente ao mar. Não sabemos ao certo qual era a relação dessas pessoas e o porquê decidiram tirar essa fotografia juntos, mas é possível levantar algumas hipóteses: pode ser que sejam todos membros de uma mesma família, ou conhecidos de suas cidades originárias que se encontraram em Tramandaí, que sejam hóspedes do mesmo hotel ou até mesmo que apenas tenham se conhecido ali, à beira-mar, e tomado a decisão de eternizar esse momento.

**Figura 13: Grupos de vilegiaturistas na praia de Tramandaí durante a década de 1920**



**Fonte:** Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister.

Seja como for, esse registro apresenta vários pontos relevantes, como a discrepância nas indumentárias de banho de homens e mulheres, dado que a maioria dos homens estavam com os torsos nus enquanto as mulheres não abandonavam seus longos e pesados trajes e as suas toucas.

Até meados do século XIX, as mulheres vestiam apenas vestidos e saias, mesmo durante os banhos, porém as ondas costumavam levantá-las, fazendo com que aos poucos peças como calças fossem introduzidas também para as mulheres<sup>120</sup>, embora, como essa fotografia sugere, nem todas as adotavam. Um outro padrão encontrado nas vestimentas das mulheres desse registro é a touca de proteção dos cabelos, uma peça tão indispensável para as mulheres nessa época que aparecia em todas as fotografias do acervo do MHMPAH que correspondem ao recorte temporal estudado, além de ser possível encontrar publicidades de confecções de toucas impermeáveis para banhistas nos classificados do *Correio do Povo*<sup>121</sup>.

Há também uma presença significativa de crianças nesse registro, o que revela o caráter familiar dessa atividade. Por fim, no canto direito da fotografia ainda é possível observar a existência de um cachorro, animal que com certeza não está na fotografia simplesmente ao acaso, pode ser que seja um cachorro que estava vagando por ali, mas também há a possibilidade de ele ser o animal de estimação de alguém e que foi levado para Tramandaí para passar o veraneio junto com sua família.

A segunda fotografia da Figura 13 também apresenta um grupo de veranistas. As quatro mulheres que aparecem nesse registro estão usando peças únicas que cobrem o corpo todo, até abaixo dos joelhos. Contudo, enquanto as três primeiras utilizam vestidos, a última está vestida com um macacão. Em contraste com os trajes femininos, os dois homens que aparecem nesse registro estão com o torso nu, as cabeças descobertas e um deles com uma bermuda que se estende apenas até a metade da sua coxa. Essa discrepança acentua como os trajes não eram iguais para ambos os sexos, uma vez que esses dois grupos se diferenciavam através das suas roupas<sup>122</sup>. Ainda pensando nos trajes de banho utilizados em Tramandaí nesse

---

<sup>120</sup> MARIEN, Silvia Trindade. Op. cit., p. 16.

<sup>121</sup> *Correio do Povo*, 21 de dezembro de 1924, p. 13.

<sup>122</sup> SOUZA, Gilda de Mello E. **O espírito das roupas: a moda no século dezenove**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 59.

período, a Figura 14 apresenta dois registros de homens veraneando nessa localidade.

**Figura 14: Homens na praia de Tramandaí na década de 1920**



**Fonte: Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister.**

Diante disso, analisando a indumentária desses rapazes, é possível observar como alguns homens aparecem de peito nu, enquanto outros vestem regatas de mangas cavadas que deixam toda a lateral do corpo exposta, com apenas um desses rapazes vestindo roupa com mangas. Fica claro que, principalmente na primeira

fotografia, foram retratados garotos bem jovens, ainda adolescentes, o que evidencia que essa prática já era vista como uma demonstração de masculinidade até mesmo para os homens de pouca idade.

Em contrapartida, a Figura 15 apresenta três fotografias que retratam apenas mulheres, imagens praticamente antagonistas das anteriores. As mulheres, por sua vez, estão todas com a tradicional touca de proteção do cabelo e roupas que cobrem praticamente todo o corpo, algumas com mangas que vão até metade do braço e as pernas parcialmente cobertas.

**Figura 15: Mulheres na praia de Tramandaí na década de 1920**



**Fonte:** Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister.

Apesar das roupas femininas precisarem desempenhar um papel de proteção das mulheres, vistas como o sexo frágil, elas não deixavam de seguir tendências de moda e ter características estéticas agradáveis para suas consumidoras, o que fica

claro em anúncios de lojas de roupas de banho, como o da Casa Cecília Louro, que trazia a frase “Os últimos figurinos europeus, tipos de grande sucesso”<sup>123</sup>, que mostra que não apenas o costume de tomar banhos de cura foi importado da Europa, como também os trajes de banho que lá eram utilizados para realizar essa prática.

Mesmo todas as indumentárias presentes nessas fotografias sendo de cores escuras — o que igualmente era considerado vital para a proteção —, elas possuem detalhes como listras nas golas, mangas e barras, além de a terceira moça da primeira fotografia estar vestida com um traje de tecido quadriculado. Ainda, as toucas também possuem modelos diferentes, como no caso da terceira mulher da primeira fotografia que utiliza uma touca com a amarração no queixo, e adereços decorativos como a aplicação de flores de tecido na touca da moça que estampa a última fotografia.

A Figura 16, por sua vez, expõe duas fotografias de famílias à beira-mar em Tramandaí. Dessa forma, esse conjunto permite uma visão para além dos trajes femininos e masculinos, mas também das roupas infantis. Uma das principais razões para as mulheres dessa época sempre utilizarem roupas que cobrem a maior parte do corpo é a questão do controle social que era muito mais rígido com o sexo feminino<sup>124</sup>. Contudo, há também uma outra razão: o fato de que as mulheres eram vistas como seres mais frágeis que os homens, necessitando de uma maior proteção quando adentravam nas águas frias ou se expunham ao sol. Perante a isso, nessas fotografias fica claro como as roupas infantis eram extremamente parecidas com as femininas — em sua maioria, trajes com mangas e cobrindo a maior parte das pernas, além da utilização da touca de proteção —, que reforça a presunção de que as mulheres eram entendidas como mais frágeis, tal qual as crianças<sup>125</sup>.

---

<sup>123</sup> *Correio do Povo*, 3 de janeiro de 1929, p. 9.

<sup>124</sup> LUCENA, Ricardo de F. **O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro**. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 31.

<sup>125</sup> CORBIN, Alain. Op. cit., p. 87.

**Figura 16: Crianças e famílias na praia de Tramandaí durante a década de 1920**



**Fonte:** Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister.

Ainda, as fotografias das Figuras 16 e 17 revelam uma outra característica importante sobre o veraneio dessa época: o caráter familiar dessa atividade. A primeira fotografia da Figura 16 apresenta três crianças bem pequenas sentadas na areia, elas utilizam macacões idênticos, escuros com detalhes em branco na gola — o que indica que provavelmente elas são da mesma família, talvez irmãs —, as duas menores ainda usam camisas brancas com mangas maiores por baixo dessa peça, possivelmente para fornecer maior proteção solar. Ademais, há dois objetos existentes

nesse registro que levantam outro ponto relevante: trata-se de uma pequena boneca e de uma cestinha de palha, brinquedos que evidenciam que, apesar do primado terapêutico tão característico da vilegiatura nesse período, havia também um esforço para introduzir o lazer nessa atividade.

Já a outra fotografia da Figura 16 e as duas fotografias da Figura 17 retratam um tema extremamente recorrente no acervo do MHMPAH: fotos de casais com seus filhos.

**Figura 17: Famílias na praia de Tramandaí na década de 1920**



**Fonte:** Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister.

Entendendo a vilegiatura como uma atividade de caráter familiar, entende-se também esse esforço em produzir registros do núcleo familiar durante a realização dessa prática, registros esses que compunham os álbuns de fotografias localizados em seus lares e que permitiam uma visão da praia, um local visitado apenas uma vez por ano, para que eles relembrassem e pudessem mostrar para outras pessoas que ainda não conheciam esse espaço — o que ajudou muito na expansão do veraneio, uma vez que observar essas fotografias despertava a vontade de conhecer a praia naqueles que ainda não tinham tido essa oportunidade<sup>126</sup>.

Ainda, é possível também constatar alguns padrões nesses três registros: todos os casais estão na mesma posição, sentados na areia junto das crianças, provavelmente uma pose indicada pelo fotógrafo que já possuía um padrão específico para fotografar famílias.

Finalmente, a Figura 18 apresenta duas fotografias de uma cena que, apesar de ser o objetivo central dos vilegiaturistas, não possui tantos registros no acervo do MHMPAH: o banho de mar propriamente dito. Ao contrário da maioria das fotografias que apresentam pessoas posando na areia, nos três registros é possível observar grupos de veranistas banhando-se no mar.

Nota-se na primeira fotografia que mais da metade do grupo é composta por mulheres e que os banhistas não estão em águas muito profundas, sendo possível avistar um pedaço da faixa de areia. Além do mais, é possível identificar várias pessoas de mãos dadas — inclusive um grande grupo formando uma corrente humana bem no centro da imagem, o que provavelmente ocorria para evitar afogamentos, uma vez que nesse período ainda não havia salva-vidas em Tramandaí<sup>127</sup> e as pessoas não estavam acostumadas a nadar em mar aberto. O costume de banhar-se em grupo também fica evidente no segundo registro, o qual também tem como foco um grande grupo tomando banho junto, para evitar afogamentos, o que é reforçado pela sua legenda — a qual também corrobora que os banhos eram tomados sempre pela manhã.

---

<sup>126</sup> SCHOSSLER, Joana Carolina. Op. cit., p. 120.

<sup>127</sup> SOARES, Leda Saraiva. Op. cit., p. 28.

**Figura 18: Banhos de mar em Tramandaí na década de 1920**



Ao centro e na lateral, banhistas de mãos dadas para evitar o afogamento.



**Fonte: Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister.**

A segunda fotografia, por sua vez, exibe o momento do banho mais de perto, registrando o exato momento em que cinco pessoas são atingidas por uma onda. Essa fotografia é relevante também para a compreensão de uma questão importante: apesar que nesse momento o primórdio terapêutico ser o que prevalecia, fica claro nas expressões das pessoas — rindo ao sentir a onda do mar contra seus corpos —,

que o lazer já fazia parte dessa atividade nesse momento. Em outras palavras, não era porque o objetivo dessa atividade era a cura de alguma enfermidade, que ela não poderia ser divertida.

## **2.2 Da terapia ao lazer: transformações no veraneio tramandaiense**

As décadas de 1930 e de 1940 marcaram um período de transformações na prática do veraneio em Tramandaí, as quais são perceptíveis ao realizar uma comparação entre as fotografias dessa época as dos anos anteriores. Enquanto os banhos terapêuticos e o discurso médico eram o que movia o veraneio tramandaiense desde o final do século XIX até os últimos anos da década de 1920, esse novo período colocou o lazer em evidência para os veranistas que procuravam essa localidade. Dumazedier indica três características centrais do conceito de lazer:

1. [...] oferece ao homem as possibilidades da pessoa libertar-se das fadigas físicas ou nervosas que contrariam os ritmos biológicos da pessoa. Ele é poder de recuperação ou ensejo de flanação.
2. [...] oferece a possibilidade da pessoa libertar-se do tédio cotidiano que nasce das tarefas parcelares repetitivas, abrindo o universo real ou imaginário do divertimento, autorizado ou interdito pela sociedade.
3. [...] permite que cada um saia das rotinas e dos estereótipos impostos pelo funcionamento dos organismos de base; abre o caminho de uma livre superação de si mesmo e de uma liberação do poder criador, em contradição ou em harmonia com os valores dominantes da civilização<sup>128</sup>.

Assim, lazer aqui é entendido como atividades que são realizadas de livre vontade, seja com objetivo de se divertir, de repousar, de se entreter ou até mesmo de formação, sendo a participação de forma voluntária e feita separadamente de obrigações familiares, profissionais ou sociais<sup>129</sup>. Como já foi exposto, a vilegiatura marítima seguia regras rígidas de acordo com recomendações médicas, não sendo compatível com esse conceito. Dessa forma, é com o desprendimento dessas regras que as pessoas passam a encontrar no veraneio uma atividade de lazer. Ainda, é importante destacar a importância da conquista de direitos trabalhistas como as férias

---

<sup>128</sup> DUMAZEDIER, Joffre. Op. cit., p. 96-97.

<sup>129</sup> Idem. p. 28.

remuneradas para a consolidação do lazer, principalmente para a classe operária. Assim, para Calanca “a vilegiatura é, principalmente, ócio e isolamento; as férias são, ao contrário, movimento, vontade de evasão, mas também desejos de relações sociais não convencionais.<sup>130</sup>”

Uma característica marcante das fotografias dessa época e que atesta essa transformação no veraneio é, sem dúvidas, a vestimenta dos veranistas. Pensando nos trajes de banho femininos, anteriormente, para a realização dos banhos de cura, as roupas desempenhavam um papel de proteção, tornando necessário que fossem confeccionadas com tecido mais pesado e que cobrissem a maior parte do corpo das mulheres. Todavia, a partir da transição da década de 1920 para a década de 1930, esses trajes passam por um processo de transformação.

Diante disso, revistas ilustradas acabam sendo fontes de grande relevância para analisar a moda da primeira metade do século XX e, por essa razão, foram aqui associadas às fotografias para um melhor entendimento dessa questão. Desde seus primeiros números, temáticas ligadas à moda praia já figuravam nas páginas da revista carioca *O Cruzeiro*. É importante destacar que nesse período a cidade do Rio de Janeiro era a capital federal, posição que a colocava como sinalizadora de inovações comportamentais para todo o país<sup>131</sup>. Pensando no contexto histórico que essa publicação está inserida, Costa destaca que:

A revista *O Cruzeiro*, no editorial do primeiro número, trouxe a público a promessa de colocar-se como a mais completa e mais moderna publicação do gênero produzida no Brasil. Esta se tornaria de fato uma meta perseguida ao longo das três décadas seguintes. Lançada no final de 1928, às vésperas da Revolução de 1930, *O Cruzeiro* teve sua história vinculada ao processo de modernização da sociedade brasileira na primeira metade do século XX, além de ter sido fortemente marcada pelas contradições inerentes à implantação do sistema de comunicação de massa no Brasil<sup>132</sup>.

Ainda, sobre a influência das revistas ilustradas nos padrões comportamentais da sociedade, Mauad salienta que:

---

<sup>130</sup> CALANCA, Daniela. Op. cit., p. 182.

<sup>131</sup> LESSA, Carlos. *O Rio de todos os Brasis. Uma reflexão em busca da auto-estima*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 12.

<sup>132</sup> COSTA, Helouise; BURGI, Sérgio. **As origens do fotojornalismo no Brasil: um olhar sobre O Cruzeiro (1940-1960)**. São Paulo: IMS, 2011. p. 7.

As revistas ilustradas compuseram o catálogo de valores, emblemas, comportamentos e representações sociais pelo qual a burguesia se imaginou e se fez reconhecer, criando a utopia de um mundo digno, porque civilizado e empreendedor, e livre, porque acessível e transparente aos olhos de todos. A imagem publicada torna-se o ícone, por excelência, de um modo de vida vitorioso, que prescinde da própria realização para existir, bastando para isso que as imagens fotográficas o reflitam<sup>133</sup>.

Duas matérias da revista *O Cruzeiro*<sup>134</sup> que versam sobre a moda praia foram analisadas para entender essa questão. Assim como em inúmeras outras reportagens dessa revista, é possível identificar a relação estabelecida entre os trajes de banho para mulheres e as estrelas de *Hollywood*. Essa publicação surge apenas um ano após o cinema hollywoodiano passar a ser falado, momento em que, segundo Chaves “o comportamento das personagens era imitado e as atrizes, consideradas heroínas por terem atitudes ousadas na vida real e representarem tudo o que as mulheres desejavam ser”<sup>135</sup>. Dessa maneira, sendo essa revista um veículo de difusão de valores do Brasil “moderno”, essas matérias podem ser identificadas como difusoras de comportamento dessa mulher moderna que figurava nos filmes de *Hollywood*. Abandonando os longos e cobertos trajes de banho que as mulheres usavam nas décadas anteriores, as atrizes que protagonizam essas matérias utilizam maiôs acinturados que não se estendem nem até metade da coxa, além de partes de cima com ombros a mostra e um decote arredondado. Ademais, os tecidos dos trajes são decorados com estampas, principalmente o padrão listrado. Para proteção das cabeças, a tradicional touca foi substituída por chapéus e lenços. Ainda, na segunda matéria, não há nenhuma fotografia tirada na praia, apenas em estúdios, dando destaque apenas à indumentária. Por fim, as fotografias vêm acompanhadas dos chamativos títulos “O Banho das Estrelas” e “Os Últimos Modelos de Roupas de

---

<sup>133</sup> MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, vol. 13, n. 1, p. 133-174, jan./ jun. 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5417>. Acesso em: 27 de abr. de 2025. p. 172.

<sup>134</sup> As matérias podem ser conferidas em: *O Cruzeiro*, 15/12/1928, nº 0006, p. 26. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=003581&pagfis=357>; *O Cruzeiro*, 02/03/1929, nº 0017, p. 25. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=003581&pagfis=910>. Acesso em: 01/10/2024.

<sup>135</sup> CHAVES, Ana Paula Dessupoio. **A moda praia na revista ilustrada O Cruzeiro (1928-1943)**. 2017. Dissertação (Mestrado em Artes, Cultura e Linguagens) – Instituto de Artes e Design, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017. p. 119.

Banho em *Hollywood*", frases de efeito que provavelmente chamavam a atenção das mulheres que desejavam se vestir como as atrizes que assistiam nas telas de cinema.

**Figura 19: Banhistas em Tramandaí no início da década de 1930**



Grupo de banhistas em Tramandaí em 1932.



**Fonte: Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister.**

Sendo o Rio de Janeiro a capital do Brasil nesse período e o padrão comportamental do brasileiro moderno, não é surpreendente que a moda praia das

cariocas logo se espalhasse para o restante do país. Diante desse contexto, é possível realizar uma análise das semelhanças entre os trajes das banhistas de Tramandaí que estão presentes na Figura 19 e aqueles que estampavam as páginas da revista *O Cruzeiro*.

Dessa forma, as veranistas de Tramandaí aparecem utilizando o mesmo estilo de maiô que as atrizes de *Hollywood*, sendo até mesmo os padrões de estampas muito parecidos e as pernas e ombros que anteriormente eram sempre cobertos, agora estão à mostra. Ademais, enquanto nas fotografias que compõem o tópico anterior nenhuma mulher aparece sem touca, nesse conjunto diversas mulheres estão com os cabelos à mostra ou utilizando chapéus como os presentes na segunda matéria da revista *O Cruzeiro*. Fazendo uma comparação entre as fotografias da revista e as tiradas em Tramandaí, é possível considerar como as primeiras exerceram uma influência na escolha dos trajes das segundas, deixando claro que a moda que circulava na capital do país também influenciava nas demais localidades.

Ainda a respeito da moda praia nas revistas ilustradas, a revista *A Gaivota* oferece ricas informações sobre as indumentárias das veranistas do litoral norte do Rio Grande do Sul nesse período. No ano de 1931, uma matéria sobre a combinação *Fregoli* — calção, saia e casaco ou bolero — foi publicada nessa revista, a qual afirmava que essa combinação “representa a realização do sonho da mulher elegante no que diz respeito à comodidade e ao “chic” do veraneio”<sup>136</sup>. Essa matéria também traz informações importantes sobre o tecido e as cores desses trajes. Enquanto os trajes de banho dos primeiros anos do século XX eram geralmente confeccionados com tecidos pesados e de cores escuras, essa matéria indica que as moças podem escolher tecidos como malha de lã, seda crua e linho, além de priorizar cores vivas como o verde jade, vermelho cereja e amarelo chinês<sup>137</sup>.

A revista *A Gaivota* também publicava fotografias dos veranistas rio-grandenses, geralmente em formato de colagens que reuniam registros das principais cidades do litoral norte, sendo as mais divulgadas Cidreira, Capão da Canoa, Torres e, é claro, Tramandaí. Dessa maneira, a Figura 20 apresenta quatro dessas colagens, correspondentes aos anos de 1934, 1939, 1941 e 1944, respectivamente.

---

<sup>136</sup> *A Gaivota*, 1931, p. 22.

<sup>137</sup> Ibidem, p., p. 22.

**Figura 20: Colagens de fotografias de Tramandaí publicadas na revista *A Gaivota* (1934, 1939, 1941 e 1944)**



**Fonte:** Revista *A Gaivota*, disponível no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS)

A primeira colagem reúne três fotografias que estão acompanhadas da frase “Gozando as delícias de Tramandaí”<sup>138</sup>. Esses registros são muito relevantes para a compreensão desse período transitório, visto que as roupas de banho desses veranistas combinam elementos das antigas indumentárias com os trajes mais modernos. Quando pensamos em transformações históricas, culturais e sociais, é muito comum que se tenha a impressão de que existiu um momento claro de ruptura,

<sup>138</sup> A frase presente nesta colagem foi apropriada para o título deste capítulo.

o que, na maioria das vezes, não corresponde ao que aconteceu. Esses processos geralmente ocorrem de maneira lenta e gradual, com diversos momentos em que há uma mescla de antigos e novos elementos.

A segunda colagem também apresenta informações significativas, com destaque para uma fotografia tirada em uma guarita de guarda-vidas, profissão que, conforme já foi exposto, era inexistente em Tramandaí na década anterior. Ainda, uma dessas fotografias apresenta uma mulher com uma boia em formato de animal, um objeto tão comum nas praias atualmente, mas que não havia aparecido nas fotografias anteriores. No que diz respeito às vestimentas, a segunda e a terceira colagem são muito parecidas, com modelos mais curtos e bem acinturados, muitas vezes inclusive com um cinto por cima do traje de banho. Ademais, a terceira colagem contém uma informação valorosa: o nome do fotógrafo que capturou esses registros. Severo, descrito como “brilhante artista fotógrafo de Tramandaí”<sup>139</sup>, é também creditado em diversas outras fotografias de Tramandaí presentes na revista.<sup>140</sup> É importante destacar que, nesse período, os fotógrafos de revistas ilustradas representaram um papel primordial na difusão de costumes e valores para os leitores, o que, certamente, também ocorreu com o veraneio: os leitores, ao vislumbrarem as fotografias que registravam momentos meticulosamente escolhidos pelos fotógrafos, desejavam também vivenciar esses momentos. Sobre a fotorreportagem, Meyerer afirma que:

A fotorreportagem impõe-se como um novo modelo de jornalismo em consonância com um tempo em que a sociedade urbana se estabelecia como modo de vida hegemônico. As imagens, nesta nova realidade marcada pela aceleração do tempo, contribuíam para encurtar o caminho entre a leitura e a apreensão de informações. Desde seu surgimento, no século XIX, a fotografia emergia como uma janela para o mundo, atuando diretamente no observador e de modo sensorial, enquanto que a palavra escrita permanecia como abstração, dependente de que a pessoa lesse, compreendesse e refletisse, para então assimilar, ou não, a informação<sup>141</sup>.

Partindo para a quarta e última colagem, uma informação já se sobressai: enquanto em todas as colagens anteriores o nome da cidade é grafado como

<sup>139</sup> A Gaivota, 1941, p. 73.

<sup>140</sup> Segundo o blog “Santo Antônio da Patrulha em fotos e fatos”, Severo Horgnies foi, possivelmente, o primeiro fotógrafo de Santo Antônio da Patrulha. Severo nasceu em Porto Alegre, em 1892, e era descendente de franceses. Seu estúdio era localizado no Passo do Sabiá, em Santo Antônio da Patrulha. FERNANDES, Marcelo. Homenagem a Severo Horgnies. **Santo Antônio da Patrulha em fotos e fatos** (blog). Santo Antônio da Patrulha, 25 mar. 2011. Disponível em: <https://fotossap.blogspot.com/2011/03/homenagem-severo-horgnies.html>. Acesso em: 3 jul. 2025.

<sup>141</sup> MEYRER, Marlise. Revista O Cruzeiro: um projeto civilizador através das fotorreportagens (1955-1957). **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 14, n. 2, p. 197-212, mai./ago. 2010. p. 198-199.

“Tramandahy”, nessa matéria, datada de 1944, a grafia já foi atualizada para “Tramandaí”<sup>142</sup>. Acerca das fotografias presentes nessa colagem, os trajes de banho das mulheres com certeza se destacam, uma vez que são ainda mais curtos que os anteriores, mais apertados, seguindo o contorno dos corpos e com modelos com apenas alças finas ou até mesmo sem alças, com decote “tomara que caia”. Por fim, uma característica comum de todas essas colagens e da maioria das matérias dessa revista é que as mulheres aparecem de maneira muito mais significativa do que os homens, o que indica que, provavelmente, o público-alvo da revista fosse constituído, em sua maioria, por leitoras.

É indubitável que os trajes de banho femininos sofreram transformações desde o início do século XX até a década de 1940, tornando-se muito mais reveladores e seguindo menos regras. Todavia, o pudor feminino ainda era muito maior do que o masculino. Como exposto no tópico anterior desse capítulo, desde os primórdios da vilegiatura marítima, os homens já usavam trajes que cobriam muito menos os seus corpos e entendiam os banhos de mar como uma forma de demonstração de virilidade, o que não mudou com o passar dos anos.

Diante disso, a Figura 21, apresenta um conjunto de quatro fotografias de homens em Tramandaí na década de 1940. Analisando esses registros, é possível identificar que, na beira-mar, nenhum homem aparece com o torso coberto — os únicos que vestem peças de roupa que cobrem o tronco são os três homens à direita na terceira imagem, mas esse registro foi tirado a caminho da praia, e não na orla.

Também, alguns homens utilizam calções curtos, mas a maioria veste apenas uma sunga. Ainda, as poses realizadas pelos homens — principalmente nas duas primeiras fotografias — aparentam terem sido escolhidas para evidenciar os seus corpos, escolha esta que pode ter sido feita pelos banhistas ou, mais provavelmente, pelo fotógrafo.

---

<sup>142</sup> O nome do município aparece em documentos antigos com diversas grafias: Taraman, Tramandi, Termandi, Tramando, Taramandahy, Tamandatay, Tramandah. SOARES, Leda Saraiva; PURPER, Sonia. **Tramandaí: terra e gente**. Tramandaí: AGE, 1985.

**Figura 21: Homens na praia de Tramandaí na década de 1940**

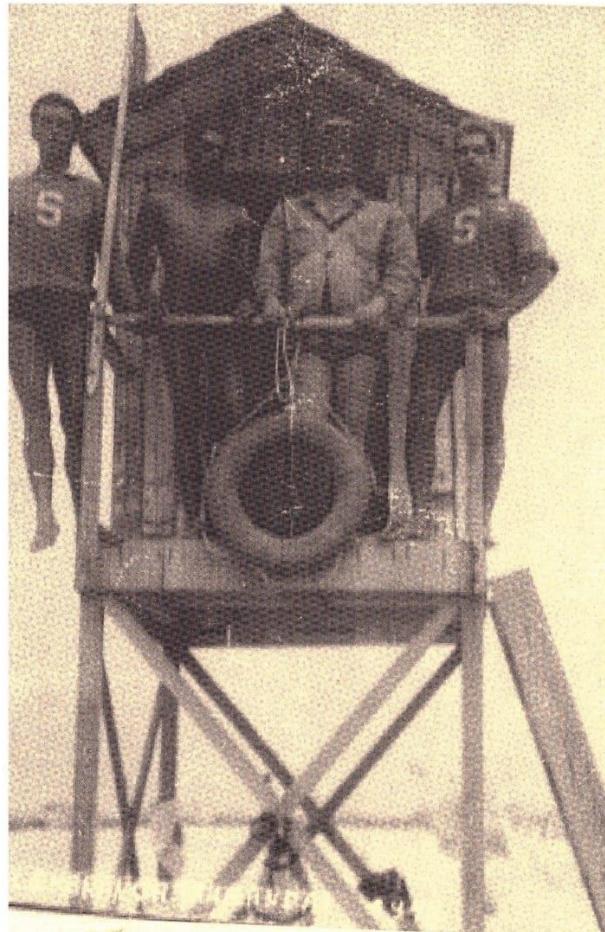


**Fonte:** Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister.

Outrossim, consoante com o que já foi apresentado, no início da prática da vilegiatura marítima em Tramandaí, não havia a presença de guarda-vidas nessa localidade, sendo necessário que os banhistas formassem correntes humanas durante os banhos para evitarem afogamentos. Essa ausência dos guarda-vidas pode ser explicada por alguns fatores, como a falta de investimento estatal na atividade do veraneio e até mesmo em razão dos banhos de cura serem prescritos de maneira rigorosa pelos médicos, estes que não recomendavam os banhos em águas muito profundas, o que reduzia os riscos de acidentes — mas não os excluía.

Com os banhistas abandonando os fins curativos dos banhos de mar e buscando a recreação ao realizar essa atividade, é provável que cada vez mais pessoas se aventurassem em águas mais profundas. Além disso, nesse momento aumentou tanto a procura de Tramandaí por veranistas quanto o investimento nas praias — e no caminho até elas —, sendo construídas guaritas de guarda-vidas na orla tramandaiense. Diante disso, a Figura 22 apresenta uma dessas guaritas no ano de 1948.

**Figura 22: Guarda-vidas em Tramandaí em 1948**



David Goldstein  
Guarda Vidas  
1948

**Fonte:** Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister.

É possível visualizar que a guarita é construída em madeira e com uma base bem alta, o que fica claro pela escada apoiada ao seu lado, o que, certamente, foi pensado para uma melhor visibilidade dos banhistas por parte dos profissionais. Ainda, dois objetos se destacam nessa guarita: uma bandeira, para identificação das condições do mar, e uma boia que era utilizada nos resgates. Finalmente, apesar da fotografia não ser muito nítida, é possível identificar os uniformes dos guarda-vidas, esses que eram compostos por uma parte de cima cobrindo o tronco e apenas uma sunga na parte de baixo, seguramente para facilitar os salvamentos dentro d'água.

Na análise das fotografias desse capítulo, foram encontrados poucos registros de pessoas não brancas. Esse fato não se deu, de forma alguma, em razão da seleção

de fotografias para comporem essa dissertação, mas sim pela ausência de registros de pessoas não brancas no acervo do MHMPAH, o que indica um enorme apagamento dessas pessoas, uma vez que a maioria das pessoas que praticavam a vilegiatura marítima no litoral norte do Rio Grande do Sul era residente de Porto Alegre e da sua região metropolitana e, de acordo com Vieira, no final do século XIX, 30% da população porto-alegrense era composta por pessoas negras<sup>143</sup>, ou seja, a inexistência dessas pessoas indubitavelmente não era o motivo delas serem afastadas desses espaços.

É necessário reforçar que realizar uma viagem ao litoral e ficar dias ali afastadas de seus lares e trabalhos em um período em que a classe trabalhadora ainda não havia conquistado direitos básicos como as férias remuneradas era uma atividade extremamente elitista, além de que nesse contexto do início do século XX, poucos anos após a abolição da escravidão, a elite brasileira era majoritariamente branca. Diante desse contexto, a principal hipótese para a ausência de pessoas não brancas nas fotografias do acervo do MHMPAH é a de que essas pessoas, embora constituindo uma parcela populacional significativa da capital, não possuíam recursos para praticar a vilegiatura marítima nessa localidade.

Assim sendo, a Figura 23 é, lamentavelmente, um dos raros registros de veranistas não brancas encontrados no acervo do MHMPAH dentro do recorte temporal desta pesquisa. A imagem mostra dez mulheres negras — possivelmente amigas ou familiares — sentadas em semicírculo sobre a areia. Nela, aparece a assinatura “Gugliesi”, provavelmente identificando o fotógrafo responsável pelo clique e que pode ter orientado a disposição das mulheres para a composição da cena. Os trajes de banho usados pelas mulheres são típicos dos anos 1940, seguindo modelos e padrões muito similares aos das revistas ilustradas que foram analisadas para dissertação — embora não tenham sido encontrado registros de pessoas não brancas nessas publicações.

---

<sup>143</sup> VIEIRA, Daniele Machado. **Territórios negros em Porto Alegre/RS (1800-1970): geografia histórica da presença negra no espaço urbano**. 2017. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. p. 88.

**Figura 23: Mulheres em Tramandaí em 1948**



**Fonte:** Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister.

É importante destacar que esta fotografia, datada de 1948, foi produzida em um período no qual as viagens ao litoral já haviam passado por um processo de modernização, tanto pela melhoria nos meios de transporte, quanto nas estradas, assim como foi discutido no capítulo anterior. Desta forma, o fato de veranistas não brancos começarem a aparecer nos registros fotográficos apenas nesse período, indica que essa modernização das viagens resultou em uma mudança no perfil das pessoas que se dirigiam a essa região.

#### **2.2.1 “Lembrança de Tramandaí”: os cartões-postais como registro do veraneio**

“Lembrança de Tramandaí” é a frase gravada em diversos cartões-postais da década de 1950 que estão salvaguardados no acervo do MHMPAH, os quais, infelizmente, não possuem informações acerca dos fotógrafos que capturaram esses momentos. Todavia, é provável que esses fotógrafos fossem de Porto Alegre ou de

sua região metropolitana e, como uma forma de renda extra, transferiam seus estúdios temporariamente para o litoral durante a temporada de veraneio<sup>144</sup>.

Não é possível afirmar, mas a seguinte cena poderia acontecer: uma família de veranistas repousa na areia à beira-mar de Tramandaí, como a enorme maioria das pessoas dessa época não possuía uma câmera para registrar esse momento, contudo, um fotógrafo passa anunciando seus serviços e essa família encontra nele uma oportunidade de eternizar esse momento para que pudessem, na volta para suas casas, provar que aquelas maravilhas que viveram durante a temporada realmente aconteceram. Nesse sentido, sobre a relação da fotografia com o turismo, Sontag atesta que:

[...] a fotografia desenvolve-se na esteira de uma das atividades modernas mais típicas: o turismo. Pela primeira vez na história, pessoas viajam regularmente, em grande número, para fora de seu ambiente habitual, durante breves períodos. [...] As fotos oferecerão provas incontestáveis de que a viagem se realizou, de que a programação foi cumprida, de que houve diversão. As fotos documentam sequências de consumo realizadas longe dos olhos da família, dos amigos, dos vizinhos<sup>145</sup>.

Os cartões-postais podem ser entendidos como uma maneira de documentação de atividades turísticas e dos hábitos e práticas relacionados com essa atividade — no caso do veraneio, fotografias de banhos de mar e de pessoas repousando na areia eram as mais comuns —, ademais, o período de ouro dos cartões-postais, ou seja, desde o final do século XIX até meados do século XX, foi também o período de ouro da formação da indústria do turismo<sup>146</sup>.

Segundo Sontag, fotografias “[...] não parecem manifestações a respeito do mundo, mas sim pedaços dele, miniaturas da realidade que qualquer um pode fazer ou adquirir”<sup>147</sup>. Nesse sentido, assim como toda e qualquer fotografia, os registros que compunham os cartões-postais eram frutos da escolha do fotógrafo, uma cena montada que visava mostrar apenas uma fração daquele momento. Dessa forma,

<sup>144</sup> SCHLOSSER, Joana Carolina. Op. cit., p. 186.

<sup>145</sup> SONTAG, Susan. Op. cit., p. 19-20.

<sup>146</sup> FRANCO, Patrícia dos Santos. Cartões-postais: fragmentos de lugares, pessoas e de percepções. **Métis: História & Cultura**. V. 5, n. 9, 2006, p. 25-62, jan. /jun. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/782/546>. Acesso em: 14 de fev. de 2025. p. 34.

<sup>147</sup> SONTAG, Susan. Op. cit., p. 8.

principalmente em relação às fotografias turísticas, a escolha certamente era por cenários que valorizassem o local da viagem, uma espécie de “promessa da felicidade” que aquele lugar poderia proporcionar<sup>148</sup>.

Sobre o registro fotográfico, Sontag ainda afirma que:

Após o fim do evento, a foto ainda existirá, conferindo ao evento uma espécie de imortalidade (e de importância) que de outro modo ele jamais desfrutaria. Enquanto pessoas reais estão no mundo real matando a si mesmas ou matando outras pessoas reais, o fotógrafo se põe atrás de sua câmera, criando um, pequeno elemento do outro mundo: o mundo-imagem, que promete sobreviver a todos nós<sup>149</sup>.

Transportando esse pensamento para o objeto dessa pesquisa, após o fim da temporada de veraneio, eram esses registros fotográficos que sobreviviam. As pessoas voltavam para suas cidades, suas casas, suas famílias, seus amigos, mas aquela miniatura da realidade que viveram de dezembro a março estava imortalizada.

Assim, a Figura 24 apresenta dois cartões-postais de Tramandaí, respectivamente de 1953 e de 1955. Ambos foram tirados na horizontal e possuem a frase “Lembrança de Tramandaí” acompanhadas do ano do registro. Apesar de não existir nenhuma identificação de fotógrafo e/ou de estúdio fotográfico, o fato de essas frases serem idênticas e gravadas com a mesma fonte e estilo, indica que possivelmente, mesmo sendo de anos diferentes, os cartões-postais foram produzidos pelos mesmos profissionais.

Acerca das cenas registradas, ambos cartões-postais apresentam três mulheres sentadas na praia. A primeira fotografia, por sua vez, além das mulheres, também apresenta um pequeno cachorro ao fundo, o qual, provavelmente, era um animal de estimação que também viajou para Tramandaí durante o veraneio e foi escolhido para integrar esse registro. As moças, que aparecem ainda estar na adolescência, aparecem sentadas na água, com a orla como o plano de fundo da fotografia. Além disso, vestem modelos de trajes de banho com decotes diferentesumas das outras, mas todos estendendo-se até o início das coxas. Já a respeito de

---

<sup>148</sup> Patrício, A. S., "Arranha-céu, visão e imagem: Nova York, séc. XX", apud FRANCO, Patrícia dos Santos. Cartões-postais: fragmentos de lugares, pessoas e de percepções. **Métis: História & Cultura**. V. 5, n. 9, 2006, p. 25-62, jan./jun.

<sup>149</sup> SONTAG, Susan. Op. cit., p. 9.

acessórios de cabeça, as duas primeiras utilizam bonés, enquanto a última está com os cabelos livres.

Figura 24: Cartões-postais de Tramandaí (1953 e 1955)



Fonte: Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister.

Já o segundo cartão-postal da Figura 24 registra três mulheres sentadas na areia e sem capturar o mar. Ao fundo da imagem é possível identificar diversas construções, possivelmente chalés de veraneio e/ou quiosques comerciais. Ao

contrário das banhistas do início do século, nessa fotografia todas as veranistas estão sem acessórios de cabeça, as duas da ponta com cabelos curtos e soltos e a do meio com os cabelos presos em um penteado. Os trajes de banho também se estendem até o início das coxas, são justos e não possuem mangas, apenas alças de sustentação.

A Figura 25 retrata uma cena muito comum das fotografias de veraneio: uma família de veranistas. O veraneio era uma atividade extremamente familiar, famílias inteiras se dirigiam ao litoral durante a temporada, fazendo com que retratos da família na praia pudessem ser um desejo dos veranistas. Além do mais, convém aqui reforçar, novamente, que nessa época as fotografias não eram tão acessíveis, sendo assim, possivelmente registrar a família toda em uma única fotografia reduzia os custos, uma vez que, certamente, o preço dos cartões-postais era por unidade.

**Figura 25: Cartão-postal de Tramandaí (1955)**



**Fonte: Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister.**

O cartão-postal apresentado na Figura 25 retrata cinco pessoas: um homem, uma mulher, dois adolescentes e uma criança, isto é, possivelmente um casal e seus três filhos. Os cinco posam em pé com o mar ao fundo, todos trajando roupas de

banho — as mulheres e a criança utilizam roupas que cobrem desde o tronco até o início das coxas, enquanto os homens vestem apenas calções curtos.

Como já foi citado, em razão dos preços dos cartões-postais, é provável que algumas pessoas optassem por serem registradas em grupos nos cartões-postais. Diante disso, a Figura 26 apresenta um cartão-postal de uma fotografia composta por 12 pessoas que foram retratadas na areia da praia de Tramandaí no ano de 1955. Oito dessas pessoas aparecem sentadas no chão enquanto as outras quatro estão em pé atrás do primeiro grupo, talvez uma escolha de enquadramento para que todos os veranistas fossem captados pela lente do fotógrafo. Em relação às vestimentas, a maioria das pessoas encontra-se com sobreposições de roupas, como casacos, camisas e boleros — possivelmente colocadas por cima dos trajes de banho para os momentos de ida e volta de suas acomodações até a orla da praia. Além disso, as duas moças sentadas à direita utilizam um acessório muito comum nas praias, mas que ainda não havia aparecido nas fotografias analisadas até aqui: os óculos de sol.

Figura 26: Cartão-postal de Tramandaí (1955)



Fonte: Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister.

Finalmente, a Figura 27 é composta por dois cartões-postais — que correspondem aos anos de 1953 e de 1958, respectivamente — que apresentam uma diferença daqueles que já foram exibidos até aqui: as fotografias foram tiradas no sentido vertical. Essa escolha de enquadramento permite uma melhor visualização das veranistas de corpo inteiro, o que possibilita uma análise maior de características dos trajes de banho.

**Figura 27: Cartões-postais de Tramandaí (1953 e 1958)**



**Fonte:** Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister.

No primeiro registro, três moças posam juntas, descalças, com os pés na areia molhada. Todas as mulheres possuem cabelos cortados acima do ombro<sup>150</sup> e estão

<sup>150</sup> Assim como as atrizes de Hollywood influenciavam na vestimenta das mulheres dessa época, não foi diferente em relação a cortes de cabelo e padrões de maquiagem. Segundo Maciel “No que concerne aos cabelos e maquiagem, Marilyn também se consagrou como influenciadora das novas tendências. Os cachos, que já eram desejados por todas as mulheres desde meados dos anos de 1940, passaram a ser ainda mais idealizados, agora sob a influência de Marilyn, que apresentava como diferencial o tingimento e o corte acima da altura dos ombros.” MACIEL, Thaís Rocha. **Marilyn Monroe:** Contribuições para o padrão de beleza e para a vestimenta da mulher norte-americana da década de 1950. 2017. 19 f. Artigo (Graduação em Design-moda) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

vestidas com o tradicional traje justo que cobria o tronco e o começo das pernas. As duas moças do meio vestem modelos idênticos, com decote tomara que caia e cor escura, enquanto as duas mulheres das pontas parecem, apesar da foto estar em preto e branco, utilizarem cores mais claras e decotes com alças.

O segundo cartão-postal da Figura 27, por sua vez, apresenta apenas uma mulher que também está em pé na areia da praia. A moça, utilizando um traje de banho acinturado e com detalhes no busto, uma sandália de tiras e um chapéu com cordas para amarração — provavelmente para impedir que ele saísse voando com o forte vento característico do litoral rio-grandense —, as quais ela segura com as mãos enquanto realiza uma pose, talvez inspirada por modelos ou atrizes que essa moça poderia ver em revistas ou no cinema, e sorri alegremente para o fotógrafo que eternizou aquele momento. Sobre a escolha das poses, Annateresa Fabris destaca que:

Colocar-se em pose significa inscrever-se em um sistema simbólico para o qual são igualmente importantes o partido compositivo, a gestualidade corporal e a vestimenta usada para a ocasião. O indivíduo deseja oferecer à objetiva a melhor imagem de si, isto é, uma imagem definida de antemão, a partir de um conjunto de normas, das quais faz parte a percepção do próprio eu social. Nesse contexto, a naturalidade nada mais é do que um ideal cultural, a ser continuamente criado antes de cada tomada.<sup>151</sup>

O plano de fundo dessa fotografia é composto por diversos guarda-sóis e veranistas que se encontram na faixa de areia, com destaque para os dois homens sentados ao fundo à direita, que parecem conversar enquanto olham fixamente para a câmera — talvez até mesmo conversando sobre o registro que está sendo capturado.

O encontro com o mar é, provavelmente, o momento mais esperado por quem se dirige ao litoral. Todavia, conforme exposto neste capítulo, esse encontro foi marcado por diferentes objetivos desde os primórdios da vilegiatura terapêutica em Tramandaí até o veraneio dos meados do século XX. No entanto, um detalhe importante permaneceu inalterado: o desejo de eternizar esse instante por meio do olhar fotográfico.

---

<sup>151</sup> FABRIS, Annateresa. **Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico**. Belo Horizonte: UFMG, 2004, p. 36.

## CAPÍTULO 3: “Onde há conforto — distinção — comodidade!<sup>152</sup>”: Hotelaria e sociabilidade em Tramandaí

*“Na terra em que o mar não bate  
Não bate o meu coração”*

*(Beira mar, Gilberto Gil)*

Depois dos banhos de mar realizados logo pela manhã, as famílias de veranistas ainda tinham longos dias e noites a serem desfrutados em Tramandaí. Onde essas pessoas ficavam hospedadas? Quais foram os primeiros hotéis desse município? Qual foi a importância do ramo hoteleiro para o desenvolvimento do veraneio tramandaiense? Quais eram as principais festividades realizadas durante a temporada de veraneio? Quais eram as principais avenidas de Tramandaí? Quais espaços de sociabilidade estavam distribuídos nessas avenidas? Essas perguntas serão respondidas ao longo desse capítulo.

### 3.1 Os primeiros hotéis de Tramandaí

Passando pelo centro de Tramandaí, um dos lugares que provavelmente atrai mais olhares das pessoas é a Praça Leonel Pereira, espaço que, inclusive, é palco de eventos como a tradicional Feira do Livro de Tramandaí. Leonel Pereira de Sousa, cujo nome também nomeia essa praça, foi um empresário que, de acordo com Roquette-Pinto<sup>153</sup>, em 1906, era proprietário do principal estabelecimento que preparava o peixe em Tramandaí para a exportação.

Além da pesca, esse empresário também investiu no ramo hoteleiro em Tramandaí, uma vez que percebeu a crescente demanda por veranistas nessa localidade no final do século XIX, os quais não encontravam ali nenhum local para hospedagem. Diante desse contexto, em 1888, Leonel Pereira fundou o primeiro hotel de Tramandaí, o Hotel da Saúde — nome que fazia alusão aos banhos de cura, objetivo central dos primeiros veranistas que iam a Tramandaí. Infelizmente, o acervo do MHMPAH não possui registros fotográficos desse estabelecimento, todavia, foi

---

<sup>152</sup> O título deste capítulo foi retirado de um anúncio do Hotel Corrêa na revista *A Gaivota*, 1939, p.52.

<sup>153</sup> ROQUETTE-PINTO, Edgard. Op. cit., p. 107.

possível encontrar algumas informações recorrendo a outras fontes, como o fato de que esse hotel possuía paredes de tábuas e teto de palha<sup>154</sup>.

Ademais, esse estabelecimento publicava anúncios no jornal *Correio do Povo*<sup>155</sup>:

O Hotel da Saúde dispõe de amplos e ventilados quartos, de instalação elétrica, fábrica de gelo [...] e tudo mais quanto pode exigir o mais comodista freguês. A cozinha está a cargo de hábil profissional e sob a fiscalização de um dos proprietários. Foi instalado em amplo salão um aparelho cinematográfico. Afinada orquestra tocará durante as exibições e duas senhoritas cantarão escolhidas peças<sup>156</sup>.

Acha-se desde já aberto à frequência dos senhores veranistas este bem montado Hotel, na aprazível praia de banhos em Tramandaí. Conta com chalés, quartos, todos iluminados à luz elétrica, assim como excelente cozinha, tem um variado e completo sortimento de bebidas geladas, para isso conta com especial frigorífico e saladas de frutas nas refeições. [...] Dispõe de um salão de baile e barbearia. Aos senhores veranistas o hotel previne que tem à disposição dos mesmos três autos para condução, sendo dois Ford e um Berliet para sete pessoas, podendo sair da cidade a qualquer hora<sup>157</sup>.

Esses textos publicitários apresentam informações importantes acerca da estrutura do Hotel da Saúde, como a existência tanto de quartos quanto de chalés mais privativos para as famílias, além do fornecimento de luz elétrica — salientando inclusive que havia no hotel um frigorífico para manter as bebidas geladas, fato que provavelmente chamava atenção dos hóspedes que ali se hospedavam no auge do verão.

Ainda, é importante ressaltar que os hotéis não eram apenas um local para se passar uma noite de sono, os veranistas chegavam a passar até três meses em Tramandaí, uma cidade que, nesse período, não possuía muitos lugares de sociabilidade para os visitantes, fazendo com que esses estabelecimentos cumprissem também esse papel. O conceito de sociabilidade é aqui entendido como a habilidade humana de constituir redes, circulando informações que expressam seus

---

<sup>154</sup> ROQUETTE-PINTO, Edgard. Op. cit., p. 107.

<sup>155</sup> A grafia das citações retiradas do *Correio do Povo* foi atualizada.

<sup>156</sup> *Correio do Povo*, 09 de janeiro de 1920, p. 3.

<sup>157</sup> *Correio do Povo*, 04 de janeiro de 1921, p. 7.

gostos e interesses<sup>158</sup>, sendo essas redes estabelecidas de forma autônoma e livre<sup>159</sup>.

Sobre os hotéis como um espaço de sociabilidade, Enke destaca que:

Os hotéis transformaram-se em um prolongamento do lazer após o banho de mar, pois os hóspedes banhavam-se e, ao retornarem ao estabelecimento, recebiam tratamento especial para seu bem-estar, usufruindo de massagens, encontros, conversas, em um ambiente dedicado a busca de melhores condições de saúde, diversão ou mesmo, para os que não queriam usufruir destas delicadezas, a apreciação da boa comida local<sup>160</sup>.

Ainda, acerca dessa mesma questão, Müller afirma:

[...] considero os hotéis espaços intermediários (semiformais) de sociabilidade, pois apresentam, concomitantemente, características formais e informais. Os hotéis eram espaços públicos, mas que pertenciam a um proprietário, possuíam normas de funcionamento que restringiam a entrada de algumas pessoas, quer pelo preço do que ofereciam (bebidas e comidas), quer pela exigência de um padrão de apresentação (nome, conhecimento, cargo). Além disso, havia limites no seu uso: limites temporais (horários de abertura e fechamento) e comportamentais (não correr, não entrar com animais, por exemplo); por outro lado, a sua frequência estava, em princípio, condicionada a um consumo<sup>161</sup>.

Isto posto, um ano após a fundação do Hotel da Saúde, foi inaugurado em Tramandaí o segundo estabelecimento hoteleiro desse município: o Hotel Sperb. Jorge Eneas Sperb, proprietário deste hotel, já trabalhava há quase uma década com a produção de carroças e, dessa maneira, observou uma alta procura das carroças para a viagem até o litoral, identificando a necessidade que os veranistas tinham de mais estabelecimentos hoteleiros nas cidades do litoral norte rio-grandense<sup>162</sup>.

Diante desse contexto, primeira fotografia da Figura 28 retrata o que provavelmente foi um dia especial, possivelmente o primeiro ou o último da temporada, um feriado ou alguma festividade, o que justifica a necessidade de um número tão grande de hóspedes se reunirem, utilizando roupas elegantes, em frente

<sup>158</sup> BAECHLER, Jean. Op. cit., p. 66.

<sup>159</sup> SIMMEL, Georg. Op. cit., p. 64.

<sup>160</sup> ENKE, Rebecca Guimarães. Op. cit., p. 128.

<sup>161</sup> MULLER, Dalila. **"Feliz a população que tantas diversões e comodidades goza"**: Espaços de Sociabilidade em Pelotas (1840-1870). Tese (Doutorado), Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, São Leopoldo, 2010. p. 138.

<sup>162</sup> SCHLOSSER, Joana Carolina. Op. cit., p. 101.

à fachada do hotel para eternizar esse dia em uma fotografia. Algumas das pessoas estão posicionadas na varanda do primeiro andar e, também, na do segundo. Existem dois aspectos que aparecem nessa fotografia que levantam a hipótese de que esse prédio é o principal do hotel, que abrigava a administração e salão de refeições, por exemplo. O primeiro é o fato de esse ter sido o cenário escolhido para o registro desse grande número de hóspedes, enquanto o segundo diz respeito a características arquitetônicas dessa construção, como o fato de ela ter dois andares, e também ser bem maior e construída de maneira diferente dos chalés que se encontram ao seu lado, esses que eram as acomodações das famílias de veranistas.

**Figura 28: Hóspedes em frente ao Hotel Sperb (Década de 1920)**



**Fonte: Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister.**

O restante das pessoas está disposto no gramado em frente ao hotel, algumas em pé e outras sentadas no chão ou em cadeiras de madeira. Os hóspedes encontram-se em fileiras — o que permitiu que todos tenham sido captados pela câmera —, com as crianças sendo as que estão mais à frente, uma estratégia para

que elas apareçam melhor na fotografia. Ainda, é possível notar um grupo de seis homens sentados na primeira fileira, um pouco afastados das demais pessoas, e cada um deles segurando um instrumento musical em suas mãos, o que indica que provavelmente eles formam um grupo musical. Esse fato ainda é reforçado pelos anúncios do Hotel Sperb no *Correio do Povo*, os quais apontavam que uma orquestra se apresentava para os hóspedes durante as refeições<sup>163</sup>. É imprescindível destacar que o homem sentado na ponta direita desse grupo é a única pessoa não branca que aparece nessa fotografia e uma das únicas de todas as fotografias do acervo MHMPAH que correspondem ao período estudado nessa dissertação<sup>164</sup>.

A primeira fotografia da Figura 29 também retrata o exterior do Hotel Sperb, mas dessa vez tendo como cenário os chalés, construídos em madeira e com apenas um andar, ao contrário do edifício presente na fotografia anterior. Nesse registro também se observa alguns hóspedes do hotel e, para pensar a disposição em que eles se encontram na foto, é relevante entender a fotografia como uma escolha dentro de várias possíveis, nesse sentido Mauad destaca que:

Portanto, o segundo passo é compreender que entre o objeto e a sua representação fotográfica interpõe-se uma série de ações convencionalizadas, tanto cultural como historicamente. Afinal de contas, existe uma diferença bastante significativa entre uma carte de visite e um instantâneo fotográfico de hoje. Por fim, há que se considerar a fotografia como uma determinada escolha realizada num conjunto de escolhas possíveis, guardando esta atitude uma relação estreita entre a visão de mundo daquele que aperta o botão e faz ‘clic’<sup>165</sup>.

Dessa maneira, observa-se que há um grupo pequeno de hóspedes na primeira fotografia, os quais não estão posados para a fotografia — o que, de acordo com o estudo de Mauad, não anula o fator da intencionalidade do fotógrafo<sup>166</sup>. Nota-se que novamente os veranistas não estão utilizando roupas de banho, pois essas eram reservadas apenas para os momentos junto ao mar. Ainda, essas imagens permitem uma visão de algumas atividades sociais que os hóspedes realizavam enquanto não estavam na praia, já que como a cidade ainda não possuía muitos atrativos nessa

---

<sup>163</sup> *Correio do Povo*, 29 de dezembro de 1921, p. 13.

<sup>164</sup> Ver p. 77-78.

<sup>165</sup> MAUAD, Ana Maria. Op. cit., p. 4.

<sup>166</sup> Ibidem, p. 5.

época, o entretenimento ficava reservado ao espaço dos hotéis<sup>167</sup>. Nesse registro é possível observar grupos de hóspedes conversando, um deles inclusive sentado em cadeira de madeira embaixo das árvores, provavelmente protegendo-se dos raios de sol, dado que o hotel ficava aberto apenas nos meses de verão<sup>168</sup>. Finalmente, na segunda imagem da Figura 29, é possível visualizar um grupo de pessoas jogando uma “pelada”, ou seja, uma partida de futebol, enquanto várias outras pessoas se aglomeraram nas varandas de chalés de veraneio para assistir ao jogo.

**Figura 29: Exterior do Hotel Sperb (Década de 1920)**



Fonte: Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister.

<sup>167</sup> SCHLOSSER, Joana Carolina. Op. cit., p. 194.

<sup>168</sup> Correio do Povo, 29 de dezembro de 1921, p. 13.

A Figura 30, por sua vez, apresenta uma visão do interior do hotel, especificamente do salão no qual os hóspedes realizavam suas refeições no ano de 1903. Acerca das refeições oferecidas pelo estabelecimento de Sperb, os anúncios do hotel, publicados no Correio do Povo, destacavam que o hotel dispunha de uma ótima cozinha e confeitaria<sup>169</sup>. Nessa fotografia ainda é possível identificar que a iluminação do salão era fornecida por lampiões de acetileno, mas nos anúncios do início da década de 1920, era evidenciado que tanto o hotel quanto os chalés eram equipados com luz elétrica, além de garantir que havia água suficiente para todos os hóspedes, uma vez que o estabelecimento possuía um depósito que comportava 100 pipas de água<sup>170</sup>.

**Figura 30: Interior do Hotel Sperb (1903)**



1.903 - Sala de refeições do Hotel Sperb, com luz de acetileno.

**Fonte: Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister.**

<sup>169</sup> *Correio do Povo*, 5 de janeiro de 1922, p. 9.

<sup>170</sup> Ibidem, p. 9

O salão de refeições também era utilizado pelos hoteleiros para proporcionar atividades de lazer para seus hóspedes, uma vez que os banhos de mar ocorriam geralmente pela manhã e que os banhistas tinham boa parte do dia totalmente livre. Assim, as atividades mais costumeiras a se realizarem nesse espaço eram bailes, apresentações musicais de orquestras e, especificamente no caso do Hotel Sperb, a disponibilização de um piano para os vilegiaturistas utilizarem<sup>171</sup>.

### **3.1.1 Crescimento do ramo hoteleiro em Tramandaí**

Enquanto aqueles que desejavam veranear em Tramandaí no início do século XX encontravam apenas dois hotéis para a sua hospedagem, a partir do final da década de 1920 as opções aumentaram consideravelmente. Frente a esse contexto, anúncios publicitários desses novos estabelecimentos eram comumente encontrados na revista *A Gaivota*:

Temos o prazer de comunicar às exmas. famílias que tendo adquirido por compra o antigo Hotel da Saúde (Tramandaí), abrimos a presente temporada de veraneio inaugurando aquele estabelecimento sob a nova denominação de Parque Balnear. Sob nova direção, completamente remodelados todos os seus serviços e reformadas radicalmente as suas instalações; podemos garantir agradabilíssimo e confortável veraneio, nada poupando a nova direção do Parque Balnear de Tramandaí para o bem-estar de seus distintos frequentadores<sup>172</sup>.

Esse anúncio é extremamente relevante para compreender a nova fase do veraneio em Tramandaí. Pensando que os primeiros veranistas que buscavam essa localidade tinham como principal objetivo o tratamento de enfermidades, faz muito sentido o primeiro hotel desta cidade se chamar Hotel da Saúde, sendo uma estratégia publicitária para chamar atenção das pessoas que buscavam os banhos curativos. Por outro lado, na transição da década de 1920 para 1930, esse objetivo terapêutico já estava ficando de lado e o lazer ocupando esse lugar. Dessa forma, ter um nome que remetesse a questões de saúde, não era mais tão interessante, uma vez que muito provavelmente uma pessoa que não possuía alguma enfermidade não se

---

<sup>171</sup> SCHLOSSER, Joana Carolina. Op. cit., p. 180.

<sup>172</sup> *A Gaivota*, 1929, p. 45.

sentiria atraída por esse nome, pelo contrário, talvez até se afastasse para não ser associada a doenças.

Ainda sobre as campanhas publicitárias do Parque Balnear, cabe realçar que ele era muitas vezes descrito em seus anúncios como “o hotel da elite porto-alegrense”<sup>173</sup>, o que diz muito sobre o público a quem seus serviços eram destinados. Essa questão também fica clara em um artigo publicado em 1930 na revista *A Gaivota*, que apresentava uma lista com os nomes das famílias que estavam hospedadas nesse hotel durante essa temporada, bem como daquelas famílias que já haviam feito suas reservas e estavam sendo esperadas<sup>174</sup>.

Finalmente, as propagandas também traziam informações sobre os serviços oferecidos pelo Parque Balnear: ele ficava aberto durante os meses de janeiro, fevereiro e março, possuía fornecimento de luz elétrica e uma usina própria para a fabricação de gelo, além disso, os preços das diárias para adultos eram divulgados com pacotes para 15 e 30 dias, e para as crianças eram a combinar.

Por outro lado, o Hotel Sperb deu continuidade aos seus serviços, valendo-se do fechamento do Hotel da Saúde para se autodenominar como o “[hotel] mais antigo da praia” e reforçando que era um “estabelecimento conhecido há mais de trinta anos”<sup>175</sup>. Ainda, melhorias feitas nesse empreendimento eram anunciadas em 1929:

O Hotel Sperb construiu diversos chalés para os seus hóspedes e melhorou o seu serviço de luz elétrica para a iluminação pública e particular, assim como fez novos algibes para a água da chuva e instalou um poço artesiano, o primeiro aqui, que funciona muito bem e dá água excelente e em abundância<sup>176</sup>.

---

<sup>173</sup> *A Gaivota*, 1933, p. 05.

<sup>174</sup> Lista na íntegra: “Estão veraneando em Tramandaí, hospedados no Parque Balnear: Desembargador Florencio de Abreu, senhora e filhos; sra. Elsa Mohrdieck e filhos; sr. Gilberto Ferreira de Moraes e família; sra. Frieda Wagner e filho; sra. Crescencia Wiltgen e filho; sra. Ita Toldi e filhos; sra. Primo Vacchi e filhos; sra. Rosa Carvalho e netos; senhorita Helena Koeche; senhorita Almerinda Bezerra; dr. Benjamin Bezerra e senhora; sr. dr. Dario Osorio e família; sr. Miguel Araujo; sr. Adel Carvalho; sr. Athos de Carvalho Armando; sr. Antonio Costa; sr. Fernando Brochado de Oliveira; sr. Octacilio Panicchi; senhorita Maria Bina; sr. Ramiro Alencastro; sr. Ney Neves Galvão; sr. José Rastro Castilhos. Reservaram cômodos e estão sendo esperadas as famílias dos srs. Túlio Araujo, Miguel Araujo, Manoel M. Dutra, Ney Neves Galvão, srs. Ney de Almeida Brito, Primo Pandolfo, família Raymundo Bechlin, sra. Martha Reinel e família Muzzel”. *A Gaivota*, 1930, p. 30.

<sup>175</sup> *A Gaivota*, 1934, p. 8.

<sup>176</sup> *A Gaivota*, 1929, p. 42.

Além de reforçar a qualidade dos serviços oferecidos pelo Hotel Sperb, esse texto também reforça um pioneirismo — que já era corroborado pelos *slogans* acima —, quando salientam que o poço artesiano instalado por esse estabelecimento era o primeiro instalado nessa localidade.

Em 1929, no primeiro número da revista *A Gaivota*, foi realizada uma lista com todos os hotéis das praias do litoral norte do Rio Grande do Sul, sendo apontados como os empreendimentos de Tramandaí nesse ano os já citados Hotel Sperb e Parque Balnear, mas surgindo também um novo nome: o Hotel Corrêa<sup>177</sup>. Apesar do primeiro registro fotográfico desse hotel pertencente ao acervo do MHMPAH também datar de 1929, no ano de 1920 já haviam anúncios desse estabelecimento circulando no *Correio do Povo*, os quais destacavam o nome de seu proprietário — Germano Corrêa da Silva —, a data de abertura, uma vez que ele só funcionava durante a temporada, além de características da hospedagem, como o fornecimento de água potável e de eletricidade e uma cozinha dirigida por um hábil profissional<sup>178</sup>.

Já no acervo fotográfico foi possível encontrar uma grande diversidade de registros a partir de 1929, dentre os quais se destacam cartões-postais produzidos pelo hotel em diversos anos. Dessa forma, as figuras 31 e 32 apresentam quatro cartões-postais que retratam hóspedes do Hotel Corrêa posando em frente à fachada do estabelecimento. É relevante destacar que apesar desses quatro registros darem de diferentes anos, é indubitável que eles seguem um padrão.

Os cartões-postais da Figura 31 datam de 1929 e de 1930, respectivamente. É perceptível que as duas fotografias foram tiradas no mesmo lugar, mas com um enquadramento um pouco diferente. Na primeira imagem é possível visualizar uma placa com o nome do hotel, já no segundo registro, apenas o final dessa placa está visível. Nestas fotografias, que são cartões-postais, fica evidente se tratar de um registro coletivo como uma lembrança para todos os hóspedes, mas também como propaganda do hotel. O cartão-postal, nesse sentido, também seria utilizado pelo proprietário para atrair mais hóspedes.

---

<sup>177</sup> *A Gaivota*, 1929, p. 38.

<sup>178</sup> *Correio do Povo*, 5 de janeiro de 1920, p. 11.

**Figura 31: Hóspedes do Hotel Corrêa (1929 e 1930)**



**Fonte:** Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister.

Já os cartões-postais que compõem a Figura 32, são relativos aos anos de 1935 e de 1938, evidenciando que o costume — e a propaganda — de tirar uma foto de um grande número de hóspedes em frente ao hotel se estendeu ao longo de, no mínimo, 10 anos. Além do mais, um homem aparece nas duas fotografias da Figura 31 e na segunda fotografia da Figura 32, nesta bem no centro da imagem, o que levanta a hipótese de que possivelmente se tratava do proprietário desse hotel.

A segunda fotografia da Figura 31, aparentemente, foi tirada no mesmo lugar que as anteriores, mas dessa vez com um enquadramento que deixava a placa de identificação do estabelecimento fora do alcance da câmera. O primeiro registro, por outro lado, foi tomado em um lugar um pouco diferente, provavelmente um outro prédio que pertencia ao Hotel Corrêa. Nas quatro fotografias, as pessoas estão meticulosamente organizadas em fileiras, com todas as crianças e a maioria das mulheres colocadas à frente, de modo que todos pudessem ser capturados pela câmera.

O segundo registro apresenta algumas particularidades que se sobressaem: posicionados à esquerda, encontra-se um grupo de homens, todos utilizando chapéus e cada um segurando um instrumento musical diferente. Levando em consideração que constantemente os anúncios do Hotel Corrêa comunicavam a presença de uma orquestra contratada para entreter os hóspedes<sup>179</sup>, é possível inferir que esses homens integravam um conjunto musical e que sua presença no cartão-postal era uma estratégia publicitária do proprietário. Além do mais, a presença de uma mulher segurando um pano em suas mãos e posicionada em pé na escada ao fundo, chama a atenção, uma vez que ela é a única pessoa afastada do grande grupo de hóspedes. Não há como afirmar com certeza quem era essa mulher e o porquê de ela estar separada dos demais, mas uma hipótese plausível é de que ela não era uma hóspede, mas talvez uma funcionária do estabelecimento.

A primeira fotografia da Figura 31 é extremamente similar à segunda; contudo, apresenta menor nitidez e um pequeno borrão no canto esquerdo — possivelmente causado por um objeto que cobriu parte da lente no momento do disparo, ou até mesmo pelo dedo do fotógrafo. Já na Figura 32, a primeira imagem apresenta uma claridade excessiva, resultando em uma superfície predominantemente branca e brilhante. No último registro dessa figura, um dado relevante se destaca: o nome do estúdio responsável pela fotografia, Foto Lang<sup>180</sup>, aparece registrado na imagem.

---

<sup>179</sup> *Correio do Povo*, 5 de janeiro de 1920, p. 11.

<sup>180</sup> Não foram encontradas informações acerca do estúdio Foto Lang.

**Figura 32: Interior do Hotel Corrêa (1935)**



**Fonte:** Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister.

As quatro fotografias das Figuras 31 e 32 retratam uma mesma cena, contam uma mesma história. Seja 1929, 1930, 1935 ou 1938, em um determinado dia da temporada de veraneio, os hóspedes vestiam as suas melhores roupas e se reuniam em frente ao estabelecimento para eternizar a temporada daquele ano em um cartão-

postal. É possível que desde o momento em que acordaram eles já sabiam que aquele era o grande dia em que o fotógrafo chegaria ao hotel. Provavelmente as roupas já estavam separadas desde a noite anterior e as mulheres conversavam sobre qual penteado seria mais apropriado para aquela ocasião. Os pais, da mesma forma, orientavam as crianças para tomarem cuidado para não sujar as suas roupas, afinal, em um dia tão especial como o da tomada dessas fotos, tudo deveria decorrer perfeitamente. Sobre essa questão, Leite destaca que:

Como a prática da fotografia inclui despesas ostentatórias com o fotógrafo e o retrato, mas também a preocupação de produzir um espetáculo que será visto e distribuído para outros ramos da família, ela enverga o que alguns chamariam de seus trajes domingueiros, e outros, roupas de sair (de casa) ou de festa<sup>181</sup>.

A Figura 33 exibe uma outra parte da estrutura do Hotel Corrêa: os chalés. Pelo ângulo em que a fotografia foi tirada, é possível visualizar apenas a base dessas construções, uma vez que há uma grande quantidade de árvores plantadas em frente aos chalés, obstruindo a visão.

**Figura 33: Chalés do Hotel Corrêa (1930)**



**Fonte: Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister.**

<sup>181</sup> LEITE, Op. cit., p. 97.

É importante destacar que essa imagem também foi reproduzida em anúncios do Hotel Corrêa, nos quais era salientado que esse estabelecimento possuía “inúmeros chalés tendo na frente uma linda arborização”<sup>182</sup>. Para além de elementos estéticos, essa vegetação também proporcionava sombra, o que era certamente apreciado durante a temporada de veraneio, em razão das altas temperaturas. Diante disso, é possível identificar que embaixo das árvores estão colocadas diversas cadeiras nas quais alguns veranistas repousam, enquanto outros posam em pé para a câmera.

Enquanto as fotografias anteriores exibem o exterior do Hotel Corrêa, a Figura 34 é a única do acervo do MHMPAH que foi capturada no interior desse estabelecimento. Nesse registro é possível visualizar o salão de refeições lotado durante o almoço, sendo os hóspedes distribuídos em diversas mesas espalhadas por todo esse cômodo, possivelmente cada uma sendo ocupada por uma família e/ou grupo de amigos. A decoração do salão é uma das características que mais chamam atenção nessa imagem, as paredes são adornadas com quadros, pôsteres, espelhos, relógios e cabideiros para que os hóspedes pudessem pendurar casacos e chapéus. Ainda, bandeirinhas de papel enfeitam todo o teto desse espaço, indicando a possibilidade dessa fotografia ter sido tirada em algum dia festivo, provavelmente na época carnavalesca.

Apesar de vários pratos, garrafas e jarros aparecerem nessa fotografia, não é possível identificar os alimentos e bebidas que estavam sendo consumidos durante essa refeição. Entretanto, nos anúncios do Hotel Corrêa, o proprietário comumente ressaltava que “a cozinha estava sob a direção de competentes profissionais, especialmente contratados para a temporada” e que havia uma “adega sortida e variada” com bebidas tanto nacionais quanto estrangeiras<sup>183</sup>.

---

<sup>182</sup> *A Gaivota*, 1939, p. 62.

<sup>183</sup> *A Gaivota*, 1933, p. 49.

**Figura 34: Interior do Hotel Corrêa (1935)**



**03- Foto de 1935 – Interior do hotel Corrêa na hora do almoço**

**Fonte:** Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister.

Outrossim, um último empreendimento hoteleiro aparece nas fotografias do acervo do MHMPAH: o Hotel Strassburger<sup>184</sup>. Durante a pesquisa realizada nos periódicos, foram encontrados inúmeros anúncios dos hotéis citados até aqui, possibilitando a complementação das informações presentes nas fotografias. Todavia, não foi encontrado nenhum anúncio ou publicação sobre o Hotel Strassburger, fazendo com que as fotografias da Figura 35 sejam as únicas fontes sobre esse estabelecimento. Tendo em vista que esses registros não apresentam um número tão grande de hóspedes quanto as imagens dos outros hotéis, fato somado à ausência dos anúncios, é levantada a hipótese de que esse poderia ser um hotel menor, abrigando menos famílias durante o veraneio.

<sup>184</sup> Segundo informações presentes no acervo do MHMPAH, o Hotel Strassburger era localizado onde hoje existe o Shopping Tramandaí.

Figura 35:Hóspedes do Hotel Strassburger (Década de 1930)



Fonte: Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister.

Os dois registros foram tirados em frente ao hotel, o qual era construído em madeira e possuía uma pequena varanda cercada, localizada na frente e uma placa em madeira, que aparece inteira na primeira imagem e parcialmente na segunda, indicando o nome do estabelecimento. Na primeira fotografia, há um grupo de

hóspedes em pé posando em frente ao estabelecimento, a maioria estando na varanda, enquanto um homem e duas crianças estão fora dela e uma mulher dentro do prédio, podendo ser vista pela janela. Já na segunda fotografia, há um número maior de pessoas, as quais foram organizadas em fileiras com algumas em pé e outras sentadas, sendo que a maioria das crianças está sentada no chão. Ainda, uma placa colocada na parede da frente do hotel foi capturada pelo fotógrafo e fornece uma informação importante, pois possui uma inscrição “hoje, sorvete de abacaxi”. Apesar de sorvete ser um alimento comumente associado à praia e ao veraneio, essa fotografia é a única do acervo que faz menção a essa sobremesa. A presença dessa placa também indica que essas fotografias não foram realizadas no mesmo dia, possivelmente feitas em anos diferentes.

### **3.1.2 Chalés familiares de veraneio em Tramandaí**

Embora a maioria dos veranistas optassem pela hospedagem nos hotéis de Tramandaí durante a temporada de veraneio, algumas famílias mais abastadas priorizavam a construção de seus próprios chalés. Considerando que a maioria das fotografias do acervo do MHMPAH foram doadas pelas famílias de proprietários de hotéis, os registros que compõem esse acervo mostram muito mais esses estabelecimentos do que os chalés privados.

Todavia, dois registros encontrados proporcionaram diversas informações importantes sobre como eram construídas essas habitações. A Figura 36 exibe uma família posando ao lado de seu automóvel, o qual estava estacionado em frente ao chalé. Assim como os chalés dos hotéis, essa residência era construída em madeira, com tábuas verticais formando as paredes e o teto inclinado, também em madeira, ornamentado com detalhes em metais nas pontas. Nota-se que a construção é bem elevada, provavelmente por causa da areia. Uma varanda de madeira estende-se por toda a parte da frente da casa, sendo que um beiral de madeira ornamentada decora a parte de cima. Um detalhe pequeno, mas que diz muito, é a cortina que pode ser vista através do vidro da janela à direita, mesmo que tenha sido uma casa apenas para se passar o verão, os moradores não abriam mão da decoração, da privacidade e do conforto dentro da residência.

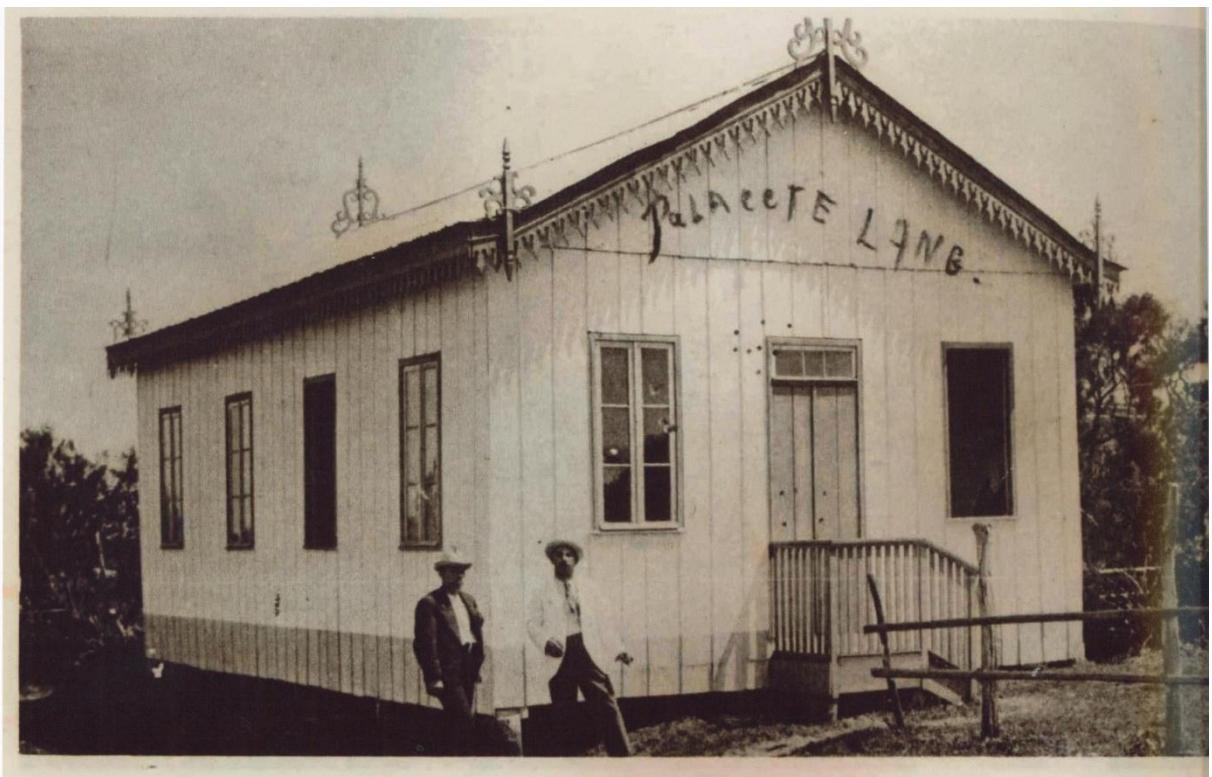
**Figura 36: Chalé de veraneio**



**Fonte:** Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister

Enquanto a Figura 36 exibe apenas a parte da frente desse chalé, a Figura 37 apresenta um outro chalé e por um ângulo que permite tanto a visão da frente da construção quanto da parte lateral. Nesse registro, dois homens posam em frente a um chalé que também é construído em madeira e com paredes de tábuas verticais, contudo, é menor do que o anterior e não possui uma varanda, apenas uma escada lateral que leva à porta da casa, uma vez que a construção também é alta. A base do telhado possui detalhes menores do que o beiral anterior, mas que cercam toda a casa, além disso, ornamentos metálicos extremamente parecidos com os do chalé acima, também embelezam os cantos de todo o telhado.

**Figura 37: Chalé da família Lang**



**Fonte:** Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister.

Entretanto, é um outro detalhe que chama mais atenção na Figura 37: a identificação da família que reside nessa habitação. Na fachada do chalé, é possível ler a frase “Palacete Lang”, inserida após a revelação da fotografia, indicando que a família Lang, que já foi citada no tópico anterior, era a sua proprietária. Nas Figuras 32 e 34 aparece a assinatura “Foto Lang”, apesar de as fontes não proporcionarem maiores informações sobre esse estabelecimento, pode-se inferir que tanto esse chalé quanto esse estúdio fotográfico pertenciam à mesma família. Em outras palavras, é possível considerar que o Palacete Lang era um estúdio fotográfico. Sobre fotógrafos de Porto Alegre, Schossler afirma que:

Sobre estes fotógrafos, pode-se inferir que possivelmente eles transferiam temporariamente seus estúdios fotográficos para as praias, o que lhes garantia fonte de renda extra e certa inspiração fotográfica, que poderia ser compartilhada em cartões-postais e revistas da época<sup>185</sup>.

<sup>185</sup> SCHOSSLER, Joana Carolina. Op. cit., p. 186.

Conforme já foi dito, a maioria dos empresários do veraneio de Tramandaí era originária de Porto Alegre e da sua região metropolitana, sendo possível levantar a hipótese de que a família Lang veraneava nessa praia e, como uma forma de renda, transferia o estúdio para o litoral, trabalhando também com fotografias do veraneio.

### **3.2 Principais avenidas e espaços de sociabilidade em Tramandaí**

Levando em conta que a estadia dos veranistas em Tramandaí poderia se estender por cerca de até três meses, havia alguns aspectos do seu cotidiano que eles não queriam abrir mão, sendo um desses o religioso. Diante desse contexto, em 1908, o Comendador Militão Borges de Almeida, um homem que tinha o costume de veranear em Tramandaí, construiu nessa região a primeira capela do município, a qual perdurou como única igreja de Tramandaí até a década de 1940, quando a Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes foi construída<sup>186</sup>. Sobre essa questão, Soares destaca que:

Até então, não havia um espaço especial para o povo expressar a sua fé. O sonho de erguer uma igreja passou a ser uma meta, tanto do pescador como do veranista, especialmente deste que, em suas cidades, costumava assistir, pelo menos, à missa dominical. Graças ao dinamismo e determinação do Comendador Militão Borges d'Almeida, veranista extremamente católico, esse sonho se concretizou, quando em 15 de outubro de 1907 foi lançada a pedra fundamental da igreja Nossa Senhora dos Navegantes de Tramandaí. No ano da inauguração da igreja, 1908, por causa do atraso das obras, a festa foi adiada para o dia 23 de fevereiro. A igreja, construção em alvenaria, media 7,60m de largura por 14,12 de comprimento. Localizava na Avenida da Igreja com a Avenida Emancipação. O terreno foi doado pelo Sr. Jorge José Mury, pioneiro no comércio de Tramandaí e proprietário de muitas terras no centro desta praia, em Imbé e em capão da Canoa.<sup>187</sup>

Apesar da Figura 34 ter sido tirada durante a temporada de verão, ela exibe uma atividade que não está necessariamente relacionada à vilegiatura marítima, o que é importante para compreender um pouco mais sobre o que os veranistas faziam em Tramandaí quando não estavam tomando os banhos de mar. Esse registro retrata

<sup>186</sup> SOARES, Leda Saraiva; PURPER, Sonia. Op. cit., p. 55.

<sup>187</sup> SOARES, Leda Saraiva. Construção da primeira igreja de Tramandaí. **Blog Leda Saraiva Soares**, 2010. Disponível em: <https://ledasaraivasoares.blogspot.com/2010/06/construcao-da-primeira-igreja-de.html>. Acesso em: 15 jun. 2025.

uma festa de Nossa Senhora dos Navegantes, realizada em Tramandaí, nos anos 1920. Como essa festividade ocorre no dia 02 de fevereiro, auge da temporada, os veranistas não estavam em suas cidades para festejar, mas não deixavam de celebrar essa data importante para sua religião, realizando, assim, uma festa reunindo as pessoas que estavam ali passando a temporada. Essa fotografia também é importante para a análise das vestimentas utilizadas em um dia de festa da década de 1920: apesar da celebração ocorrer na praia, os homens aparecem vestidos de terno completo e chapéu, enquanto as mulheres trajam vestidos, algumas de chapéu e a maioria utilizando uma sombrinha para proteção do forte sol típico do início de fevereiro nessa região.

**Figura 38: Festa de Nossa Senhora dos Navegantes em Tramandaí (Década de 1920)**



Festa dos Navegantes em Tramandaí na década de 20. Os homens de chapéu e terno completo e as senhoras com sombrinhas contra o sol.

**Fonte:** Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister.

Cabe aqui ressaltar como as fontes possuem um apagamento significativo de outras religiões, sendo encontradas informações apenas sobre a religião católica no

período estudado. Dorneles e Meinerz<sup>188</sup> destacam que a memória histórica oficial acerca de Tramandaí difundiu a ideia de que essa cidade foi povoada apenas por portugueses, valorizando a ideia de uma Tramandaí açoriana, portanto branca, e católica, renegando as religiões de matrizes africanas a um papel de invisibilidade.<sup>189</sup>

Outra data comemorativa que também coincidia com o período da temporada de veraneio era o carnaval, sendo necessário que os veranistas realizassem as festividades carnavalescas em Tramandaí. Com uma colagem de fotografias, a revista *A Gaivota*, em 1931, declarava que o carnaval trazia o “banho [de mar] à fantasia”:

Carnaval de 1931

(Tramandaí)

Banho à fantasia.

Veranistas em ruidosa alegria iniciam os folguedos do Deus Momo.<sup>190</sup>

Assim, a Figura 39 é composta por duas fotografias do carnaval em Tramandaí, também no ano de 1931<sup>191</sup>. No primeiro registro, um grupo de crianças e adolescentes exibe suas criativas fantasias de carnaval, feitas de maneira improvisada com suas roupas e decorações de papel, principalmente na saia e nos adereços de cabeça, com destaque para os grandes laços que enfeitam os cabelos de algumas das meninas. Essa fotografia por ter sido registrada à beira-mar, apresenta todas as meninas de pés descalços, pisando na areia, e o mar sendo o cenário de fundo da imagem.

Já o segundo registro da Figura 39 mostra as festividades de carnaval dos hóspedes do Hotel Corrêa. Os veranistas aparecem sentados no gramado, com as mulheres e crianças à frente e os homens ao fundo. No centro da fileira de trás aparece

<sup>188</sup> DORNELES, Dandara Rodrigues; MEINERZ, Carla Beatriz. Territórios negros do axé em Tramandaí/RS: saberes diáspóricos para a educação das relações étnico-raciais. *Revista Olhares*, v. 7, n. 1, p. 45-62, 2019. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/345424869\\_Territorios\\_negros\\_do\\_axe\\_em\\_TramandaíRS](https://www.researchgate.net/publication/345424869_Territorios_negros_do_axe_em_TramandaíRS). Acesso em: 27 de abr. de 2025.

<sup>189</sup> É importante notabilizar que foi realizado um levantamento de fontes e de referências bibliográficas sobre a presença de religiões de matriz africana em Tramandaí no recorte temporal estudado, mas não foram encontradas informações. Todavia, conhecendo a forte presença de praticantes dessas religiões no estado do Rio Grande do Sul, sobretudo em Porto Alegre e sua região metropolitana — local de moradia da maioria dos veranistas que frequentavam Tramandaí —, a hipótese de que haviam sim práticas dessas religiões nessa cidade entre 1900 e 1960 se fortalece.

<sup>190</sup> *A Gaivota*, 1931, p. 33.

<sup>191</sup> Apesar dos registros do MHMPAH indicarem que o primeiro registro data de 1934, ele já aparece na edição de 1931 da revista *A Gaivota*. *A Gaivota*, 1931, p. 33.

uma moça com uma coroa na cabeça, enquanto os demais hóspedes usam lenços como adorno dos cabelos. Os homens estão todos vestidos da mesma maneira, com camisas brancas de botões, ao passo em que as mulheres exibem longos vestidos e saias, além de muitos acessórios que compõe a indumentária de carnaval.

**Figura 39: Carnaval em Tramandaí (1931)**



**Fonte: Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister.**

Além disso, de forma habitual, a maioria das cidades possuem um espaço como esse, uma via onde são construídos os principais espaços de um município, como os prédios de administração pública, templos religiosos e casas comerciais. Em Tramandaí, a primeira avenida construída foi a Capitão Antônio Mariante<sup>192</sup>:

Nesse espaço, nasceu a primeira rua de Tramandaí: Capitão Antônio Mariante, hoje, Avenida Emancipação, ao longo da qual se estabeleceram os primeiros hotéis e os primeiros comerciantes: Hotel da Saúde, Hotel Sperb, Hotel Triunfo, Hotel Strassburg, Hotel Beira Mar, Hotel Recreio Gaúcho, Hotel Corrêa, Hotel Hoffmeister... Aí surgiram as primeiras casas comerciais, como “A Economia”, sorveterias, bares, a Casa das Palhas, restaurantes, cinema, farmácia, as primeiras casas de veranistas e a igreja Nossa Senhora dos Navegantes<sup>193</sup>.

A citação acima detalha a importância da Avenida Capitão Mariante, hoje Avenida Emancipação, a principal avenida de Tramandaí. Junto à Avenida Capitão Mariante, a Avenida da Igreja e a Avenida Beira-Mar se configuraram — e ainda se configuram — como as principais vias de Tramandaí.

Assim, a Figura 40 reúne dois registros da Avenida Capitão Mariante. Na primeira fotografia, tirada em 1925, é possível visualizar várias construções de madeira com formatos iguais, o que indica que provavelmente eram os chalés de algum dos hotéis que se localizavam nessa via.

Já no segundo registro, de 1930, já há uma maior variedade de estilos de construção, além de uma legenda desenvolvida pela equipe do MHMPAH que permite a identificação dessas construções, sendo possível, dessa forma, indicar um bar, em frente do qual se reuniam um grupo de pessoas no momento em que a fotografia foi capturada, além de um posto policial. Ainda, é possível reconhecer também os trilhos do bonde, o que constata que esse transporte passava em frente aos principais estabelecimentos de Tramandaí nesse período.

---

<sup>192</sup> Darcy dos Santos Mariante foi um capitão da Brigada Militar do Rio Grande do Sul e membro do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Ele também participou do Grupo dos Onze, organização liderada por Leonel Brizola. Foi preso e torturado pelo 1º Batalhão de PM de Porto Alegre, em 1965, durante o período da ditadura civil-militar brasileira. Suicidou-se no ano seguinte. GAUCHÁZH (ClicRBS). Comissão resgata história de militares que se opuseram à ditadura. **GZH Geral**, 4 maio 2014. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2014/05/Comissao-resgata-historia-de-militares-que-se-opuseram-a-ditadura-4491117.html>. Acesso em: 25 jun. 2025.

<sup>193</sup> SOARES, Leda Saraiva. Op. cit., p. 27.

**Figura 40: Avenida Capitão Mariante**



Centro de Tramandaí — 1920.



Rua Emancipação (a principal) em Tramandaí, local preferido dos leopoldenses. Veja-se o trilho dos "bondes" que levavam os banhistas até à praia em 1930. O toldo escuro, avançado, era de um bar. E, ao lado, a casa branca à direita, o Posto Policial. Ficava tudo em família.

**Fonte: Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister.**

A Figura 41, por sua vez, é composta por dois registros da Avenida da Igreja. De acordo com a legenda, o primeiro foi capturado em um dia de festa, provavelmente a festa de Nossa Senhora dos Navegantes, sendo possível identificar um grande número de pessoas, todas bem vestidas, se espalhando pela via. Além do mais, essa fotografia permite que sejam identificadas algumas características dessa avenida,

como a significativa arborização. Já o segundo registro, datado de 1950, retrata um período de modernização, sendo possível localizar vários automóveis estacionados nessa avenida, além de diversas construções, provavelmente locais comerciais. Por fim, havia uma grande quantidade de pessoas andando pela via, nenhuma em traje de banho, atestando que estes ficavam reservados apenas para a orla da praia.

**Figura 41: Avenida da Igreja**



Av da Igreja em dia de festa



**Fonte: Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister.**

Briz destaca que desde os primórdios da prática da vilegiatura marítima, alguns estabelecimentos fundamentais para as pessoas “civilizadas”, como os hotéis, eram construídos nas cidades que recebiam os veranistas<sup>194</sup>. Um outro tipo de estabelecimento que também era comumente encontrado nessas localidades eram os cassinos, estes que já se faziam presentes até mesmo em Brighton<sup>195</sup>. Em Tramandaí, não foi diferente: a Figura 42 retrata um estabelecimento chamado Casino Ba-ta-clan, o qual sabe-se que estava localizado em Tramandaí em razão da inscrição “Lembrança de Tramandahy”, presente na fotografia.

**Figura 42: Casino Bataclan em Tramandaí**



**Fonte:** Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister.

O edifício que abriga esse cassino era construído em madeira e possuía dois andares, sendo o superior cercado por uma varanda. Supõe-se que o estabelecimento tenha sido construído em uma das principais avenidas da cidade, tanto porque eram nesses locais que geralmente se fixavam a maioria dos comércios, quanto por ser

<sup>194</sup> BRIZ, Maria da Graça. Op. cit., p. 259.

<sup>195</sup> Ibidem, p. 260.

possível identificar os trilhos do bonde passando em frente ao cassino. Há um grande número de pessoas retratadas nessa fotografia, algumas em movimento, algumas até mesmo de costas, talvez estivessem apenas caminhando pela avenida e não estavam se dirigindo ao cassino, mas mesmo assim foram capturadas pela lente do fotógrafo Severo Horgnés<sup>196</sup>. No centro da imagem, cinco pessoas chamam atenção: à esquerda um casal encara fixamente o fotógrafo enquanto uma criança, provavelmente o filho do casal, segura sua pequena bicicleta e olha para o outro lado, ignorando a presença do fotógrafo. Já mais à direita, do outro lado dos trilhos, duas mulheres também olham diretamente para a câmera, a primeira parece ser uma moça mais jovem, usando um acessório muito interessante e tipicamente utilizado nas praias hoje em dia, mas que não aparece com tanta frequência no acervo analisado: os óculos de sol. A última mulher, por seu turno, não estava com o corpo de frente para o fotógrafo, mas virou seu rosto e o olhou enquanto coloca uma das mãos na frente do rosto, talvez se protegendo do sol.

Essa fotografia é o único registro de um cassino em Tramandaí que foi encontrado no acervo do MHMPAH. Ainda, a pesquisa nos periódicos não forneceu nenhuma informação sobre esse estabelecimento, sendo essa imagem a única fonte de informações sobre o Casino Ba-ta-clan que foi localizada. Todavia, algumas informações sobre um outro cassino que se estabeleceu em Tramandaí no mesmo período puderam ser verificadas, sendo importantes para a compreensão de como era a dinâmica de funcionamento desse tipo de estabelecimento. Schossler realça que:

Em Tramandaí, o Casino Tramandaí que funcionava junto ao Hotel Sperb, comunica sua inauguração, em 1939, com “frios, doces e líquidos”. A empresa do cassino também informa que, a partir da temporada de 1940, o funcionamento seria diário, e que a disposição de um ônibus gratuito a serviço da empresa sairia de Porto Alegre todos os sábados. Em vários outros anúncios, o Casino Tramandaí convida os veranistas para que após o almoço ou o jantar os mesmos visitem os salões de jogos<sup>197</sup>.

Na revista *A Gaivota*, era anunciado que o Cassino Tramandaí funcionava diariamente e que, aos sábados dois ônibus especiais saiam da Praça 15 de Novembro, em Porto Alegre, com destino ao estabelecimento, sendo o retorno marcado para o domingo à noite<sup>198</sup>. Esse anúncio data de 1940, um período em que,

---

<sup>196</sup> Sobre Severo Horgnés, ver mais na nota 140.

<sup>197</sup> SCHOSSLER, Joana Carolina. Op. cit., p. 189.

<sup>198</sup> *A Gaivota*, 1940, p. 29.

graças à modernização das viagens, já era possível passar apenas um final de semana no litoral norte. Essa prática mostra-se mais habitual quando outro anúncio do Casino Tramandaí destaca que o estabelecimento estava organizando um “week-end” para seus clientes:

Um “week-end” verdadeiramente encantador vai proporcionar o Casino Tramandaí aos seus “*habitués*”, hoje e amanhã em prosseguimento à série de festas sociais-artísticas que tiveram início com a magnífica “soirée” dançante em homenagem à senhorita Elen Nedel, “a mais bela porto-alegrense”. Tanto a soirée de sábado, como a “matine dançante” de domingo, serão cadenciados pelo conhecido Jazz Imperial. Como brinde especial à sociedade porto-alegrense, intervalando as danças, nos dois dias haverá dois espetáculos de “*musis-hall*” do qual participarão o famoso conjunto vocal feminino “*Singing Babies*”, que, atuando, sábado e domingo, com exclusividade no Casino Tramandaí, despede-se de Porto Alegre, de vez que embarcarão segunda-feira para Buenos-Aires, onde vão atual na Rádio Belgrano. Participarão ainda da “hora de arte”, Stella Norma, sambista gaúcha, Jacqueline Roland, cançonetista e contorcionista francesa, além de vários outros elementos do “*cast*” de P R C-2, a simpática emissora da rua 7 de setembro, sob a direção pessoal do locutor Oduvaldo Cozzi.<sup>199</sup>

Cabe aqui destacar que a história do lazer de saúde no Brasil está diretamente relacionada com a história dos cassinos brasileiros<sup>200</sup>. As mesas de jogos faziam-se presentes na maioria dos lugares de veraneio do país, como em Petrópolis, no Rio de Janeiro, Poços de Caldas, em Minas Gerais e, como visto aqui, no litoral norte do Rio Grande do Sul.<sup>201</sup>

Por fim, um último espaço de sociabilidade em Tramandaí que se fez presente no período analisado são os cinemas. O Cine Caiçara, que também era de propriedade da família Sperb e que foi fundado em 1948, na Avenida Capitão Mariante<sup>202</sup>, enquanto o Cine Coimbra foi inaugurado na Avenida Fernandes Bastos<sup>203</sup>

<sup>199</sup> Correio do Povo, 07 de dezembro de 1940, p. 13.

<sup>200</sup> É importante realçar que durante o século XX houve uma grande discussão acerca da legalidade dos jogos no Brasil. No ano de 1920, o presidente Epitácio Pessoa assinou um decreto que objetivava uma reorganização em serviços de saúde, como no turismo de saúde, e concedeu autorização para estâncias balneárias operarem jogos de azar, impulsionando o surgimento de inúmeros cassinos. Já em 1946, o presidente Gaspar Dutra estabeleceu um decreto-lei que ordenava o fechamento de todos os cassinos do país, até mesmo aqueles dos lugares de veraneio que haviam sido incentivados 26 anos antes. PAIXÃO, Dario. Hotéis-Cassinos No Brasil: A História do Turismo de Saúde Aliado ao Lazer no Brasil. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE TURISMO DO IGUASSU, 2., 2008, Foz do Iguaçu, Paraná. **Anais** [...] 2008.

<sup>201</sup> PAIXÃO, Dario. Hotéis-Cassinos No Brasil: A História do Turismo de Saúde Aliado ao Lazer no Brasil. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE TURISMO DO IGUASSU, 2., 2008, Foz do Iguaçu, Paraná. **Anais** [...] 2008.

<sup>202</sup> STOCKER JR., Jorge Luis. Cine Caiçara - cinema de rua em Tramandaí (RS). **Memória [drops]** RS, 25 ago. 2013. Disponível em: <https://memoriadrops.blogspot.com/2013/08/cine-caicara-cinema-de-rua-em-tramandai.html>. Acesso em: 5 de abr. de 2025.

<sup>203</sup> Fernandes Bastos foi intendente municipal em Osório, então Conceição do Arroio, em três oportunidades, entre os anos de 1912 e 1934. Escreveu o livro “Noite de Reis” (1935) e diversos artigos

no ano de 1955<sup>204</sup>. Infelizmente, o acervo do MHMPAH não possui registros fotográficos desses dois estabelecimentos no período abordado nesta dissertação. No entanto, duas fotografias — possivelmente datadas das décadas de 1960 ou 1970 — compõem a Figura 33 e ajudam a visualizar como eram os prédios desses cinemas

**Figura 43: Cinemas de Tramandaí**



**Fonte:** Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister.

---

sobre o Litoral Norte do Rio Grande do Sul, atuando como correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS). LITORALMANIA. 75 anos da Biblioteca Pública Fernandes Bastos é comemorado em Osório. **Litoralmania**, 3 jul. 2018. Disponível em: <https://litoralmania.com.br/75-anos-da-biblioteca-publica-fernandes-bastos-e-comemorado-em-osorio/>. Acesso em: 25 jun. 2025.

<sup>204</sup> ADIB, Carlos. **Cine RS - Fatos**. Disponível em: [http://www.carlosadib.com.br/ciners\\_fatos.html](http://www.carlosadib.com.br/ciners_fatos.html). Acesso em: 5 de abr. de 2025.

Ao contrário das construções de madeira tão características dos hotéis e dos chalés de veraneio, esses dois estabelecimentos foram erguidos em alvenaria. O Cine Caiçara possuía dois andares, com um telhado inclinado — semelhante aos chalés —, janelas em arco e o nome do estabelecimento pintado na própria fachada, sendo registrado nos dois andares. O Cine Coimbra, por sua vez, estava localizado em uma construção mais moderna, de traços retos e janelas quadradas e retangulares. Apesar de o prédio também possuir dois andares, o nome do cinema está exposto em uma placa que fica apenas no térreo, indicando que, talvez, o andar acima fosse destinado a outro fim.

Os registros fotográficos analisados neste capítulo revelam um dos aspectos mais importantes do veraneio em Tramandaí: a sociabilidade. Embora o encontro com o mar seja, possivelmente, a primeira coisa que vem à cabeça quando se pensa no litoral, em um período no qual as pessoas passavam meses nesse destino, os espaços de sociabilidade para além da praia foram fundamentais para a construção da cultura tão característica da temporada de veraneio tramandaiense.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na temporada de veraneio de 2024, a prefeitura de Tramandaí esperava receber cerca de um milhão de veranistas<sup>205</sup>. Para um município de 54 mil habitantes, esse número é surpreendente e, sem dúvidas, de suma importância para a economia local. É praticamente impossível falar em Tramandaí sem mencionar o mar, o veraneio se mostra como um dos pilares mais fortes mesmo não sendo a única atividade econômica ali realizada.

Para aqueles que residem em Porto Alegre ou em sua região metropolitana e que têm o desejo de passar a temporada, ou até mesmo um feriado ou final de semana, em Tramandaí, é possível realizar uma viagem de cerca de uma hora e 40 minutos em veículo próprio ou em alguma das várias opções de ônibus que cruzam esse trajeto todos os dias, em diversos horários. Chegando nessa cidade, muitas famílias possuem suas próprias casas de veraneio e para quem prefere, as opções de hotéis, de pousadas ou de casas para aluguel temporário são inúmeras.

No centro da cidade, principalmente na Avenida Emancipação, os veranistas encontram de tudo: supermercados, farmácias, lojas variadas e uma ampla oferta de restaurantes, muitos especializados em pescados, valorizando a tradição da pesca tão presente nesse município. Já na Avenida Beira-Mar, tanto o calçadão quanto a faixa de areia são repletos de quiosques que oferecem tudo o que um banhista precisa para passar um belo dia de sol desfrutando da praia.

Essa é a imagem do veraneio em Tramandaí que eu — e, possivelmente, tantas outras pessoas ligadas a essa cidade — posso gravada na minha mente desde criança. Todavia, ao encontrar o acervo de fotografias do Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister, percebi que nem sempre foi essa a imagem que refletiu a temporada de verão tramandaiense, o que me motivou a iniciar essa pesquisa.

---

<sup>205</sup> MOURA, Liliane. Tramandaí espera um milhão de visitantes na temporada 2024. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 14 dez. 2023. Disponível em: <https://www.jornaldocomercio.com/jornal-cidades/2023/12/1135301-tramandai-espera-um-milhao-de-visitantes-na-temporada-2024.html>. Acesso em: 5 de abr. de 2025.

A partir de registros fotográficos da cidade, produzidos entre 1900 e 1960, este trabalho construiu uma história visual não apenas do veraneio, mas do próprio município de Tramandaí.

Neste estudo foi possível perceber o papel que o discurso científico sobre os banhos de cura no mar foi fundamental para que os primeiros vilegiaturistas se dirigessem até Tramandaí entre o final do século XIX e os primeiros anos do século XX, um momento em que a viagem poderia durar até oito dias, sendo realizada em carros de boi que cruzavam caminhos precários de terra que transformavam as viagens em uma verdadeira aventura, sendo até mesmo os momentos de dificuldades, como um veículo atolado na lama, registrados em fotografias. A modernização das estradas e dos meios de transporte refletiram diretamente na modernização do veraneio, com os carros de boi sendo substituídos por carros modernos, uma grande variedade de empresas de diligências surgindo e a estrada que ligava Porto Alegre ao litoral sendo construída, essa viagem passou a durar cada vez menos tempo e a ser mais acessível, o que ampliou significativamente o fluxo de veranistas para Tramandaí.

Conforme a análise das fontes, o encontro com o mar foi uma das atividades mais fotografadas nesse período, o que evidencia a importância que esse momento possuía para os veranistas, afinal, ao se dirigirem ao litoral, fosse no período em que a viagem era realizada com fins terapêuticos, fosse no período em que o lazer se tornou o principal objetivo, encontrar o mar era o maior desejo dessas pessoas. Pensando nisso, fotógrafos de Porto Alegre e região também se deslocavam a Tramandaí durante a temporada para conseguirem uma renda extra, o que resultou em diversos cartões-postais dos banhistas que compõem essa dissertação. Nessas fotografias, foi possível identificar características como as indumentárias utilizadas pelos veranistas e como a diferença nos trajes entre homens e mulheres e adultos e crianças retratavam as diferenças dessa prática para esses grupos.

Antes da popularização do veraneio, Tramandaí era uma pequena vila que tinha como principal atividade econômica a pesca, não sendo equipada para receber os primeiros vilegiaturistas. Nesse sentido, o surgimento dos primeiros estabelecimentos hoteleiros foi fundamental para a consolidação dessa prática, uma vez que durante as primeiras décadas do século passado, as atividades de sociabilidade durante toda a temporada eram realizadas majoritariamente em torno dos hotéis. Os hoteleiros

também desempenharam um papel importante na cultura visual, produzindo fotografias que eram utilizadas como uma lembrança coletiva para os hóspedes, mas também como material publicitário divulgado em publicações como o jornal *Correio do Povo* e a revista *A Gaivota*. Desprendendo-se dos hotéis, algumas famílias optaram por construírem seus chalés de veraneio nessa cidade, consolidando a prática da segunda residência que se configura como uma tradição dos veranistas dessa localidade até hoje. Para além do mar e dos hotéis, a sociabilidade dos veranistas era praticada em espaços como cassinos e cinemas que foram construídos por volta das décadas de 1940 e de 1950, além de em festividades que coincidiam com a temporada de veraneio, como o carnaval e a festa de Nossa Senhora dos Navegantes.

Ao longo desta pesquisa, alguns conceitos balizadores foram fundamentais para guiar a análise e interpretação das fontes. A leitura de Corbin<sup>206</sup>, sobretudo de seu conceito de invenção da praia, foi crucial para a minha compreensão acerca do espaço deste espaço e, a partir dele, pude perceber como nem sempre o território litorâneo no ocidente foi ocupado da maneira como eu o conheço. Um lugar que reflete tantas alegrias, momentos de férias, de lazer, já foi considerado como local assustador e de repulsa, necessitando passar por um intenso processo de transformação para ser entendido como é hoje e me instigando a buscar compreender como esse processo aconteceu especificamente em Tramandaí.

A partir disso, com o intuito de compreender sobre a sociabilidade e o lazer na praia de Tramandaí, me debrucei na leitura de autores que trabalham com estes conceitos, como Agulhon<sup>207</sup> e Baechler<sup>208</sup> para o primeiro e Dumazedier<sup>209</sup> para o último. Fundamentada com estas noções, pude buscar nas fontes sobre como eram as relações de sociabilidade estabelecidas entre os veranistas, tanto na praia, quanto em espaços como hotéis, cassinos, avenidas e cinemas. Ainda entendendo lazer, a partir de Dumazedier, como um tempo livre de obrigações de trabalho, pude relacionar o acesso ao veraneio com questões trabalhistas e de classe, como o direito a férias remuneradas, que permitiu esse lazer, aos poucos, à classe operária.

---

<sup>206</sup> CORBIN, Alain. Op. cit.

<sup>207</sup> AGULHON, Maurice, Op. cit.

<sup>208</sup> BAECHLER, Jean. Op. cit.

<sup>209</sup> DUMAZEDIER, Joffre. Op. cit.

Ademais, tendo em vista a minha escolha de trabalhar com registros fotográficos, leituras de autores como Monteiro<sup>210</sup>, Meneses<sup>211</sup> e Knauss<sup>212</sup> acerca do conceito de cultura visual foram fundamentais para assimilar não apenas a fotografia enquanto objeto, mas suas redes de produção e difusão, assim como a maneira que elas ajudaram a criar e consolidar um imaginário acerca do veraneio, não sendo apenas uma representação da realidade, mas também uma divulgadora de narrativas específicas sobre essa temática.

No decorrer dessa dissertação, ficou evidente como os registros fotográficos são fontes ricas para a compreensão de códigos culturais de um determinado grupo social em um momento histórico específico, nesse caso, o veraneio em Tramandaí entre 1900 e 1960. Entretanto, tão importante quanto interpretar o que uma fotografia diz, é interpretar o que ela não diz. Um primeiro ponto diz respeito aos trabalhadores que realizam os serviços essenciais para que o veraneio aconteça. Ao fundo de algumas imagens dos hotéis aparecem algumas pessoas com vestimentas que parecem um uniforme e em outras fotografias de ônibus, os motoristas são registrados ao lado dos veículos. Todavia, esses registros são escassos, não sendo encontradas fotografias de outros trabalhadores, como os pescadores e vendedores ambulantes, atividades tradicionais em Tramandaí atualmente e, conforme outras fontes, já realizadas no período analisado nessa dissertação.

Um outro silenciamento é relativo ao perfil racial dos veranistas, aparecendo pessoas não brancas em uma quantidade pequena de registros. Compreendendo que, inicialmente, o veraneio era uma atividade bem elitista, reservada a um grupo social com maior poder aquisitivo, em um contexto de poucas décadas após a abolição da escravidão no Brasil, pessoas pretas, em geral, não pertenciam a esse grupo. Ainda, o próprio nome da cidade de Tramandaí tem sua etimologia remetida ao tupi-guarani, contudo, as fontes não trazem informações sobre a relação dos povos indígenas com esse local.

Cabe também destacar que a produção de um acervo, assim como toda a produção de memória, é atravessada por escolhas, valores e interesses. Assim, o

<sup>210</sup> MONTEIRO, Charles. Op. cit.

<sup>211</sup> MENESSES, Ulpiano. Op. cit.

<sup>212</sup> KNAUSS, Paulo. Op. cit.

acervo do MHMPAH é formado por doações de fotografias, a maioria proveniente de famílias de hoteleiros ou de famílias com longa tradição de veraneio em Tramandaí, o que reflete um viés voltado para experiências de elites com essa localidade. Reconhecer esse viés é importante para problematizar os silenciamentos gritantes desses registros.

Diante disso, ao mesmo tempo em que esse trabalho preenche lacunas na pesquisa historiográfica acerca do veraneio em Tramandaí, uma vez que a produção de trabalhos sobre essa temática é, ainda, incipiente, ele também levanta novos questionamentos, principalmente sobre os silenciamentos encontrados nas fontes aqui analisadas. Espera-se, assim, que este trabalho auxilie na compreensão do desenvolvimento do veraneio em Tramandaí e na importância dessa prática para essa cidade, mas que também sirva como um espaço de diálogo com os leitores que desejam pesquisar nessa temática, plantando uma semente para pesquisas futuras que, talvez, possam preencher essas e outras lacunas.

## FONTES

Acervo fotográfico do Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister.

*A Gaivota*<sup>213</sup>, 1929.

*A Gaivota*, 1930.

*A Gaivota*, 1931.

*A Gaivota*, 1933.

*A Gaivota*, 1934.

*A Gaivota*, 1939.

*A Gaivota*, 1940.

*A Gaivota*, 1941.

*A Gaivota*, 1942.

*A Gaivota*, 1943.

*A Gaivota*, 1944.

*Correio do Povo*<sup>214</sup>, 5 de janeiro de 1920.

*Correio do Povo*, 9 de janeiro de 1920.

*Correio do Povo*, 4 de janeiro de 1921.

*Correio do Povo*, 29 de novembro de 1921.

*Correio do Povo*, 29 de dezembro de 1921.

*Correio do Povo*, 29 de dezembro de 1921.

*Correio do Povo*, 5 de janeiro de 1922.

*Correio do Povo*, 21 de dezembro de 1924.

*Correio do Povo*, 3 de janeiro de 1929.

*Correio do Povo*, 7 de dezembro de 1940.

*O Cruzeiro*, 15 de dezembro de 1928. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=003581&pagfis=357>.

Acesso em: 01/10/2024.

*O Cruzeiro*, 02 de março de 1929. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=003581&pagfis=910>.

Acesso em: 01/10/2024.

---

<sup>213</sup> Todos os exemplares foram pesquisados no acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

<sup>214</sup> Todos os exemplares foram pesquisados no acervo do Núcleo de Pesquisa em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADIB, Carlos. **Cine RS - Fatos**. Disponível em:  
[http://www.carlosadib.com.br/ciners\\_fatos.html](http://www.carlosadib.com.br/ciners_fatos.html). Acesso em: 5 de abr. de 2025.
- AGULHON, Maurice. **Histoire Vagabonde**. Paris: Gallimard, 1988. Tomo I, Ethnología et Politique dans La France Contemporánea.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **A rosa do povo**. 29. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- ANJOS, Beatriz Cruz. É do mar que se avista a cidade: as implicações sociais do uso dos banhos de mar na construção do “novo” Recife. **Hydra**, v. 4, n. 8, p. 339–367, 2020. Disponível em:  
<https://periodicos.unifesp.br/index.php/hydra/article/view/10718>. Acesso em: 8 jul. 2025.
- BAECHLER, Jean. “Grupos e sociabilidade”. In: BOUDON, Raymond. **Tratado de Sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995. p. 65-106.
- BARBOSA, Katiuscia Quirino. Entre o real e o imaginário: as representações do atlântico e da África nas fontes portuguesas quatrocentistas. In: Fortes, Carolina Coelho (org). **Expressões do Estado no Medieval**. Niterói: Translatio Studii, 2021.p.17-34.
- BRIZ, Maria da Graça. Vilegiatura balnear – Imagem ideal / Imagem real. **Revista do IHA**, v. 3, p. 254–267, 2007. Disponível em: <<https://run.unl.pt/handle/10362/12546>>. Acesso em: 01 de fev. de 2024.
- CALANCA, Daniela. **História social da Moda**. Tradução Renato Ambrosio. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2008.
- CANABARRO, Ivo. Fotografia & História Cultural: Uma janela aberta para o mundo. In: **Revista UniSalle**, Canoas, n. 21, 2015. Disponível em:  
<https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/view/1981-7207.15.1> . Acesso em: 01 de fev. de 2024.
- CHAVES, Ana Paula Dessupoio. **A moda praia na revista ilustrada O Cruzeiro (1928-1943)**. 2017. Dissertação (Mestrado em Artes, Cultura e Linguagens) – Instituto de Artes e Design, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.
- CORBIN, Alain. **Território do Vazio: a praia e o imaginário ocidental**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CORREA, Sílvio Marcus de Souza. Germanidade e banhos medicinais nos primórdios dos balneários no Rio Grande do Sul. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.17, n.1, jan.-mar. 2010, p.165-184. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3861/386138048011.pdf1>. Acesso em: 27 de abr. de 2025.
- COSTA, Helouise; BURGI, Sérgio. **As origens do fotojornalismo no Brasil: um olhar sobre O Cruzeiro (1940-1960)**. São Paulo: IMS, 2011.

COSTA, Mateus da Silva. **Balneários do Laranjal: História, Sociabilidade e Lazer na Costa Doce Pelotense (1970-2014)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2024.

DORNELES, Dandara Rodrigues; MEINERZ, Carla Beatriz. Territórios negros do axé em Tramandaí/RS: saberes diáspóricos para a educação das relações étnico-raciais. **Revista Olhares**, v. 7, n. 1, p. 45-62, 2019. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/345424869\\_Territorios\\_negros\\_do\\_axe\\_em\\_TramandaiRS](https://www.researchgate.net/publication/345424869_Territorios_negros_do_axe_em_TramandaiRS). Acesso em: 27 de abr. de 2025.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e Cultura Popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia Empírica do Lazer**. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

EBERHARDT, Camila. **Um mar de imagens: Representações imagéticas do município de Torres (1930-1960)**. Tese. (Doutorado em História) - Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2010.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador** – Vol. 1: uma história dos costumes. Rio de Janeiro, Zahar, 2011.

ENKE, Rebecca Guimarães. **Balneário Villa Sequeira - A invenção de um novo lazer (1890-1905)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2005.

ENKE, Rebecca Guimarães. **O espetáculo do mar em uma estação balneária no Rio Grande do Sul: A vilegiatura marítima na Villa Sequeira/Praia do Cassino (1885-1960)**. 2013. Tese. (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

FABRIS, Annateresa. **Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

FERNANDES JÚNIOR, Rubens. **Postaes do Brazil**. São Paulo: Metalivros, 2002.

FERNANDES, Marcelo. Homenagem a Severo Horgnies. **Santo Antônio da Patrulha em fotos e fatos** (blog). Santo Antônio da Patrulha, 25 mar. 2011.

Disponível em: <https://fotossap.blogspot.com/2011/03/homenagem-severo-horgnies.html>. Acesso em: 3 jul. 2025.

FERREIRA, Felipe Nóbrega. **Ao sul do sul o mar também é pampa: sensibilidades de verão na Villa Sequeira, Rio Grande/RS (1884-1892)**.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

FERREIRA, Sérgio Luiz. **O Banho de mar na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Editora das Águas, 1998.

FRANCO, Patrícia dos Santos. Cartões-postais: fragmentos de lugares, pessoas e de percepções. **Métis: História & Cultura**. V. 5, n. 9, 2006, p. 25-62, jan. /jun.

Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/782/546>. Acesso em: 14 de fev. de 2025.

FREITAS, Joana Gaspar de. O litoral português, percepções e transformações na época contemporânea: de espaço natural a território humanizado. **Revista da**

**Gestão Costeira Integrada** 7 (2): 105- 115 (2007), p.109-110. Disponível em: <http://www.aprh.pt/rgci/>. Acesso em: 04 de fev. de 2024.

GAUCHÁZH (ClicRBS). Comissão resgata história de militares que se opuseram à ditadura. **GZH Geral**, 4 maio 2014. Disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2014/05/Comissao-resgata-historia-de-militares-que-se-opuseram-a-ditadura-4491117.html>. Acesso em: 25 jun. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Tramandaí (RS)**.

Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/tramandai.html>. Acesso em: 5 de abr. de 2025.

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual.

**ArtCultura**, 2006, Vol. 8, n. 12, p. 97-115. Disponível em:

<https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1406>. Acesso em: 27 de abr. de 2025.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LEITE, Miriam. **Retratos de família: Leitura da fotografia histórica**. São Paulo: EDUSP, 1993.

LESSA, Carlos. **O Rio de todos os Brasis**. Uma reflexão em busca da auto-estima. Rio de Janeiro: Record, 2000.

LITORALMANIA. 75 anos da Biblioteca Pública Fernandes Bastos é comemorado em Osório. **Litoralmania**, 3 jul. 2018. Disponível em: <https://litoralmania.com.br/75-anos-da-biblioteca-publica-fernandes-bastos-e-comemorado-em-osorio/>. Acesso em: 25 jun. 2025.

LOPES, Aristeu Elisandro Machado. **Trabalhadores da carne e do couro em 3X4: histórias de trabalho e fotografias nas solicitações de carteira profissional em frigoríficos e curtumes no Rio Grande do Sul, anos 1930/1940**. Porto Alegre: Casaletas, 2023. Disponível em: <https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/13688>. Acesso em: 10 de abr. de 2025.

LUCA, Tânia Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKI, Carla (Org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2008, p. 111-153.

LUCENA, Ricardo de F. **O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro**. Campinas: Autores Associados, 2001.

MACHADO JR., Cláudio de Sá. **Fotografias e códigos culturais**: representações da sociabilidade carioca pelas imagens da revista Careta (1919-1922). 2006. 145 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MACIEL, Thaís Rocha. **Marilyn Monroe**: Contribuições para o padrão de beleza e para a vestimenta da mulher norte-americana da década de 1950. 2017. 19 f. Artigo (Graduação em Design-moda) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

MARIEN, Silvia Trindade. **Trajes de banho no Brasil: modos de olhar e de educar o corpo (1920-1930)**. Campinas, SP: 2008.

Marrichi, Jussara Marques Oliveira. **Vilegiaturas de prazer e a formação de uma cultura burguesa na cidade balneária de Poços de Caldas entre os anos de 1930 e 1940.** Tese (Doutorado em História), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: Fotografia e história interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol.1, nº2, p.73-98, 1996. Disponível em:  
[https://codecamp.com.br/artigos\\_cientificos/ATRAVESDAIMAGEMFOTOGRAFIA.pdf](https://codecamp.com.br/artigos_cientificos/ATRAVESDAIMAGEMFOTOGRAFIA.pdf). Acesso em: 27 de abr. de 2025.

MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, vol. 13, n. 1, p. 133-174, jan./ jun. 2005. Disponível em:  
<https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5417>. Acesso em: 27 de abr. de 2025.

MAUAD, Ana Maria. **Poses e flagrantes. Ensaios sobre história e fotografia.** Niterói: EDUFF, 2008.

MEDEIROS, Daniele Cristina Carqueijeiro de; SOARES, Carmen Lúcia. Entre o curismo e o turismo: a constituição de um pensamento médico-científico sobre as águas termais nas Estâncias Hidrominerais Paulistas (1930–1940). **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História (PUC-SP)**, São Paulo, v. 75, p. 195–220, set.–dez. 2022. DOI:  
<https://doi.org/10.23925/2176-2767.2022v75p195-220>. Disponível em:  
<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/58696>. Acesso em: 8 jul. 2025.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, v.23, n.45, p.11-36, 2003. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/rbh/a/JL4F7CRWKwXXgMWvNKDfCDc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 de abr. de 2025.

MEYRER, Marlise. Revista O Cruzeiro: um projeto civilizador através das fotorreportagens (1955-1957). **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 14, n. 2, p. 197-212, mai./ago. 2010. Disponível em:  
<https://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/4719>. Acesso em: 27 de abr. de 2025.

MONTEIRO, Charles (org.). **Fotografia, história e cultura visual: pesquisas recentes**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

MOURA, Liliane. Tramandaí espera um milhão de visitantes na temporada 2024. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 14 dez. 2023. Disponível em:  
<https://www.jornaldocomercio.com/jornal-cidades/2023/12/1135301-tramandai-espera-um-milhao-de-visitantes-na-temporada-2024.html>. Acesso em: 5 de abr. de 2025

MULLER, Dalila. **"Feliz a população que tantas diversões e comodidades goza": Espaços de Sociabilidade em Pelotas (1840-1870).** Tese (Doutorado), Universidade do Vale do Rio dos Sinos -UNISINOS, São Leopoldo, 2010.

NASCIMENTO, Bruno Nery do. **Entre a “Mendigópolis” e o “Recife Novo”: reforma urbana, higiene e políticas de saúde para as mulheres no governo de**

- Sérgio Loreto (Pernambuco, 1922 - 1926).** 2016. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2016.
- PAIVA, Eduardo França. **História & imagens.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- PAIXÃO, Dario. Hotéis-Cassinos No Brasil: A História do Turismo de Saúde Aliado ao Lazer no Brasil. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE TURISMO DO IGUASSU, 2., 2008, Foz do Iguassu, Paraná. **Anais [...] 2008.**
- PEREIRA, Belarmino da Costa. **Povoa de Varzim como estação Balnear Marítima (Apontamentos subsidiários).** Livraria Povoense Editora, 1906.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). **História cultural: experiências de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- ROQUETTE-PINTO, Edgard. Relatório da excursão ao litoral e à região das lagoas do Rio Grande do Sul. In: WITT, Marcos. **Fontes litorâneas: escritos sobre o Litoral Norte do Rio Grande do Sul.** 1. ed. São Leopoldo: Oikos e UNISINOS, 2012. v. 1. p. 99-132.
- SCHOSSLER, Joana Carolina. **“As nossas praias”: os primórdios da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul (1900 – 1950).** 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- SILVA, Kelson de Oliveira. **A residência secundária no Brasil: dinâmica espacial e contribuições conceituais.** São Paulo: Editora Livraria da Física, 2012.
- SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade;** tradução Pedro Caldas. - Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- SOARES, Leda Saraiva. Construção da primeira igreja de Tramandaí. **Blog Leda Saraiva Soares**, 2010. Disponível em:  
<https://ledasaraivasoares.blogspot.com/2010/06/construcao-da-primeira-igreja-de.html>. Acesso em: 15 jun. 2025.
- SOARES, Leda Saraiva. **Tramandaí – Imbé: 100 anos de história.** Porto Alegre: EST edições, 2008.
- SOARES, Leda Saraiva; PURPER, Sonia. **Tramandaí: terra e gente.** Tramandaí: AGE, 1985.
- SONTAG, Susan. **Sobre fotografia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SOULAGES, François. **Estética da fotografia: perda e permanência.** São Paulo: SENAC, 2010.
- SOUZA, Gilda de Mello E. **O espírito das roupas: a moda no século dezenove.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- STAROBINSKI, Jean. **As máscaras da civilização: ensaios.** Tradução de Samuel Titan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- STOCKER JR., Jorge Luis. Cine Caiçara - cinema de rua em Tramandaí (RS). **Memória [drops] RS**, 25 ago. 2013. Disponível em:  
<https://memoriadrops.blogspot.com/2013/08/cine-caicara-cinema-de-rua-em->

[tramandai.html](#). Acesso em: 5 de abr. de 2025.

VIEIRA, Daniele Machado. **Territórios negros em Porto Alegre/RS (1800-1970): geografia histórica da presença negra no espaço urbano**. 2017. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

VIGARELLO, Georges. **O limpo e o Sujo: Uma história da higiene corporal**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WEBER, Eugen. **Fraça fin-de- siècle**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

## ANEXOS

**Anexo 1: Ficha de análise das fotografias**

<b>ANO</b>	
<b>LOCAL RETRATADO</b>	
<b>PESSOAS RETRATADAS</b>	
<b>TEMA RETRATADO</b>	
<b>TEMPO RETRATADO (DIA/NOITE)</b>	
<b>SENTIDO DA FOTO (HORIZONTAL/VERTICAL)</b>	
<b>NITIDEZ</b>	
<b>CONDIÇÕES MATERIAIS DA FOTOGRAFIA</b>	
<b>OBJETO CENTRAL</b>	
<b>PRODUTOR</b>	
<b>NÚMERO DA FOTO</b>	
<b>CAPÍTULO DA DISSERTAÇÃO</b>	

## **TERMO DE RESPONSABILIDADE DE PLÁGIO**

Eu, Lilian Oliveira Trevisan Lima, matricula nº 23100777 declaro para todos os fins que o texto em forma de (X) Dissertação de mestrado ou ( ) Tese de Doutorado, intitulado “No mar estava escrita uma cidade”: Registros fotográficos do veraneio em Tramandaí (1900-1960), é resultado da pesquisa realizada e de minha integral autoria. Assumo inteira e total responsabilidade, sujeitando-me às penas do Código Penal (“Art. 184. Violar direitos de autor e os que lhe são conexos”).

Pelotas, 16 de julho de 2025.

Lilian O. T. Lima

**ASSINATURA**